

A photograph of a golden-brown loaf of bread, possibly a challah or similar braided bread, resting on a light-colored wooden cutting board. The background is a neutral, slightly blurred grey. The text is overlaid on the lower half of the image.

UM SÓ CORPO NA PRÁTICA

Bruce Anstey

Um Só Corpo na Prática

Bruce Anstey

"The One Body in Practice", por Bruce Anstey

Tradução de Mario Persona - contato@mariopersona.com.br

Edição em inglês publicada por:
CHRISTIAN TRUTH PUBLISHING
12048 – 59th Ave.
Surrey, BC V3X 3L3
CANADA

Os versículos citados são da Bíblia Versão Almeida Corrigida Fiel ou Almeida Revista e Atualizada.

Visite o site www.umcorpo.blogspot.com

Sumário

Prefácio	4
Capítulo 1 - O Corpo de Cristo e Sua Manifestação Prática	5
A Formação do "Um Só Corpo"	5
Quando e como o "corpo de Cristo" passou a existir?	5
Quando os cristãos são acrescentados ao corpo?	7
A União Com Cristo e a Unidade no Corpo	9
O Desejo do Senhor por uma Unidade Visível no Corpo	10
Andar de Modo Digno de Nossa Vocação é Expressar na Prática Que Somos	11
"Um Só Corpo" na Prática	13
O Partir do Pão	14
A Ordem na Assembleia	15
O Testemunho da Assembleia	16
A Formação de Novas Assembleias	16
Questões de Comunhão Entre Assembleias	19
Questões de Disciplina na Assembleia	20
A Decisão de "Ligar" e "Desligar"	22
Um Exemplo Prático de Unidade	24
Capítulo 2 - A Ruína na Cristandade e o Testemunho Remanescente	26
A Ruína do Testemunho Cristão	27
Um Remanescente	28
O Modo de Deus Agir Para Com Israel	29
O modo de Deus Agir Para Com a Igreja	33
O Modo de Deus Agir Para Com os Judeus na Tribulação	39
Segunda Epístola a Timóteo 2:19-22	41

Purificando-se.....	43
“Destes” e “Com os que”	44
Seguindo a Justiça, a Fé, o Amor, e a Paz.....	46
Capítulo 3 - A Assembleia Revestida da Autoridade do Senhor	48
Mateus 18:18-19.....	48
A Assembleia é Revestida de Autoridade, não de Infalibilidade.....	50
O Caso de uma Decisão Injusta da Assembleia	53
“Qualquer coisa”	56
Tunbridge Wells.....	61
As Razões Ocultas	66
A Reunião Administrativa de Irmãos	67
A Unanimidade não é Necessária nas Decisões da Assembleia	69
A Assembleia Não é uma Democracia.....	70
São os Líderes na Assembleia que têm Peso Moral	73
Opiniões Contrárias.....	74
Quando Ocorre um Impasse Entre os Irmãos Responsáveis na Assembleia	78
Capítulo 4 - O Terreno Bíblico de Reunião: Mateus 18:20	80
“Onde”	80
Fora do Arraial.....	83
“Dois ou Três”	85
“Estiverem Reunidos”	86
Juntos	88
“Ao Meu Nome”	90
“Aí estou Eu no meio deles”	92
Dois Aspectos da Assembleia	93
A Assembleia Local	94
A Mesa do Senhor.....	100
“Dentro” e “Fora”.....	103
Conclusões	104
Capítulo 5 - Existe Mais de Um Testemunho Divinamente Reconhecido?	105
Imitação	107
Novos Grupos que Procuram Seguir o Padrão Bíblico para Reunir	110
A Acusação de Sectarismo	113
Nossa Responsabilidade Para Com Aqueles que Não Estão Congregados.....	115
Nossa Responsabilidade Para com os que Abandonaram o Divino Centro de Reunião	117
Apêndice - Grupos cismáticos dentre os conhecidos como “Irmãos”	120

Prefácio

A maior parte deste volume foi escrita na mesma época de “A Ordem de Deus”, um livro sobre a assembleia que publiquei em 1993. Nos últimos anos acrescentei vários parágrafos a esta obra até atingir o tamanho atual. Por estar ciente de que alguns tópicos abordados neste livro certamente iriam causar certo constrangimento em algumas pessoas, decidi esperar no Senhor antes de torná-lo público. Nesse ínterim entreguei o manuscrito a alguns irmãos respeitadas e versados nas Escrituras para que apresentassem suas sugestões — pelas quais estou extremamente grato.

Depois de muito esperar no Senhor em oração e tendo recebido o encorajamento de muitos irmãos de longe e de perto, creio que seja da vontade do Senhor publicar este volume como uma sequência ao livro “A Ordem de Deus”. Meu desejo é que a verdade aqui compilada venha a ser para a exaltação do Senhor Jesus Cristo e para a bênção dos membros de Seu corpo.

As passagens bíblicas na edição em inglês foram tiradas da King James Version e da New Translation de J. N. Darby. Salvo indicação em contrário, nesta tradução para o português são utilizadas as versões Almeida Corrigida Fiel (ACF), Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Almeida Revista e Atualizada (ARA).

Desejamos expressar a profunda dívida que temos para com aqueles irmãos que gentilmente nos ajudaram na revisão e formatação do texto.

Que o efeito das verdades concernentes ao corpo de Cristo e sua manifestação prática possam nos levar para mais perto do Senhor Jesus Cristo, gerando em nós o exercício de caminharmos na senda que Deus preparou para a igreja em Sua Palavra.

Capítulo 1 - O Corpo de Cristo e Sua Manifestação Prática

A verdade do *“um só corpo”* de Cristo e sua manifestação prática (Ef 4:4) talvez seja uma das menos compreendidas da Bíblia. Mesmo assim, ela é claramente encontrada em quatro epístolas do apóstolo Paulo — Romanos, 1 Coríntios, Efésios e Colossenses. Cremos que esta falta de compreensão resulta do trabalho do inimigo de nossas almas, o diabo, que tem procurado empregar toda a sua energia para afastar da igreja esta bendita verdade. A prática da verdade do *“um só corpo”* é atualmente um dos mais atacados e deturpados temas da verdade bíblica. Portanto, é com muita dependência do Senhor que sigo adiante tratando deste assunto.

A Formação do “Um Só Corpo”

O “corpo de Cristo” engloba os muitos cristãos espalhados por todo o mundo (independente da comunhão denominacional à qual possam estar associados), os quais estão ligados em um só corpo e unidos a Cristo, a Cabeça do corpo no céu. Trata-se de uma união mística (pois não pode ser vista) mantida coesa pela habitação do Espírito de Deus.

Quando e como o “corpo de Cristo” passou a existir?

Quando examinamos as Escrituras descobrimos que o “corpo de Cristo” não existia nos tempos do Antigo Testamento. Na verdade, ele nem mesmo aparece na revelação do Antigo Testamento. O Senhor Jesus Cristo precisava primeiro morrer, ressuscitar e

ascender ao céu como um Homem glorificado antes que a igreja pudesse ser formada.

Duas coisas eram absolutamente necessárias antes que o “corpo de Cristo” pudesse ser trazido à existência: Cristo precisava ser glorificado e o Espírito Santo precisava ser enviado do céu. Uma das grandes obras do Espírito Santo ao vir ao mundo foi formar a igreja, o corpo de Cristo na terra. Essa obra é chamada de batismo do Espírito. Trata-se de uma ação do Espírito que só ocorreu uma vez (1 Co 12:12-13). Nas Escrituras, ser batizado com o Espírito não é uma experiência individual. Trata-se de uma ação corporativa que ocorreu no dia do Pentecostes em Atos 2 e se estendeu até incluir os gentios em Atos 10. A partir daí o batismo do Espírito estava completo e válido para todas as épocas. [ver nota]

[Nota: Dois erros comuns relacionados ao batismo do Espírito são: 1º) o ponto de vista Pentecostal ou Carismático — de que seja uma experiência pela qual o cristão deveria passar em algum momento depois de sua salvação, quando ele seria cheio do Espírito e, por conseguinte, estaria capacitado a falar em línguas ou operar milagres. 2º) O ponto de vista tradicional e não carismático — de que os crentes seriam batizados com o Espírito no momento em que fossem salvos, e que não seria necessária qualquer experiência adicional. A segunda ideia provavelmente foi inventada por cristãos com boas intenções para combater a primeira. Todavia, ambas estão erradas.]

Isto pode ser visto observando-se as sete referências ao batismo do Espírito nas Escrituras. Cinco delas apontavam para uma ação do Espírito ainda futura em relação à época em que foram anunciadas, porém sem especificar quando isso ocorreria (Mt 3:11; Mc 1:8; Lc 3:16; Jo 1:33; At 1:5). A quinta e sexta referências apontam para uma ação do Espírito ocorrida no passado em relação ao tempo atual, que só pode ser o que aconteceu no dia de Pentecostes, quando o Espírito de Deus desceu para formar a igreja e habitar nela. A sexta, em Atos 11:16, conecta o batismo do Espí-

rito com o Pentecostes. A sétima, em 1 Coríntios 12:13, também se refere ao passado, ao dizer: “*Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo*” (ARA).

Quando os cristãos são acrescentados ao corpo?

Ao contrário do que pensam muitos cristãos atualmente, os crentes não são acrescentados ao corpo pelo batismo do Espírito, já que a obra do Espírito em batizar está completa e aconteceu de uma vez para sempre no início da história da igreja. Repare com atenção que 1 Coríntios 12:13 não diz, como alguns imaginam, “*fomos todos nós batizados no corpo*” (acrescentando o artigo “o”, que não faz parte do texto). Se assim fosse, então poderia indicar que as pessoas hoje são acrescentadas individualmente ao corpo pelo batismo do Espírito. O acréscimo do artigo “o” muda consideravelmente o sentido e pressupõe que o corpo já existisse antes mesmo de ocorrer o batismo. Todavia, o versículo diz “...batizados em um só corpo”, significando que foi o batismo que formou o corpo. O Espírito de Deus tomou todos os crentes individuais que estavam naquele cenáculo no dia de Pentecostes e os conectou, por meio de Sua presença, a Cristo, a cabeça que ascendeu ao céu (Atos 2:1-4).

J. N. Darby observa que, em 1 Coríntios 12:13, a ação verbal do Espírito ao batizar está no tempo *aorista* do grego, o que significa uma ação definitiva, feita de uma vez por todas. Portanto, isto mostra que o Espírito não continua executando essa ação, pois a obra da formação do corpo já foi feita. Podemos dizer com toda a certeza que o Espírito não está batizando hoje; se estivesse, isto significaria que Ele estaria formando mais e mais corpos (pois é esta a função do batizar do Espírito). Evidentemente não é o que acontece, pois as Escrituras nos dizem enfaticamente que “*há **um só** corpo*” (Ef 4:4). Alguns podem indagar que, se assim for, então por que Paulo teria falado de si e dos coríntios como tendo sido batizados pelo Espírito? Eles nem mesmo estavam salvos quando

o Espírito desceu e formou a igreja no dia de Pentecostes! A resposta é que Paulo estava falando de forma *representativa*. Ele disse: “Nós” — o conjunto de cristãos como um todo — “*fomos batizados em um só corpo*”, referindo-se à ação passada realizada pelo Espírito no dia de Pentecostes. Se ele estivesse falando especificamente de si e dos coríntios ao dizer “nós”, então isto significaria que apenas eles (Paulo e os coríntios) teriam sido batizados em um só corpo, o que certamente não poderia ser verdade, pois o que dizer então dos santos em Éfeso e em Filipos? O único significado lógico para a declaração de Paulo é que ele estava falando representativamente de todos os membros do corpo.

Isto é semelhante à incorporação de uma empresa. Ela é incorporada uma vez — e isso pode ter acontecido há cem anos. Agora que a empresa já foi formada, cada vez que contrata um novo funcionário ela não precisa ser incorporada novamente. Tampouco existe algo como cada novo funcionário na empresa ser incorporado. O novo funcionário é simplesmente acrescentado à empresa que já foi incorporada. Do mesmo modo, quando hoje alguém é salvo, essa pessoa é acrescentada pelo habitar do Espírito em si a um corpo já batizado. Não há um novo batismo para a companhia cristã como um todo, ou para o novo crente em particular.

Para ampliarmos um pouco mais nosso exemplo, suponha que ao participarmos de uma das reuniões de diretoria dessa empresa escutamos um dos diretores dizer: “Nós fomos incorporados há 100 anos”. Não teríamos dificuldade alguma em entender o que ele quis dizer. Alguém que não entendesse bem a linguagem poderia até exclamar: “O que ele quer dizer com isso? Ninguém nesta sala tem mais de 60 anos de idade, como poderia falar de ‘nós... há cem anos?’” Bem, é porque o diretor estava falando representativamente da empresa. Do mesmo modo, em 1 Coríntios 12:13 Paulo falava daquilo que é verdadeiro acerca do corpo de Cristo, do qual ele e os coríntios faziam parte. Imaginando que estivéssemos falando de uma “empresa” quando Paulo, os corín-

tios e nós fomos salvos e introduzidos no um só corpo ao cremos no evangelho, então estamos todos incluídos no batismo que ocorreu no dia de Pentecostes.

A União Com Cristo e a Unidade no Corpo

Como consequência da formação do corpo de Cristo pelo batismo do Espírito existe uma **união** e também uma **unidade**. Há uma diferença entre os dois termos.

União é aquilo que existe como consequência do Espírito de Deus ter descido do céu conectando os membros do corpo na terra a Cristo, a Cabeça, no céu (1 Co 12:12-13). As Escrituras não falam de união com Cristo em Sua deidade pré-encarnação. Tampouco elas falam de união com Ele em sua Humanidade antes de ir para a cruz. E as Escrituras nunca falam de união com Cristo em Sua morte. Não poderia haver união até que Cristo ressuscitasse de entre os mortos e ascendesse às alturas, e enviasse o Espírito de Deus a este mundo para formar a igreja. Não poderia ter existido o corpo sem antes a Cabeça estar no céu. Isso exigia que Cristo morresse, ressuscitasse, e ascendesse às alturas. Após ressuscitar de entre os mortos, o Senhor soprou nos discípulos dizendo, “*Recebei o Espírito Santo*” (Jo 20:22). Ao fazer isso o Senhor ligou os Seus consigo em ressurreição, comunicando-lhes vida ressurreta — a vida eterna. Mas foi só depois de Ele ter ascendido às alturas e enviado o Espírito que eles foram introduzidos naquela união com Ele. Tampouco devemos pensar que essa união com Cristo existe meramente em nossa fé; ela existe pela real presença do Espírito Santo habitando em nós. O Espírito desceu para unir aquele grupo de crentes ao Homem Cristo Jesus na glória. [W. T. P. Wolston, “The Church, What is it?” p. 109]

Unidade, por outro lado, é o que existe entre os membros pela presença do Espírito habitando neles. Não somos exatamente chamados a fazer “*a unidade do Espírito*”, mas a “*guardar a unidade do*

Espírito” (Ef 4:3). Sempre que os santos procuram “guardar a unidade do Espírito” na prática, existe uma harmonia maravilhosa entre os membros, a qual resultará em um poderoso testemunho para o mundo (Jo 13:35; 17:21). Vemos esta unidade prática expressada na igreja primitiva (At 2:44; 4:32).

O Desejo do Senhor por uma Unidade Visível no Corpo

Sabemos pela Palavra de Deus que o desejo do Senhor era “*reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos*”, para que existisse “*um rebanho e um Pastor*” (Jo 11:51-52; 10:16). Antes de ir à cruz Ele orou para isso, dizendo: “*Pai santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós*”. E também: “*Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste*” (Jo 17:11, 21). Embora estes versículos no evangelho de João não falem diretamente da verdade da unidade do corpo de Cristo, mas sim da unidade na família de Deus, eles mostram claramente qual é o desejo do Senhor para o Seu povo, que todos fossem encontrados juntos em uma unidade visível sobre a terra.

Inicialmente o Senhor revelou em Mateus 18:20 os Seus pensamentos de uma unidade prática e manifesta no Seu povo, quando disse: “*Porque, onde estiverem dois ou três **reunidos** em Meu nome, aí estou Eu no meio deles*”. Ao dizer “*reunidos*” o Senhor estava se referindo a algo muito precioso ao Seu coração — **que a comunhão prática entre os santos fosse uma só**. Ele desejava que todos os que o Espírito de Deus viesse a congregar ao Seu Nome, onde quer que estejam na terra, estivessem “*reunidos*”. Isto não significa que todos deveriam estar congregados geograficamente em um mesmo lugar (como era Jerusalém no judaísmo), mas que eles agissem de um comum propósito nas várias localidades onde o Espírito os tivesse congregado, a fim de exprimirem de forma

universal o fato de serem um. Apesar de Ele não dizer mais nada acerca do assunto naquela ocasião, o Seu desejo para a assembleia desde o princípio foi que existisse uma comunhão universal dos santos.

Mas alguém poderá pensar que estamos enxergando na palavra “*reunidos*” mais do que ela realmente quer dizer, e isto seria verdade se tivéssemos apenas o versículo de Mateus 18:20 falando de como congregar. Mas quando interpretamos esta passagem à luz do completo teor da revelação cristã contido no livro de Atos e nas epístolas, podemos ver que o Senhor estava indicando a verdade da unidade da igreja. Em Mateus 18 ela é apenas sugerida, pois os discípulos ainda não tinham o Espírito e seriam incapazes de entendê-la (Jo 14:25-26; 16:12). O Senhor fez o mesmo em diversas ocasiões de Seu ministério, dando apenas a semente da verdade e deixando que ela fosse desenvolvida por intermédio dos apóstolos depois da vinda do Espírito.

Além disso, aprendemos de João 10:16 que Ele não queria que o Seu povo fosse encontrado em rebanhos distintos e independentes, mas que existisse “*um rebanho*”, não importa em que lugar da terra os santos estivessem espalhados. Haveria muitas reuniões, mas um único rebanho. Mais uma vez isto aponta para o fato de que só deveria existir uma comunhão universal de santos sobre a terra. Não era a intenção de Deus que a comunhão fosse apenas local, confinada a um único grupo de crentes em uma cidade ou aldeia. À medida que o evangelho alcançasse muitas regiões e muitos fossem convertidos, haveria naturalmente muitas reuniões espalhadas pelo mundo, mas o Senhor queria que elas ainda assim continuassem a ser uma única comunhão e um único testemunho.

Andar de Modo Digno de Nossa Vocação é Expressar na Prática Que Somos “Um Só Corpo”

Quando abrimos as epístolas descobrimos já desenvolvido aquilo que o Senhor apenas mencionou nos Evangelhos. As epístolas aos Efésios e Colossenses, em especial, desvendam a verdade do “*grande mistério*” de Cristo e da igreja, que é o Seu corpo (Ef 5:32). A primeira grande responsabilidade coletiva da igreja é “*andar como é digno da vocação*” em que ela foi chamada (Ef 4:1). E como os membros do corpo podem “*andar como é digno*”? Alguns talvez digam que eles devem fazer isso vivendo corretamente como bons cidadãos na comunidade, mas não é este o assunto desta passagem das Escrituras. Evidentemente os cristãos deveriam se preocupar em andar corretamente diante do mundo, mas o contexto da passagem indica que a exortação para “*andar como é digno*” de nossa vocação tem em vista a revelação do mistério de Cristo e Sua igreja — o corpo.

Enquanto admoesta os santos a “*andar como é digno*” de sua vocação, o apóstolo acrescenta: “*Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo*” (Ef 4:2-4).

Portanto fica claro que a igreja deve andar de modo digno de sua vocação colocando em prática a verdade de que ela é “*um só corpo*”. Assim aprendemos que o Senhor não quer que a verdade do “*um só corpo*” seja uma mera teoria na mente de Seu povo. Os santos devem exercitar a humildade, mansidão etc., a fim de guardar “*a unidade do Espírito*”, para por meio dela expressarem a verdade de que “*há um só corpo*”.

Mas o que é exatamente a “*unidade do Espírito*”? (Ef 4:3) É “*aquela unidade na qual o Espírito de Deus nos dirige em conformidade com a verdade*” [Notes of General Meetings”, St. Louis, MO, Nov. 1925]. Não somos chamados a guardar a unidade do corpo, mas sim a unidade do Espírito. Isto porque a unidade do corpo é algo vital que o Espírito de Deus formou no dia de Pentecostes, unindo todos os membros do corpo à Cabeça no céu. Nenhum poder ou inimigo pode romper a unidade do corpo, pois é o próprio Deus quem a mantém. Porém, a unidade do Espírito é uma unidade

prática entre os crentes, e somos responsáveis por guardá-la, o que é também um privilégio. F. G. Patterson disse que guardar “**a unidade do Espírito** é procurar guardar na prática aquilo que já existe de fato”. E o que é que existe de fato? A passagem segue dizendo — “há um só corpo”. Alguém comentou que “a unidade do Espírito” é “aquela que o Espírito está formando para dar uma real expressão à verdade do um só corpo” [“Can Christians be Gathered in Only One Place?” - Notes of Ottawa General Meetings - Apr. 1987, p. 8]. Concluímos que os cristãos devem andar de modo digno de sua vocação colocando em prática a verdade de que são “um só corpo”. Esta é a primeira e grande responsabilidade coletiva da igreja, e é também a vontade de Deus que essa unidade possa ser expressa universalmente — onde quer que o corpo esteja na terra. Tal unidade não poderia ser algo meramente local, pois o corpo não é local.

Os membros do corpo de Cristo devem expressar sua **unidade** na prática (Rm 12:4-6; 1 Co 12:12-27; Ef 4:1-16). Para auxiliar os santos a caminhar juntos e alcançar aquilo que Deus deseja para eles praticamente, Cristo, a Cabeça exaltada do corpo, proveu tudo o que era necessário para a igreja atingir esse objetivo. Ele deu “dons” à igreja a fim de ajudar os santos a compreenderem seus privilégios e responsabilidades no corpo, para que pudessem andar de modo digno de sua vocação (Ef 4:7-16). Se o ministério dos dons for recebido (assumindo que os dons sejam usados com discernimento e dependência de Deus) o corpo será edificado e levado à “unidade da fé” e ao “conhecimento do Filho de Deus”. “Pelo auxílio de todas as juntas” (os diversos membros) o corpo será edificado em amor. A consequência prática será a unidade visível observada entre os muitos membros do corpo.

“Um Só Corpo” na Prática

Tendo ficado claro que o Senhor deseja que exista uma expressão visível do “um só corpo” entre o Seu povo, apresentamos agora algumas maneiras de como o corpo de Cristo deve se expressar

como tal segundo as Escrituras. Isto pode ser visto no que se segue:

O Partir do Pão

O modo mais simples de nós crentes expressarmos que fazemos parte do “*um só corpo*” é participando do um só pão no partir do pão. Ao participarmos daquele pão na ceia do Senhor estamos confessando o fato de sermos membros desse “*um só corpo*” (Ef 4:4). Embora exista um pão sendo comido em cada assembleia onde os santos forem encontrados na terra, as Escrituras consideram todas as assembleias como participantes de *um só pão!* Paulo disse: “*Nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo, porque todos [nós] participamos do mesmo pão.* (1 Co 10:17). Também, “*o pão que [nós] partimos...*”. Estas declarações demonstram que Paulo se incluía com os coríntios e outros cristãos na terra como participantes daquele um só pão, embora na época eles estivessem espalhados por muitas cidades. Isto mostra que ele não estava se referindo a algum grupo isolado de cristãos partindo o pão para expressar sua unidade local como assembleia: tratava-se de uma confissão do fato universal de que todos os santos são parte desse “*um só corpo*”.

As referências ao partir do pão em 1 Coríntios 10:16-17 e 1 Coríntios 11:24-26 trazem algumas diferenças. No capítulo 10 trata-se do *ato coletivo* do partir do pão. Ali diz: “*o pão que [nós] partimos*”. O capítulo 11, por sua vez, mostra o *ato individual* do partir do pão. Ali diz: “*Faizei [vós] isto...*”. Além disso, o partir do pão no capítulo 10 simboliza o *corpo místico* de Cristo, enquanto no capítulo 11 ele simboliza o *corpo físico* com o qual o Senhor morreu. (Repare aqui que o Seu corpo não foi “partido” por nós, como traz a versão Almeida Revista e Corrigida, mas simplesmente dado por nós, como aparece na Almeida Revista e Atualizada, pois as Escrituras dizem que “*nenhum dos Seus ossos será quebrado*” — Jo 19:33-36). Além disso, o capítulo 10 tem a ver com as *associações* daque-

les que estão à mesa do Senhor, enquanto o capítulo 11 trata da *condição pessoal* daqueles que partem o pão.

A Ordem na Assembleia

Quando observamos mais de perto a Epístola aos Coríntios, vemos esta verdade apresentada nas circunstâncias práticas da vida em assembleia. Vemos que Paulo procurava manter a uniformidade de doutrina e prática nas assembleias em todo o mundo (1 Co 1:2, 7:17, 11:16, 14:33-34, 16:1). Sua preocupação era que todas as assembleias andassem juntas, e assim tivessem um único e singular testemunho perante o mundo. Quando olhamos para a igreja primitiva vemos essa unidade na prática.

Havia uma só comunhão estabelecida por Deus, à qual todos os crentes eram chamados — *“à comunhão de Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”* (1 Co 1:9), independente de onde estivessem na terra. A igreja primitiva perseverava nessa comunhão (At 2:42). Eles não buscavam outra comunhão (At 4:23).

Havia também apenas uma membresia para todos os santos universalmente (globalmente) — membros do corpo de Cristo. Paulo podia dizer: *“Porque, assim como o corpo [humano] é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.”* — o corpo místico de Cristo (1 Co 12:12). As Escrituras desconhecem qualquer outro tipo de membresia que não seja a de membros do corpo de Cristo. Não existe nas Escrituras algo como ser membro de uma assembleia local, ainda que às vezes escutemos pessoas dizendo coisas do tipo *“Todos os membros desta assembleia...”*. [Ver nota]

[Nota: O termo *“o Cristo”* geralmente se refere à união da Cabeça no céu com os membros do corpo na terra.]

Havia apenas um padrão de doutrina e prática para todas as assembleias. Paulo dizia: *“...como por toda a parte ensino em cada igreja”* (1 Co 4:17).

Havia um padrão de conduta comum a todos, independente da cultura. Paulo dizia: *“É o que ordeno em todas as igrejas”* (1 Co 7:17).

Uma prática comum, na oração ou profecia, era reconhecer a cabeça mediante o uso de coberturas para cabeça. Neste sentido Paulo podia dizer, *“Não temos tal costume, nem as igrejas de Deus”*. Eles não tinham tal ideia ou costume de contenderem ou discordarem acerca disso (1 Co 11:16).

Havia uma ordem para o ministério nas assembleias. O Espírito de Deus estava no meio usando os dons que existiam em cada assembleia local para a edificação de todos. Paulo, após apresentar esta ordem, disse: *“Como em todas as igrejas dos santos”* (1 Co 14:33).

Havia um uso comum dos fundos acumulados em suas coletas voltado para o interesse de Cristo e do Seu corpo. Paulo repetia: *“façei vós também o mesmo que ordenei às igrejas”* (1 Co 16:1). Andando juntos em uma só comunhão, eles reconheciam as necessidades uns dos outros e buscavam supri-las universalmente (1 Co 16:3; Rm 15:25-26).

O Testemunho da Assembleia

Os coríntios eram a representação local de Cristo naquela comunidade. Na segunda epístola de Paulo aos Coríntios ele escreveu: *“Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo”* (2 Co 3:3). Repare que ele não diz *“as cartas”* de Cristo, como geralmente alguns fazem ao mencionar a passagem, mas *“a carta (singular) de Cristo”*. Apesar de seu testemunho coletivo ser formado de muitos indivíduos, e de existirem muitas reuniões naquela grande cidade, o grande objetivo daquilo tudo era demonstrar uma unidade singular e unificada perante o mundo.

A Formação de Novas Assembleias

No caso de novos convertidos e da formação de novas assembleias sobre esta base de comunhão, vemos que quando o Espírito de Deus começava uma obra em algumas pessoas, Ele tinha o cuidado de ligar essas pessoas às outras sobre o mesmo terreno, de modo que a *“unidade do Espírito”* fosse mantida. Dos santos em Tessalônica é dito: *“Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Jesus Cristo”* (1 Ts 2:14). Isto não significa que as assembleias na Judéia fossem mais importantes e que as outras deviam segui-las. Trata-se simplesmente do fato de que o Espírito havia iniciado na Judéia a Sua obra de reunir as almas ao Nome do Senhor Jesus, e à medida que outras pessoas eram salvas, elas eram ligadas em uma comunhão prática àquilo que o Espírito de Deus já tinha começado.

No livro de Atos vemos as diversas assembleias locais caminhando juntas na prática, de modo a expressarem a verdade de que eram um só corpo. Isto pode ser visto em Atos 8:4-24. Muitos em Samaria vieram a crer no Senhor Jesus por intermédio da pregação de Filipe, todavia o Espírito de Deus não os considerou como estando no terreno da assembleia até que tivessem recebido o Espírito e entrado numa comunhão prática com aqueles que o Espírito já tinha congregado ao Nome do Senhor Jesus em Jerusalém. A fim de guardar *“a unidade do Espírito”*, dois representantes desceram de Jerusalém e impuseram suas mãos sobre aqueles em Samaria (uma expressão de comunhão prática — Gl 2:9), enquanto o Espírito de Deus Se identificava com eles. C. H. Brown escreveu; *“Deus não permite que os samaritanos tenham um reconhecimento oficial como pertencentes à igreja (assembleia) até que sejam reconhecidos por estes emissários que desceram de Jerusalém”* (C. H. Brown, *“The Ground of Gathering”*, p. 10). O Espírito de Deus tomava o cuidado de ligar esses crentes juntamente com aqueles em Jerusalém, de modo que na terra existisse *uma só* expressão prática do *“um só corpo”*, muito embora naquele momento esta verdade ainda não tivesse sido revelada.

Quando o apóstolo Paulo encontrou-se com um grupo de crentes em Éfeso que desconheciam outros com os quais Deus já havia trabalhado, ele descobriu que o Espírito de Deus ainda não os considerava como estando no terreno divino da assembleia (Atos 19:1-6). Eles não foram reconhecidos como estando no terreno do “*um só corpo*” até que tivessem o Espírito e participassem de uma comunhão prática (pela imposição de mãos) com aqueles que o Espírito já havia reunido. Em referência a este grupo de crentes C. H. Brown também escreveu: “*Eles necessitavam algo mais. Eles precisavam ser introduzidos na mesma unidade já existente. Eles não podiam ser considerados como se ocupassem um terreno diferente do restante deles. Paulo não poderia dizer, ‘Apesar de vocês não estarem no mesmo terreno dos que estão em Antioquia, ou em Jerusalém, vocês têm uma boa bagagem de verdade, e irei simplesmente deixar vocês como estão’. Ah, não, Paulo quer certificar-se de que eles sejam trazidos para o mesmo terreno que os outros ocupavam. Eles foram introduzidos na mesma coisa que tinha sido formada antes mesmo que tivessem ouvido falar dela*” (C. H. Brown, “The Ground of Gathering”, p. 13-14). Mais uma vez vemos o cuidado e a sabedoria de Deus em guardar “*a unidade do Espírito*” para que viesse a existir uma só expressão prática da verdade do “*um só corpo*”. [Ver nota]

[Nota: É verdade que nos dois exemplos citados no livro de Atos as pessoas ainda não tinham o Espírito, portanto evidentemente ainda não estavam sobre um fundamento cristão. Mas como mostra C. H. Brown, estas passagens nos ensinam um importante princípio do modo como Deus age no sentido de manter uma expressão prática da verdade do “*um só corpo*”. Por meio desses incidentes somos ensinados pelo Espírito quais são os pensamentos de Deus acerca da “*unidade do Espírito*”.]

Isto é ilustrado na forma de tipos em Esdras 7-10. Deus havia começado uma nova obra ao trazer o seu povo de volta da Babilônia para o centro divinamente designado naquela época que era Jerusalém (1 Rs 11:32, 14:21). Cerca de 42.000 pessoas retornaram sob o comando de Zorobabel e Jesuá (Esdras 1-3). Por volta

de 68 anos mais tarde outros foram igualmente tocados para que retornassem a Jerusalém (Ed 7-8). Quando retornaram, descobriram que Deus tinha estado trabalhando de maneira semelhante com outros muito tempo antes de eles terem sido exercitados a respeito dessas coisas. Eles não encontraram ali um grupo perfeito de judeus (Ed 9), mas sabiam que aquele era o único lugar correto para o povo escolhido por Deus adorar. Portanto eles se identificaram com o testemunho já existente em Jerusalém. Não havia qualquer pensamento de se estabelecer outro centro de reunião separado daquele que já existia ali, pois não era da vontade de Deus que existissem dois grupos independentes de judeus em Jerusalém.

É digno de nota que os crentes em Samaria (At 8), Antioquia (At 11) e Éfeso (At 19) não foram chamados de “assembleia” (ou “igreja”) até **depois** de estarem todos ligados “*juntamente*” em uma comunhão prática com os apóstolos e com os irmãos já congregados sobre o terreno da assembleia. Antes disso eles eram mencionados meramente como crentes ou discípulos que estavam em uma determinada localidade. Depois de terem sido introduzidos na comunhão com os apóstolos e com os irmãos sobre o terreno da assembleia é que os encontramos sendo chamados de “*a assembleia*” ou “*igreja*” em tal e tal lugar (At 9:31, 11:26, 20:17).

Além disso, onde quer que as Escrituras falem da igreja em um determinado lugar (cidade ou vila), elas nunca falam de igrejas (no plural) em tal e tal lugar, mas simplesmente de “*a igreja (singular) de Deus que está em Corinto*”, por exemplo. Mesmo que existissem várias reuniões em uma determinada cidade, como em Corinto, elas eram sempre mencionadas como sendo uma assembleia (1 Co 1:2 etc.). Isto porque a igreja em qualquer localidade deve ser um único testemunho visível. As Escrituras, porém, falam de “*igrejas*” quando se referem a províncias, pois uma província é formada por muitas cidades ou localidades (Gl 1:2, 22; Ap 1:11).

Questões de Comunhão Entre Assembleias

Vemos também o “*um só corpo*” na prática nas questões administrativas relacionadas à comunhão entre assembleias. A igreja nas Escrituras utilizava “*cartas de recomendação*” (At 18:24-28; Rm 16:1; 2 Co 3:1-3). Estas cartas eram enviadas de uma assembleia local para outra, encomendando uma ou mais pessoas à comunhão prática da assembleia à qual se dirigissem. Tais cartas **não eram** para pedir aos irmãos da assembleia destinatária para que introduzissem a pessoa à comunhão. Os irmãos daquela assembleia não precisariam examinar a vida dessa pessoa para ver se professava a sã doutrina e era piedosa em seu andar; isto já tinha sido feito quando ela foi recebida à comunhão dos santos sobre o terreno do “*um só corpo*”. A carta informava que aquela pessoa já estava em comunhão e que a assembleia à qual se dirigia deveria recebê-la como tal.

A razão é que uma vez que uma pessoa esteja em comunhão em uma localidade, ela está em comunhão com os santos reunidos universalmente sobre esse mesmo terreno do “*um só corpo*”. Como já foi mencionado, era feito assim por existir apenas uma comunhão — “*a comunhão de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor*” (1 Co 1:9). Uma vez que todas as questões administrativas concernentes à assembleia deviam ser resolvidas com base na “*boca de duas ou três testemunhas*” (2 Co 13:1), dois ou três irmãos da assembleia local de onde a pessoa vinha assinavam a referida carta.

Questões de Disciplina na Assembleia

O “*um só corpo*” na prática é também visto em questões entre assembleias no que diz respeito à disciplina e excomunhão. Apesar de estarem separadas por muitos quilômetros, as assembleias são consideradas, todas elas, como permanecendo sobre um único terreno e em uma única comunhão. Portanto elas reconhecem as decisões administrativas umas das outras no que envolve o “*ligar*” e “*desligar*”. Essas decisões são tomadas nas diferentes assembleias locais, mas por serem tomadas em Nome do Senhor são reco-

nhecidas por todas as outras assembleias reunidas sobre o fundamento do “*um só corpo*”. A competência de cada assembleia local de agir em nome de todo o corpo vem do fato de o Senhor estar em seu meio sancionando suas ações (Mt 18:18-20).

Além disso, em 1 Coríntios 12:27 Paulo indica que a assembleia em Corinto era a representante local de todo o corpo. O mesmo valeria para todas as assembleias locais, independente de estarem em Corinto, Éfeso etc. Isto indica que suas ações administrativas estariam afetando os santos de uma forma geral. Infelizmente a versão Almeida Revista e Corrigida diz “*vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.*”. Este detalhe poderia levar alguém a pensar que o corpo de Cristo estava apenas em Corinto, como se eles fossem os únicos no corpo ou como se cada assembleia local fosse o corpo de Cristo. Evidentemente o corpo de Cristo engloba todos os cristãos na face da terra. A versão Almeida Revista e Atualizada (e também a de J. N. Darby) traz: “*vós sois corpo de Cristo, e individualmente seus membros*”. Esta tradução revela melhor a intenção do texto. Repare que Paulo não diz “*nós*”, mas “*vós*”. Ele estava falando da assembleia local em Corinto, e obviamente eles não eram todo o corpo, mas eram corpo de Cristo — isto é, faziam parte do todo.

Hamilton Smith ilustra este ponto sugerindo que imaginemos um general dirigindo-se a uma companhia local de soldados com estas palavras: “Lembrem-se de que vocês são Coldstream Guards” (tropa de elite da Rainha da Inglaterra). Ele não diria “Vocês são a Coldstream Guards”, pois eles não são todo o regimento. A ausência do artigo “*o*” na tradução correta de “*vós sois corpo de Cristo*” transmite o verdadeiro significado de que os irmãos em Corinto eram a expressão local de todo o corpo de Cristo. Isso os tornava competentes para agir em nome de todo o corpo nas questões administrativas.

Se uma assembleia local tomasse uma decisão de “*desligar*” alguém da comunhão, todo o corpo deveria agir em uníssono com aquela assembleia local e reconhecer sua decisão, de modo que a pessoa

“desligada” seria considerada “fora” também pelas outras assembleias, e não apenas na localidade onde ela residisse. Vemos isto em 1 Coríntios 5:13, quando a assembleia local em Corinto precisou excluir um homem ímpio, tirando-o de seu meio. Mas em 2 Coríntios 2:6 o apóstolo diz que “a repreensão” ou “censura” feita pela assembleia em Corinto foi “feita por muitos”. Os “muitos” ali se referem ao corpo como um todo — o conjunto universal dos santos. Portanto o ofensor sentia que a repreensão era maior do que apenas aquela que lhe foi aplicada por sua assembleia local. [Ver nota]

[Nota: A nota de rodapé da Bíblia traduzida por J. N. Darby em 2 Coríntios 2:6 indica que “os muitos” se referem ao corpo como um todo — ao conjunto universal dos santos; ele menciona 2 Coríntios 9:2 como um exemplo de seu uso e significado.]

Não queremos com isto dizer que aquele homem tenha ido a outras localidades e experimentado a repreensão feita também ali, mas que a decisão tomada era expressa universalmente por todo o corpo. Se alguém fosse colocado fora de comunhão em uma localidade em particular, essa pessoa era considerada fora de comunhão em todas as localidades da terra, pois aquilo que é feito em Nome do Senhor em uma assembleia local afeta na prática o conjunto todo.

A Decisão de “Ligar” e “Desligar”

Em Mateus 18:18 encontramos as palavras do próprio Senhor, e Ele diz “tudo o que ligardes na terra...” ao falar de uma assembleia local tomando uma decisão de “ligar” ou “desligar”, sem especificar onde na terra, pois as ações da assembleia não estão limitadas a uma localidade específica. Embora uma decisão possa ser tomada em uma localidade específica, ela é tomada em nome de todo o corpo, e tem validade em toda a terra. Não existe nas Escrituras algo como tomar uma decisão de “ligar” ou “desligar” que se apli-

que apenas a uma determinada localidade. Neste versículo o Senhor está dizendo simplesmente que se a assembleia tomar uma decisão em Seu Nome, Ele irá reconhecê-la. Se os céus a reconhecem, então todos na terra deveriam reconhecê-la igualmente. Todos os que se encontram sobre o terreno da assembleia de Deus devem reconhecer tal ação e se submeter a ela. Deste modo a assembleia como um todo expressa a verdade de que *“há um só corpo”*.

Do mesmo modo, quando se trata de reverter uma ação de *“desligar”*, a assembleia local suspende a censura ou disciplina e *“perdoa”* (administrativamente falando) a pessoa arrependida, e o corpo todo acata isso e também expressa o mesmo perdão. Isto está incluído nas observações que Paulo faz em 2 Coríntios 2:7-11. Embora, se necessário, Paulo tivesse autoridade para agir apostolicamente na questão relacionada a este versículo, ele preferiu esperar até que a assembleia em Corinto agisse a fim de guardar *“a unidade do Espírito”*. Ele diz: *“a quem perdoardes alguma coisa, também eu”*. Somos ensinados por seu exemplo que não devemos agir independentemente, mas em conjunto com a assembleia local que toma a decisão.

Paulo segue dizendo: *“para que [nós] não sejamos vencidos por Satanás”* (2 Co 2:10). Ele não diz *“para que vós não sejais vencidos por Satanás”*, referindo-se apenas aos coríntios. Ele diz *“para que [nós] não sejamos vencidos por Satanás”*, indicando todos os santos no *“um só corpo”*. Paulo sabia que Satanás queria dividir os santos de qualquer maneira, e que essas delicadas questões entre assembleias eram onde o inimigo provavelmente iria agir. Portanto Paulo, representando os santos de uma maneira geral, nos mostra como devemos agir nessas questões dos julgamentos feitos pela assembleia. Mesmo que ele (e talvez outros) soubesse que aquele homem estava arrependido e devia ser restaurado à comunhão, Paulo não queria se sobrepor à assembleia local em Corinto e agir de forma independente — apesar de ele ter autoridade para agir assim quando fosse necessário por ser um apóstolo.

Temos aqui uma grande lição. Aprendemos que a assembleia local (onde a ação de julgar é exercitada) deve ser a *primeira* a suspender a disciplina, e que os santos em outros lugares devem se sujeitar a essa decisão e agir em comunhão como “*um só corpo*”. As opiniões dos irmãos de todos os lugares poderiam ser conhecidas dos irmãos de Corinto, como está ilustrado no caso de Paulo encorajando-os a receberem o homem arrependido, mas a decisão de suspender a disciplina era de responsabilidade da assembleia local. Se as outras assembleias recebessem aquela pessoa em comunhão, sem que sua própria assembleia tivesse feito isso, acabariam gerando confusão e Satanás aproveitaria isso para dividir os santos. Porém, ao agir em conjunto nessas questões entre assembleias, a igreja guarda “*a unidade do Espírito*” e expressa assim a verdade de que “*há um só corpo*”.

Um Exemplo Prático de Unidade

Vemos um exemplo disso em Atos 15, quando surgiram problemas entre os santos em Antioquia por causa de mestres judaizantes de Jerusalém que perturbavam os santos com sua doutrina que misturava a lei e a graça. Mais uma vez aprendemos algumas lições valiosas de como Deus gostaria que lidássemos com os problemas entre assembleias. A primeira coisa que aprendemos é que eles decidiram tratar o problema em conjunto com os que estavam em Jerusalém. Ora, poderíamos achar que o motivo de terem levado a questão a Jerusalém seria por ser ali um centro estabelecido por Deus para lidar com problemas das assembleias, como se existisse um único lugar central na terra (uma sede) para onde as assembleias deveriam levar seus problemas.

Mas a assembleia em Antioquia não foi a Jerusalém por não se sentir qualificada em lidar com o problema. Se fosse simplesmente para buscar um julgamento apostólico para a questão eles poderiam ter apelado para os apóstolos Paulo e Barnabé, que estavam ali com eles em Antioquia. Quem poderia ser mais qualifica-

do que o apóstolo Paulo para lidar com questões relacionadas à lei e à graça? Se por um lado é verdade que eles davam valor ao conhecimento dos apóstolos e líderes que estavam em Jerusalém, e desejavam saber a opinião deles relacionada àquela questão, por outro existia uma razão mais profunda para eles levarem o problema até lá: era para “*guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz*”.

O fato é que os mestres judaizantes, que estavam perturbando os santos em Antioquia, tinham saído de Jerusalém (vers. 24). Portanto, para evitar que a unidade prática entre as duas assembleias fosse rompida, os irmãos em Antioquia não queriam lidar com o problema de forma independente, mas preferiram levá-lo à sua origem. Isto mostra que as Escrituras não apoiam a ideia de assembleias agindo de maneira autônoma.

Isto também nos ensina que se pessoas de uma determinada assembleia local visitam outra assembleia e agem erradamente ali, ao ponto de isso exigir correção ou ação disciplinar, a assembleia não deve agir de forma independente na hora de tomar uma decisão. Ela deve levar o assunto à assembleia de origem dos causadores do problema, para que esta possa lidar com a questão, e assim a “*unidade do Espírito*” possa ser mantida no vínculo da paz. Infelizmente as dificuldades nem sempre são tratadas da maneira bíblica, o que acaba levando alguns a ficarem confusos quando surgem problemas. [Ver nota]

[Nota: O problema que ocorreu em 1884 com F. W. Grant é um exemplo disso. Embora a questão não tenha sido tratada exatamente do modo ensinado nas Escrituras, as ações heréticas de Grant e seus seguidores que se seguiram, ao estabelecerem uma mesa (comunhão) independente, manifestaram o seu verdadeiro caráter. Antes que tivessem tempo para corrigir o problema, já no dia do Senhor seguinte Grant tinha saído e formado sua própria reunião, seguido por irmãos de muitos lugares que simpatizavam com ele nessa recém-formada comunhão herética. Eles passaram a ser conhecidos como “irmãos Grant”. Por duas razões os ir-

mãos em Montreal acharam que poderiam lidar sozinhos com Grant, sem a comunhão com a assembleia em Plainfield, NJ (a assembleia à qual Grant pertencia): 1) Grant estava morando naquela área há várias semanas ou meses e, portanto, os irmãos acharam que o assunto tinha se tornado responsabilidade de Montreal; 2) eles sabiam que existia em Plainfield um forte espírito partidário, o que acabaria não levando a solução alguma.]

É digno de nota que quando os de Antioquia viajaram a Jerusalém levando aquela questão, eles pararam em várias assembleias pelo caminho, porém não transtornaram essas assembleias espalhando o problema entre elas. Eles falaram apenas das coisas que *“davam grande alegria a todos os irmãos”* (At 15:3), apesar de indubitavelmente estarem profundamente atribulados com a questão que atingia o cerne da posição em graça ocupada pelos cristãos. Isto nos ensina a importância de não espalharmos desnecessariamente os problemas de uma assembleia local. Nosso adversário, o diabo, poderia se aproveitar disso para causar problemas entre os santos. Este é um princípio ensinado em 2 Samuel 1:19-20, quando o rei de Israel (Saul) foi morto por seus inimigos. Eles decidiram não espalhar a notícia, principalmente entre seus inimigos, os filisteus, ao dizerem, *“Ah, ornamento de Israel! Nos teus altos foi ferido, como caíram os poderosos! Não o noticieis em Gate, não o publiqueis nas ruas de Ascalom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, para que não saltem de contentamento as filhas dos incircuncisos”*.

Capítulo 2 - A Ruína na Cristandade e o Testemunho Remanescente

O crente que aprende das Escrituras que o corpo de Cristo deve se expressar em uma unidade visível na terra talvez venha a perguntar: “Como poderíamos praticar tal verdade hoje, quando a maioria dos cristãos provavelmente nem conheça tal coisa, e se conhecer, talvez nem esteja interessada em colocá-la em prática?”.

É triste que exista uma tamanha ruína no testemunho cristão. Vemos uma desunião entre os membros do corpo, com crentes divididos em vários grupos denominacionais e vivendo contentes do jeito que estão.

A Ruína do Testemunho Cristão

Vivemos numa época realmente triste, quando cada um faz *“o que parece reto aos seus olhos”* (Jz 21:25). É evidente que o corpo não está *“ligado à cabeça”* (Cl 2:19). O Dr. W. T. P. Wolston compara a situação atual dos membros do corpo de Cristo a uma enfermidade chamada *“coréia”* (Doença de Huntington), que pode afligir o corpo humano fazendo com que todos os músculos se movimentem, porém sem controle e independentes da vontade do cérebro. Ele comenta: *“Creio que a igreja de Deus nos dias de hoje tenha contraído esse tipo de doença. Os membros estão todos fazendo sua própria vontade”*.

No Novo Testamento há três mulheres que ilustram o avanço da corrupção eclesiástica na igreja professa. A primeira é a mulher em Mateus 13, que tomou o fermento e o introduziu em três medidas de farinha, até que toda a massa ficou levedada. Isso assinala a introdução, na massa sem fermento dos cristãos, de alguns princípios e práticas corruptoras já nos primeiros dias da igreja. A segunda mulher em Apocalipse 2:20, *“Jezebel, mulher que se diz profetisa”*, representa o desenvolvimento do mal sob o sistema do catolicismo na idade média. Em terceiro lugar temos *“a grande prostituta”*, que representa a falsa igreja em seu último estágio, após o Senhor ter tirado deste cenário os verdadeiros crentes no arrebatamento. A influência papal continua ali, mas terá atraído todas as outras denominações chamadas cristãs sob o seu corruptor poder organizado. Também vemos naquele capítulo o fim da profissão cristã, tombando sob o juízo de Deus executado pelas mãos dos dez reis que ela controlara durante a primeira metade dos sete anos da Tribulação.

Aprendemos que no início da jornada da igreja na terra haveria um grande abandono da *“fé que uma vez foi dada aos santos”* (1 Tm 4:1, At 20:29-30, Jd 3-4). Todas as “segundas” epístolas testemunham desse desvio da profissão cristã.

A segunda epístola à assembleia de Éfeso descreve o abandono do primeiro amor (Ap 2:1-7).

A segunda epístola aos Tessalonicenses trata do abandono da esperança da vinda do Senhor.

A segunda epístola de João aborda o abandono da doutrina de Cristo como algo muito sério.

A segunda epístola de Pedro considera o abandono da santidade prática.

A segunda epístola aos Coríntios trata do abandono da autoridade apostólica conforme é encontrada nas Escrituras.

Finalmente, a segunda epístola a Timóteo trata do abandono da ordem na casa de Deus.

Portanto, é certo que não podemos colocar em prática esta grande verdade do um só corpo com todos os seus membros. A maioria não se preocupa com esta verdade. Todavia, Deus previu que os últimos dias seriam difíceis e fez uma ampla provisão para nós. Se tivermos um coração exercitado, Deus irá nos guiar nesse caminho. *“Aos justos nasce luz nas trevas; ele é piedoso, misericordioso e justo”* (Sl 112:4).

Um Remanescente

Ao buscarmos nas Escrituras a vontade de Deus quanto ao que devemos fazer nestes dias de ruína e fracasso no testemunho cristão, aprendemos um grande princípio sobre o qual Deus age quando aquilo que Ele colocou nas mãos dos homens em forma de testemunho termina em fracasso. Deus reduz o tamanho, a força, a glória e a quantidade desse testemunho e o entrega a um

remanescente. A palavra “remanescente” significa “resíduo” ou “aquilo que resta” de alguma coisa original (W. Trotter, “Plain Papers on Prophetic Subjects”, p. 361 - veja Isaías 1:2-9).

Um princípio que é bom conhecer é que a maneira como Deus age muda quando *aquilo que Ele estabeleceu e confiou nas mãos do homem em responsabilidade acaba fracassando*. Apesar de o modo de agir de Deus mudar, Seus princípios não se alteram. Quando vem o fracasso, Deus usa de Sua soberania para manter aquilo que Ele estabeleceu em testemunho e o leva adiante a partir daí no caráter de um remanescente. A razão de o Senhor agir assim é que algo pode chegar a um ponto em que Ele já não pode Se associar com isso no mesmo poder e glória de quando o estabeleceu. Chega um momento em que aqueles ligados a esse testemunho o corromperam de tal maneira que, se Deus fosse continuar associado àquilo, o mundo acabaria recebendo um testemunho falso do que é o verdadeiro caráter de Deus. O mundo concluiria que o Senhor é conivente com tais práticas. Portanto, já que Deus deve agir de modo consistente com a Sua santidade, Ele coloca a coisa toda de lado, do modo com a tinha originalmente estabelecido, e trabalha com um testemunho remanescente. Deus agiu sobre este princípio na história de Israel, e agora age assim com a igreja, e irá fazê-lo novamente no futuro com os judeus durante a Tribulação.

O Modo de Deus Agir Para Com Israel

No caso de Israel, o Senhor claramente estabeleceu um lugar na terra de Canaã para onde todos os filhos de Israel deveriam levar seus sacrifícios, ofertas e adoração. Ele colocou o “*Seu Nome*” e a “*Sua habitação*” nesse lugar e declarou “*ali vireis*” (Dt 12:1-16, Dt 16:16). O lugar, como sabemos, era Jerusalém (1 Rs 8:1, 29, 9:3, 11:32, 14:21, 2 Rs 21:4, 7, Sl 50:5, 122:3-4, 132:13-14). Era este o desejo do Senhor para *todos* os filhos de Israel que Ele havia redimido do Egito. Ele queria que, em determinadas épocas, todas

as tribos de Israel se reunissem ali em feliz comunhão para expressarem sua unidade como nação e O adorarem. [Ver nota]

[Nota: Na verdade o povo inicialmente escolheu Siló e o Senhor suportou isso durante algum tempo. Siló lhes foi dado em caráter provisional para trazer à tona a condição em que estavam. Uma vez manifestado o estado deles, Deus rejeitou Siló e escolheu Jerusalém (Js 18:1, Jr 7:12, Sl 78:67-69).]

À medida que se desdobra a história do povo na terra, descobrimos que os filhos de Israel abandonaram o Senhor e passaram a adorar os deuses das nações pagãs. Isso acontecia tanto com o rei como com o povo (1 Rs 11:9-11, 33). E assim a nação se corrompeu e fracassou em manter um testemunho genuíno do único Deus verdadeiro perante mundo. Como consequência, encontramos o Senhor removendo grande parte de Seu povo do centro divinamente designado por Ele em Jerusalém. Ele fez com que dez das doze tribos de Israel fossem levadas para longe dos privilégios de Seu centro de reunião (1 Rs 11:29-36). Quando o rei Roboão tentou recuperar as dez tribos, o Senhor interveio por intermédio de um profeta e disse a ele que desistisse de seu intento, pois “*vinha do Senhor*” que as dez tribos devessem ser levadas embora (1 Rs 12:15, 24). Era uma ação governamental dentro do modo de Deus agir para com Israel.

Mas — podemos questionar — como é que o Senhor diz em uma passagem que deseja que o Seu povo esteja juntamente congregado no centro que Ele divinamente designou em Jerusalém, enquanto em outras passagens nós O vemos levar muitos deles para longe desse centro? Como entender tal paradoxo? A mente ímpia diria que é por existirem contradições na Bíblia. Todavia, cremos que a resposta a esta questão esteja em compreender a diferença entre *os propósitos e desejos* de Deus e *as maneiras* de Deus agir. Todos os propósitos de Deus se realizarão: nenhum obstáculo é grande demais para impedi-Lo de cumprir Seus propósitos (Is 46:11, Jó 42:2, Jr 51:29). Os Seus desejos caminham na mesma direção de Seus propósitos: mas enquanto tudo o que Deus inten-

ta irá definitivamente acontecer, todos os seus desejos podem não ocorrer. Por exemplo, as Escrituras dizem, “*Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade*” (1 Tm 2:3-4). Este é o Seu desejo, mas sabemos que não serão salvos todos os homens, “*porque a fé não é de todos*” (2 Ts 3:2). Assim ocorre porque o modo de Deus agir com os homens é tal que, por causa da insubordinação e pecado destes, Ele pode vir a excluir privilégios que Sua bondade desejava para eles (Is 6:9-10; Jo 12:40, Lc 8:18, 2 Ts 2:11-12, Sl 69:23). Isto mostra que o modo de Deus agir muda quando aquilo que Ele determinou e colocou sob a responsabilidade dos homens acaba em fracasso. [Ver nota]

[Nota: Isto também se aplica à verdade do estar congregado ao Nome do Senhor. Deus deseja que todos os cristãos possam estar juntos, congregados ao Nome do Senhor Jesus, mas não é o que ocorre na prática.]

Como Israel havia se entregado à adoração dos deuses pagãos, o Senhor já não podia Se associar a eles em poder e glória, como fizera durante os reinados de Davi e Salomão. Se o fizesse, as nações em redor de Israel teriam recebido um falso testemunho de Jeová. Segundo o modo de Deus agir, Ele continuaria com Seu testemunho em Israel, porém em um remanescente. Portanto Ele permitiu que ao menos “*uma tribo*” permanecesse no divino centro para que pudesse existir “*uma luz*” diante dEle em Jerusalém (1 Rs 11:13, 29-36).

O povo que estava sob um líder revoltoso, Jeroboão, teve o seu papel na triste divisão que ocorreu entre as tribos de Israel. Jeroboão levou após si dez tribos para longe do centro divino. A condição do povo que se dispôs a seguir aquele homem herético era péssima. A fim de evitar que o povo fosse a Jerusalém, o centro divino para o sacrifício e a adoração, pois isto seria considerado reunir as tribos de Israel (1 Rs 12:27), Jeroboão estabeleceu outros lugares de adoração segundo a sua própria escolha, para que o povo se reunisse em torno dele em sua divisão (1 Rs 12:25-

33). Assim a divisão entre as tribos de Israel foi solidificada e permaneceu ao longo de sua história. Aquele foi um “*grande pecado*” (2 Rs 17:21), e não será resolvido até após a vinda do Senhor — a manifestação de Cristo (Ez 37:15-28, Is 11:13).

Daquele tempo em diante aprovou a Deus ter apenas um *testemunho remanescente* da verdade do único lugar de adoração em Israel. A partir de então, o “*Ami*”, que significava “*Meu povo*” e implicava no relacionamento de Jeová com Seu povo Israel, foi rompido para as dez tribos em razão de sua separação liderada por Jeroboão. Como consequência, sobre elas foi lavrado o termo “*Lo-ami*”, que significa “*não Meu povo*” (Os 1:9). Assim Deus mostrou-Se exteriormente dissociado das dez tribos que abandonaram o divino centro que Ele havia estabelecido em Jerusalém. Ao longo da história das dez tribos vemos que Deus não podia Se identificar publicamente com a posição que elas adotaram. Em mais de uma ocasião somos lembrados do solene fato de que “*o Senhor não é com Israel*”, neste caso “Israel” significando as dez tribos (2 Cr 25:7). O Senhor não iria Se identificar com elas, pois se o fizesse, estaria tolerando aquela posição de separação de Seu divino centro (2 Cr 13:12, 2 Rs 17:20-21).

Embora o Senhor não Se identificasse exteriormente com a posição dividida que aquelas tribos assumiram, Ele continuou trabalhando entre elas com profetas por meio de manifestações de poder e graça. Profetas como Elias procuravam chamar o povo de volta ao Senhor em Jerusalém. Sabemos que alguns efetivamente retornaram (2 Cr 11:13-17, 30:11). Isto demonstra que o Senhor jamais colocaria empecilhos para alguém que desejasse estar em Seu divino centro.

A partir da época da grande divisão das tribos de Israel não se podia dizer que o Senhor estivesse reunindo todos os filhos de Israel ao Seu divino centro em Jerusalém. Algo havia ocorrido que levou o Senhor a agir de outra maneira para com o Seu povo. Ele estava claramente removendo a grande massa das tribos para longe da feliz unidade do único centro de adoração. Os Seus *dese-*

jos continuavam sendo de que eles estivessem todos lá, mas o Seu modo de agir o levava a seguir outra linha de ação para com a maioria. E não foi por aquela “uma tribo” que ficou em Jerusalém ser melhor que as outras, que o Senhor permitiu que fossem levadas. Sabemos que o péssimo comportamento do rei Roboão contribuiu para a divisão das tribos (1 Rs 12:1-19). Tampouco devemos pensar que cada indivíduo que estivesse nas dez tribos fosse mau e adorasse os deuses dos pagãos. Mais tarde nos é revelado que o Senhor havia reservado sete mil dentre eles que não haviam dobrado seus joelhos a Baal (1 Rs 19:18). A verdade é que alguns da “uma tribo” que Deus permitira que permanecesse em Jerusalém eram culpados da mesma prática — a adoração a Baal! Todavia, manter aquela “luz” em Jerusalém não exigia que todas as tribos de Israel estivessem ali. Um *remanescente* formado de uma tribo era suficiente. Seria um remanescente humilhado, pois aqueles que estavam no divino centro já não podiam se gabar da glória original da nação com sua unidade de doze tribos que existira nos dias de Davi e Salomão.

O modo de Deus Agir Para Com a Igreja

Quando o assunto é a igreja, vemos o Senhor agindo sobre o mesmo princípio que Ele agiu para com Israel. Se acompanharmos a história da igreja do modo como ela é apresentada nas sete igrejas do Livro de Apocalipse, veremos o testemunho cristão numa trajetória descendente. O estado de coisas chega a um ponto tal que o Senhor já não reconhece a massa da profissão cristã e passa a tratar com um *testemunho remanescente* (Ap 2:24-29). O estado da igreja havia atingido um ponto em que “*mais nenhum remédio houve*” (2 Cr 36:16). Conseqüentemente, a partir desse ponto ocorre uma mudança notória no modo de Deus agir para com a igreja. Isto é indicado pela exortação “*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*”, a qual passa a vir *depois* da promessa ao que vencer, ao invés de *antes*, como era o padrão até aquele ponto.

Nas primeiras três igrejas (Éfeso, Esmirna e Pérgamo) a recompensa ao que vencer foi apresentada a toda a igreja, pois o Senhor ainda estava tratando com ela coletivamente. Todos os que ouvissem e obedecessem receberiam a recompensa do vencedor. Daí em diante tudo muda.

Ao comentar isso, J. N. Darby escreveu: “O corpo, como um todo, é deixado de lado” (J. N. Darby, “Collected Writings”, vol. 5, p. 381). A grande massa da profissão cristã é tratada como incapaz de ouvir e se arrepender (W. Scott, “Exposition of the Revelation of Jesus Christ”, p. 90). A partir daí o Senhor separa um remanescente, dizendo, “*Mas eu vos digo a vós, e aos restantes [remanescente]...*”. Dessa época em diante o Senhor passou a tratar com um remanescente, e deixou a massa do povo de lado. Nas últimas quatro igrejas o chamado para “*quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*” é dirigido a um remanescente, pois somente eles irão ouvir e vencer. W. Kelly escreveu: “Deste modo o Senhor coloca a promessa [ao que vencer] primeiro, e isto por ser em vão esperar que a igreja como um todo a receba... apenas um remanescente vence, e a promessa é para estes; no que diz respeito aos outros, está acabado” (W. Kelly, “Revelation Expounded”, p. 57). Como consequência disso o Senhor já não espera que a grande massa da profissão cristã venha a ouvir e voltar ao ponto do qual se desviou. Qualquer ideia de recuperar a igreja como um todo é abandonada, pois ela atingiu um ponto quando “*mais nenhum remédio houve*”, e não pode ser consertada.

Se pudessemos voltar no tempo para ver o que fez com que a expressão pública da igreja atingisse o ponto em que “*mais nenhum remédio houve*”, descobriríamos que foi o mesmo que fez com que o testemunho do Senhor em Israel atingisse esse ponto. À semelhança de Israel, com a igreja ocorreu uma sequência de eventos que levou a isso. Da carta à igreja de Éfeso aprendemos que o “*anjo da igreja*” (a liderança responsável) julgou corretamente tudo o que não era adequado ao Senhor. Ali diz “*que não podes sofrer os maus*”. Mas infelizmente o coração deles não estava onde deveria

estar (Ap 2:2-4). Em Esmirna, qualquer degeneração que o testemunho pudesse ter foi refreada pelas grandes perseguições que assolavam a igreja. As duras provas faziam com que eles se voltassem para o Senhor. Mas em Pérgamo, quando terminaram os tempos de grande perseguição, “*o anjo da igreja*” começou a tolerar alguns que seguiam a “*doutrina de Balaão*”, que é o mundanismo e a idolatria. O “*anjo*” não foi responsabilizado por possuir essas doutrinas, mas o Senhor encontrou falta nele, pois não denunciou o mal como havia feito “*o anjo*” em Éfeso.

Em Tiatira uma condição ainda pior prevaleceu. “*O anjo da igreja*” permitiu que a mesma má doutrina e prática, que era *seguida* por alguns em Pérgamo, passasse a ser *ensinada*! (Compare Ap 2:14 com 2:20). Aquilo que começou com alguns seguindo uma má doutrina terminou em muitos ensinando a má doutrina. Isso mostra que se a convivência com a má doutrina não for julgada, isso fará com que as pessoas se aprofundem nela. Em Tiatira o ensino da má doutrina havia se transformado em um sistema de coisas chamado “*Jezabel*”, que certamente corresponde ao catolicismo. Na Idade Média esse sistema manteve tamanho controle tirânico sobre a igreja como um todo, usando de sua força e organização, que controlava até mesmo “*o anjo*”! Aqueles que ocupavam o lugar de responsabilidade falharam em lidar com o mal quando podiam ter feito, e agora esse mal havia se transformado em um monstro que os controlava! (Veja Atos 27:14-15. O Euro-aquilão — um forte vento — abateu-se sobre o navio a vela e os marinheiros nada podiam fazer, além de se deixarem levar: “*e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir à toa*”). A figura de “*Jezabel*” pode muito bem ser usada aqui, pois aquela mulher não apenas introduziu formalmente a idolatria em Israel, como também controlava e manipulava seu marido, o rei Acabe.

Sendo a condição pública da igreja tal, que nela não restara qualquer poder de lidar com o mal, o Senhor separou um remanescente e deixou de lado a grande massa de pessoas. Ele não colocou sobre o remanescente a “*carga*” de consertar a confusão, na

tentativa de fazer a igreja voltar ao que tinha sido no passado. Ao invés disso, Ele levou-os a se concentrarem na Sua vinda, dizendo, “o que tendes, retende-o até que Eu venha” (Ap 2:25).

Trabalhando com um testemunho remanescente desde aquela época, aprouve ao Senhor recuperar a verdade que tinha sido perdida ao longo dos séculos anteriores por causa do descuido da igreja. Todavia, não pareceu bem a Ele recuperar toda a verdade de uma só vez. O remanescente citado em Apocalipse 2:24-29 é formado pelos Valdenses, Albigenses e outros que, à semelhança deles, se separaram do mal de “Jezebel” nos tempos medievais. A eles foi dito que retivessem aquela porção de verdade que receberam. Algum tempo depois o Senhor deu um pouco mais de verdade, o que levou à Reforma que resgatou a supremacia da Bíblia e a fé apenas em Cristo para a salvação. Mas até mesmo aquele movimento do Espírito foi barrado pelos que se voltaram a determinados governos em busca de ajuda contra a igreja de Roma. Isso foi essencialmente buscar ajuda no homem carnal ao invés de confiar no Senhor (Jr 17:5, Sl 118:8-9, Is 31:1). A consequência foi um estado de morte espiritual, como é mostrado na igreja em Sardes (Ap 3:1-6 - “tens nome de que vives, e estás morto”).

Foi apenas no início dos anos 1800 que o Senhor proveu uma completa recuperação da “fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 3). Nessa ocasião Deus estabeleceu um testemunho conjunto da verdade do um só corpo. Antes disso o remanescente havia sido formado por indivíduos que buscavam seguir piedosamente separados da corrupção da igreja de Roma. No século 19 a doutrina de Paulo (2 Tm 3:10), a verdade dispensacional e a verdade da assembleia (Mt 18:20) foram revividas na prática, de modo que aqueles que o Senhor congregou ao Seu nome podiam agir sobre a verdade do “um só corpo”. Isto não significa que os santos congregados ao nome do Senhor sejam exatamente um remanescente, pois todos os verdadeiros crentes, em meio à massa de uma profissão cristã sem vida da cristandade, formam o remanescente. Mas os congregados ao nome do Senhor ocupam, como um tes-

temunho, uma posição eclesiástica de remanescente em meio à confusão existente na igreja. Esse reavivamento é mostrado no que o Senhor diz à igreja em Filadélfia (Ap 3:7-13). Hoje vivemos uma época quando cada um faz aquilo que é correto aos seus próprios olhos, e a maioria é complacente com essa triste condição. Podemos ver isso representando na igreja em Laodicéia (Ap 3:14-22).

Também não devemos achar que o Senhor tenha declarado “*Lo-ami*” sobre o testemunho cristão atual — Ele irá fazer isso algum dia quando, por assim dizer, vomitar a coisa toda de Sua boca em Sua vinda (Ap 3:16). *Mas o testemunho cristão atingiu um ponto de ruína sem remédio, e por isso exigiu uma mudança no modo de Deus agir para com ele.* Já que Deus abandonou a ideia de restaurar a condição pública da igreja e passou a tratar com um testemunho remanescente, Ele não irá entregar o Seu poder ao testemunho cristão atual, como fez nos primeiros dias da igreja. Isso não seria condizente com o caráter do estado arruinado em que vivemos hoje. Tampouco Ele irá reunir grandes multidões ao Seu nome, que é hoje o centro divino de reunião para os cristãos (Mt 18:20), para que levem adiante o testemunho remanescente.

Do mesmo modo como ocorreu com Israel, a fim de manter um testemunho remanescente hoje voltado para a verdade do um só corpo, o Senhor não precisa ter cada cristão do mundo congregado ao Seu Nome, ainda que este fosse o Seu *desejo* para todos. O próprio significado da palavra remanescente implica que nem todos estão ali. Em Sua divina prerrogativa e graça Ele está buscando um aqui, outro ali, e os reunindo ao Seu Nome, a fim de que esse testemunho remanescente possa seguir adiante. A manutenção desse testemunho é uma obra soberana. É o que vemos no que o Senhor diz a Filadélfia: *“Isto diz o que é Santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre”* (Ap 3:7). Nenhum homem ou demônio pode impedir sua continuidade, embora possa parecer que esse testemunho seja levado adiante em meio a muita fraqueza e debilidade, por

causa do estado daqueles que estão associados a ele. Por mais fraco que seja um testemunho assim, o Senhor não precisa de nenhum dos que Ele tem congregado. Eles ouvem “*o que o Espírito diz às igrejas*” por ter sido Ele quem lhes abriu os ouvidos (Pv 20:12). Se estivermos congregados assim, nada teremos de que nos gloriar, pois foi somente a Sua graça que nos garantiu tal privilégio. Louvado seja o Seu Nome! Se aqueles que Ele tem congregado ao Seu Nome forem um testemunho, nada mais serão do que um testemunho do fato de que existe uma ruína sem remédio no testemunho cristão. Certamente isto não é algo de que alguém irá querer se orgulhar.

Portanto, quando o assunto é a prática da verdade do um só corpo em nossos dias, devemos compreender que isto só pode ser praticado em um caráter remanescente. Pode ser útil aqui uma ilustração que costuma ser usada para explicar isto. Suponha que os pais de uma grande família precisem viajar a um país distante e fiquem ali por algum tempo antes de voltarem para casa. Antes de partirem, o pai dá instruções aos filhos dizendo que, apesar das muitas tarefas que devem cumprir durante o dia, eles deverão se sentar à mesa do jantar juntos, como quando seus pais estavam com eles, de modo a manter a família unida durante a ausência deles. Mas pouco tempo após a partida, alguns se encontram muito ocupados, outros já deixaram de se preocupar com esse pedido etc. Depois de um tempo nenhum dos filhos está fazendo o que seus pais pediram. Mas, algum tempo depois, dois ou três deles se lembram do pedido dos pais e procuram colocá-lo em prática durante o jantar. Embora os outros membros da família não se juntem a eles, estes continuam buscando cumprir o pedido de seus pais. Ao fazerem isso, eles não querem dizer que apenas eles sejam a família completa, pois reconhecem que são apenas parte da família. De modo similar, nestes últimos dias existe um testemunho remanescente da verdade do um só corpo. Aqueles que estão identificados com esse testemunho não pretendem ser o “*um só corpo*”, mas apenas procuram estar congregados sobre este

fundamento. Eles não buscam ser alguma coisa, mas simplesmente procuram praticar a verdade de Deus no que diz respeito à assembleia.

O Modo de Deus Agir Para Com os Judeus na Tribulação

Quando olhamos as Escrituras proféticas, descobrimos que o Senhor irá tratar com os judeus uma vez mais exatamente sobre este mesmo princípio. No período da Tribulação a massa da nação irá fazer um concerto com a Besta e aceitará a idolatria que ela e o Anticristo irão introduzir. Como resultado disso, a nação será totalmente corrompida (Jo 5:43, Mt 12:43-45). Quando a massa de judeus mergulhar na idolatria, o Senhor não irá se identificar abertamente com a nação em sua ímpia aliança (Is 18:4). A razão de Ele agir assim é exatamente a mesma da outra vez da história de Israel e também da igreja — identificar-Se com Israel passaria ao mundo uma ideia errada do verdadeiro caráter de Jeová. Em lugar disso, Ele separará um remanescente e abandonará a massa do povo à idolatria que eles tanto desejam (Sl 106:15). Durante todo o tempo Deus irá manter um testemunho remanescente em meio à grande apostasia. *“E muitos entre eles tropeçarão, e cairão, e serão quebrantados, e enlaçados, e presos. Liga o testemunho, sela a lei entre os Meus discípulos”* (Is 8:11-18, 10:21-22, 11:11, Jl 2:32, 3:1-2, Mq 4:7, Sf 3:13).

Isso é simbolicamente representado em Apocalipse 11:1-2, onde fala da medição do *“templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram”*. A medição destas três coisas significa a presença de Deus e o privilégio que alguns — os que fazem parte do remanescente judeu — têm de se aproximar dEle. Assim como acontecia na ordem mosaica, na qual apenas certa classe dentre o povo tinha permissão de acesso à presença de Deus no templo, também em um dia futuro será permitido o acesso a Deus apenas a um remanescente.

Isto não significa que o remanescente irá entrar literalmente no templo que os judeus possuirão durante a Grande Tribulação. O templo terá sido profanado pela presença da imagem da Besta, e a adoração a Jeová será proibida. Ao remanescente, porém, será garantido um acesso espiritual à presença de Deus em oração onde quer que esteja escondido. Trata-se de algo providencial que é garantido ao remanescente naquele momento difícil (1 Rs 8:37-40). Isto está representado no segundo livro dos Salmos (Sl 42-72), onde são mostradas suas orações e exercícios nessa ocasião, quando não podem entrar no templo para orar. Mas repare que existe uma quarta coisa — “o átrio” (Ap 11:2a), que é a grande massa de judeus professos da nação, que não é medido. “Porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses” (Ap 11:2b). Isto significa que o “átrio”, a massa de judeus incrédulos, não estará sob o cuidado divino do modo como estará o remanescente. Ao invés disso, o “átrio” será entregue ao controle dos gentios — a Besta — por 42 meses, que é o período da Grande Tribulação. Apesar de parecer que o Senhor desistiu de Seu povo professo, Ele na verdade estará tratando com um remanescente e cumprirá neste os Seus propósitos para a nação no que diz respeito ao Seu Reino.

A Senda do Fiel Em Meio à Ruína

Alguém poderia perguntar: “Se Deus possui um testemunho remanescente hoje, onde toda a verdade referente à assembleia é praticada, como posso encontrá-lo?”. Em primeiro lugar, não devemos pensar que Deus nos tenha deixado sozinhos para encontrarmos nossa senda em meio à confusão. É um grande alívio aprender que não fomos abandonados à nossa própria sorte para esta missão aparentemente impossível. Ele fez uma ampla provisão para nós a este respeito. “*Aos justos nasce luz nas trevas; Ele é piedoso, misericordioso e justo*” (Sl 112:4). Todavia, é imperativo que reconheçamos que, independente de quão aguçada seja nossa inteligência natural, de quão grande seja nosso conhecimento das Escrituras ou de quão sinceras sejam nossas intenções, não po-

demos encontrar a senda de Deus em meio à confusão se confiarmos em nosso próprio entendimento. Estas coisas — inteligência natural, conhecimento das Escrituras e sinceridade — podem até se transformar em obstáculos se não forem mantidas em comunhão com o Senhor. Devemos reconhecer que somos totalmente incompetentes para encontrar o caminho em meio à confusão, e então buscarmos a direção do Senhor.

Quando olhamos para todas as divisões e para a desordem reinante na cristandade, é realmente uma façanha inacreditável que seja possível encontrar a senda onde Deus gostaria que caminhássemos. Mas, sem hesitar um minuto sequer, devemos elevar nossa alma exercitada *“a Deus e à Palavra da Sua graça”* (At 20:32). Estes são dois grandes recursos dos quais podemos nos valer — a comunhão com nosso Deus e os princípios encontrados em Sua Palavra. Se todos concordam que o guia para o cristão é a Palavra de Deus, então devemos buscar as Escrituras em dependência dEle a fim de termos luz sobre este assunto. *“Na Tua luz veremos a luz”* (Sl 36:9). *“Guiará os mansos em justiça e aos mansos ensinará o Seu caminho”* (Sl 25:9). *“Lâmpada para os meus pés é Tua Palavra, e luz para o meu caminho”* (Sl 119:105).

Segunda Epístola a Timóteo 2:19-22

Ao abrirmos em 2 Timóteo encontramos o apóstolo Paulo definindo o caminho para aquele que é fiel, quando viesse o grande abandono da verdade na profissão cristã. Aqueles que exercitassem isso seriam guiados a um remanescente de crentes que passaram pelo mesmo exercício de buscar praticar (em notória fraqueza) toda a verdade de Deus naquilo que diz respeito à igreja. Estas instruções não poderiam ser mais apropriadas para nossos dias, quando a ruína no testemunho cristão chegou ao ápice. O apóstolo escreveu: *“Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são Seus, e qualquer que profere o Nome de Cristo aparte-se da iniquidade. Ora, numa grande casa não somente há vasos de*

ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra. De sorte que, se alguém se purificar **destas coisas***, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra. Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz **com os que**, com um coração puro, invocam o Senhor” (2 Tm 2:19-22 - *N. do T.: Algumas traduções trazem “se purificar **destes**”).

Acerca desta passagem tem sido dito que este é o capítulo para o crente em um dia de ruína e fracasso. A condição arruinada em que está a profissão cristã é comparada a “*uma grande casa*”. A casa é vista em desordem e caracterizada por estar cheia de uma mistura de coisas — algumas honráveis e algumas desonráveis. Os vasos de “*ouro e de prata*” podem se referir aos verdadeiros crentes, e os vasos de “*pau e de barro*” aos falsos professos. Todos são vistos misturados. Considerando que a associação com o mal contamina (1 Co 15:33, 1 Tm 5:22, Ag 2:10-14, Dt 7:1-4, Js 23:11-13, 1 Rs 11:1-8 etc.), os vasos de ouro e de prata são vistos como contaminados por sua associação com os de pau e de barro. A contaminação pode emanar da associação tanto com as próprias pessoas, como com seus princípios e práticas errôneas, sejam doutrinárias, morais ou eclesiásticas.

Quando o apóstolo se refere aos vasos “*para honra*” e “*para desonra*”, parece que está indicando a *condição* dos vasos. Enquanto todos os que são meros professos na casa certamente são vasos para desonra, nem todos os crentes podem ser vasos para honra. Se os verdadeiramente convertidos não estiveram andando bem com o Senhor eles poderiam também ser classificados como vasos para desonra. Menor ainda é o número de vasos para honra que são santificados. Encontramos, portanto, nesta passagem três classes de vasos:

1. **Vasos para honra** — aqueles que estão andando bem *em meio à mistura*.
2. **Vasos para desonra** — aqueles que andam pessimamente *em meio à mistura*.

3. **Vasos santificados para honra** — aqueles que estão andando bem e *se separaram da mistura*.

Purificando-se

O exercício do cristão não é ser meramente um “*vaso para honra*”, mas ser um “*vaso para honra... santificado*”. Isto inclui purificar-se da mistura por meio da separação. Estes versículos ensinam claramente que é impossível ser um vaso santificado quando se permanece em comunhão com a corrupção existente na casa. A mera associação com a doutrina e prática ruins é suficiente para nos manchar, mesmo que em nossa vida pessoal nós não estejamos professando ou praticando o mal. Portanto, o grande exercício para o crente que deseja ser fiel é “*apartar-se*” da injustiça e iniquidade que há na casa, separando-se dessa mistura. Assim ele se torna um vaso “*santificado*” para honra. Trata-se de uma separação que deve ser praticada *na casa de Deus*. O crente não é chamado a deixar a casa, pois isto significaria abandonar a profissão cristã completamente, mas a separar-se da desordem existente ali. (Compare com Provérbios 25:24). Tampouco ele é chamado a “*purificar*” a casa de tudo o que desonra o Senhor, mas sim de “*purificar-se*” da mistura existente na casa. [Veja notas 1 e 2]

[Nota 1: Este é um assunto reconhecidamente delicado. Posso estar errado, mas se interpretarmos esta passagem dizendo que apenas aqueles que se separaram para estarem em uma posição remanescente (isto é, os santos congregados ao nome do Senhor) são os vasos para honra, então em essência fazemos de todos os outros cristãos na casa vasos para desonra, o que parece algo um pouco extremo. Uma ideia assim não levaria em consideração cristãos piedosos que andam corretamente quanto à sua consciência, embora ainda não estejam exercitados naquilo que diz respeito aos seus vínculos eclesiásticos. Eles podem estar conectados a alguma ordem denominacional criada por homens, mas não tiveram suas consciências esclarecidas quanto aos vínculos ecle-

siásticos que deveriam romper. Dificilmente poderíamos acusá-los de mal eclesiástico se eles ignoram tal coisa. Talvez eles devam ser classificados como vasos para honra, porém não vasos “*santificados*” para honra. Acerca de um assunto ligeiramente diferente, nós não iríamos querer chamar as mesas (comunhões) de homens estabelecidas no testemunho cristão de “*mesas de demônios*” (1 Co 10:21). Insisto que isto seria ir muito longe e acabaríamos perdendo o sentido da passagem.]

[Nota 2: No grego a palavra *Ekkathairo*, traduzida aqui como “purificar”, só é encontrada duas vezes nas Escrituras. Ela aparece em 1 Coríntios 5:7, onde aquele que praticou o mal é tirado da comunhão dos santos. Aparece também em 2 Timóteo 2:21, onde o que praticou o mal se purifica da mistura de vasos bons e ruins.]

“Destes” e “Com os que”

O crente tem diante de si um duplo exercício: primeiro, *dissociar-se*, depois *associar-se*. Isto é indicado pelas palavras “*destes*” (vers. 21) e “*com os que*” (vers. 22). (N. do T.: No primeiro caso a versão Almeida Corrigida usa “*destas coisas*”, mas a tradução literal é “*destes*”). O crente deve se separar dos vasos que estão todos misturados na casa, e seguir “*com os que, com um coração puro, invocam o Senhor*”. Esta ordem é consistente em todas as Escrituras (Is 1:16-17, Rm 12:9, 13:12, Sl 34:14, 3 Jo 11). Os estudiosos nos informam que o termo “*destes*” é no grego o *genitivo plural*, o que significa que sua aplicação é ampla e poderia incluir tanto pessoas, como princípios e coisas. Ou seja, toda a mistura de coisas existentes na casa — todos os vasos na mistura, bons e ruins, verdadeiros e falsos. Isto significa que o crente fiel deve se dissociar de tudo aquilo que é contrário à verdade de Deus; de tudo o que negue aquilo que é a verdadeira igreja sob a Cabeça, que é Cristo; e de tudo o que negue ao Espírito Santo o Seu lugar de direito

como Guia. Ao fazer isso, o crente se torna um *“vaso para honra, santificado”*.

O que esta passagem está ensinando é que o crente fiel não deve se satisfazer em apenas andar corretamente diante de Deus na sua vida pessoal, mas deve também se separar de qualquer associação com o misturado estado de coisas (pessoas, doutrinas e práticas corruptas) existente na casa. Isto significa que ele irá se separar de alguns verdadeiros crentes que não estão preocupados por estarem associados com o erro e a confusão. Somos chamados a nos separarmos da desordem existente na casa, portanto se outros crentes verdadeiros estão contentes em seguir adiante em comunhão com a confusão, não nos resta escolha senão nos separarmos também deles. Isto é doloroso e um verdadeiro teste para revelar o quão decididos estamos em agir sobre os princípios das Escrituras. É natural nos sentirmos mal com isso, já que estaremos nos separando de crentes verdadeiros. Por sermos irmãos, existe um vínculo de amor entre os membros do corpo. Todavia, o chamado do Senhor tem precedência sobre o amor por nossos irmãos. Na verdade, a prova de nosso amor para com nossos irmãos é vista em nossa obediência a Deus. *“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos”* (1 Jo 5:2). Mesmo assim, devemos nos manter atentos contra qualquer atitude que nos leve a pensar que somos mais espirituais do que aqueles de quem nos separamos. A atitude correta, ao nos separarmos da mistura de vasos existente na casa, inclui o julgamento próprio, e não a justiça própria.

É só depois que o crente dá este primeiro passo que o Senhor irá guiá-lo à comunhão *“com os que”*, onde poderemos praticar toda a verdade de Deus (como é o caso da verdade do um só corpo). Todavia, isso acontecerá em um remanescente. Repare também que o exercício de dissociar-se é a primeira coisa apresentada ao crente. O caminho da associação *“com os que, com um coração puro, invocam o Senhor”* não será encontrado antes de agirmos na luz que tivermos para nos separarmos daquilo que sabemos estar errado e

inconsistente com as Escrituras. Somente então o Senhor irá nos dar mais luz e nos guiar no caminho.

A exortação para seguirmos “*com os que*” nos sugere que separar-se para o isolamento não é a solução para a ruína existente na casa de Deus. Algumas pessoas ficam frustradas quando veem a total ruína da igreja e acabam se resignando a seguirem adiante sozinhas. Mas a separação não deveria nos levar ao isolamento. Devemos sempre nos lembrar da exortação que diz: “*Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns*” (Hb 10:25). Repare também que a passagem não diz para seguirmos “*os que*”, pois isto significaria seguirmos meros homens. A passagem diz para seguirmos “**com os que**”, o que implica que eles próprios já estão seguindo, e devemos seguir “*com os que*”, para obedecermos ao Senhor e aos princípios da Sua Palavra. Cremos que o Senhor irá dirigir os passos daquele que estiver realmente exercitado. O versículo 22 mostra que o Senhor irá prover alguns com os quais possamos caminhar na prática da verdade. Não será possível fazê-lo com todos os membros do corpo, mas sim em um testemunho remanescente.

Seguindo a Justiça, a Fé, o Amor, e a Paz

Nesta senda, o julgar-se a si mesmo é algo que não deve ser negligenciado. Paulo acrescenta: “*Foge também das paixões da mocidade*”. Não se trata de uma exortação apenas para os jovens, mas também para os velhos que tenham a mesma luxúria dos jovens. Ao separar-se da mistura de vasos devemos seguir “*a justiça*”, que é procurar fazer o que é certo em todas as áreas da vida. Isto é importante, pois se nos tornarmos descuidados quanto à nossa maneira de agir para com as pessoas, seja nos negócios ou na vida em geral, poderemos facilmente falsificar a posição que temos de separados da iniquidade, e assim ridicularizar o terreno que assumimos.

Depois deve existir um “*segue... a fé*”, que é a energia interior da confiança da alma em Deus. Trata-se de algo muito necessário nestes dias difíceis, quando podemos ser facilmente desencorajados pelo pequeno número de pessoas que têm o desejo de praticar a verdade. Se a nossa fé desmoronar e formos tomados pelo desencorajamento, provavelmente abandonaremos a senda que trilhamos.

Então devemos também seguir “*o amor*”. Este seria o “*amor para com todos os santos*” (Ef 1:15, Cl 1:4). Apesar de termos de nos separar de muitos deles, continuamos a amá-los. Existe o perigo de nosso amor se estreitar, passando a se concentrar apenas naqueles com quem andamos em separação. Mais que isso, nosso amor para com aqueles com os quais caminhamos poderia esfriar. Os que preferem manter distância dos irmãos costumam esfriar e se distanciar da posição de remanescente. Por isso é importante permanecermos no amor de Deus (Jd 21) e no calor da comunhão de nossos irmãos, que “*com um coração puro, invocam o Senhor*”.

Finalmente, devemos seguir “*a paz*” procurando nos manter concordes com aqueles com quem caminhamos (1 Cr 12:33), a fim de que exista uma feliz unidade entre todos os que estão identificados com o testemunho remanescente.

Há muito trabalho para ser feito nesta posição de caminhar com aqueles que “*com um coração puro, invocam o Senhor*”. Depois de nos desvencilharmos, passamos à condição de alguém “*idôneo para uso do Senhor e preparado para toda a boa obra*”. Isto não significa que aqueles que permanecem associados com a confusão existente na casa não possam ser usados pelo Senhor em Sua obra; o ponto aqui é que o servo pode agora ser usado “*para toda boa obra*”. No serviço para o Mestre devemos começar partindo da comunhão com aquele testemunho remanescente e então procurarmos ser de bênção para todos. Um importante trabalho é procurar “*instruir com mansidão*” aqueles irmãos que continuam misturados à confusão existente na casa e que “*resistem*” à verdade de Deus. “*Porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade*”. Isto é

algo que aqueles que procuram servir ao Senhor, e ao mesmo tempo permanecem em comunhão com a confusão existente na casa, não poderão e nem irão querer fazer. Procurar desembaraçar outros crentes da confusão exige gentileza e paciência. Devemos vigiar a nós mesmos para não cairmos em contendas, pois *“ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor”* (2 Tm 2:23-24).

Capítulo 3 - A Assembleia Revestida da Autoridade do Senhor

Falamos de dois grandes recursos que temos para nos guiar nestes últimos dias, quando o testemunho cristão está mergulhado na confusão — *“Deus e a palavra da sua graça”* (At 20:32) — a oração e a Palavra de Deus. Estas são duas coisas que a igreja sempre teve à disposição para guiá-la desde o início. Mas existe outro grande recurso que não podemos subestimar — o Espírito Santo. Não nos esqueçamos de que existe uma Pessoa divina habitando em nós e que deseja nos guiar pelo caminho. O Senhor disse: *“Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade”* (Jo 16:13). No Novo Testamento, o primeiro indício do Espírito Santo guiando os crentes ao lugar de reunião de Deus está em Mateus 18:20. Considerando que Deus tem apenas uma comunhão à qual todos os cristãos são chamados (1 Co 1:9), o Espírito de Deus só iria guiar a esse terreno de reunião onde Cristo é o centro.

Mateus 18:18-19

Enquanto 2 Timóteo 2:19-22 nos fala do processo do exercício pelo qual devemos passar para encontrarmos o testemunho remanescente nos dias atuais e nos identificarmos com ele, Mateus 18:18-20 descreve os grandes princípios de reunião sobre os quais

aqueles conectados ao testemunho remanescente devem congreguar. Trata-se do terreno de reunião que o Senhor originalmente planejou para que nele toda a igreja viesse a congreguar para adoração e ministério. Isto significa que ainda é possível praticarmos toda a verdade das Escrituras referentes a como os cristãos devem se reunir (isto é, a verdade do *“um só corpo”*), mesmo em um dia de ruína quando a maioria dos cristãos não têm o mesmo exercício.

Alguém apropriadamente chamou estes versículos de “Carta Magna da Igreja”. No princípio da igreja, o Espírito de Deus reuniu todos os cristãos sobre este único terreno de reunião, mas isso foi antes que ocorressem as divisões na cristandade. Hoje podemos esperar que apenas um remanescente de crentes esteja interessado em congreguar sobre os mesmos princípios.

Se esta passagem assinala realmente quais são os grandes princípios da assembleia para os cristãos estarem congregados para adoração e ministério, podemos esperar que o diabo, nosso adversário, fará um grande alvoroço quanto à sua interpretação, a fim de confundir o maior número de pessoas. Podemos ter certeza de que aquilo que Deus mais preza é também aquilo a que Satanás mais se opõe. O diabo não fica contente em ver cristãos congregados sobre os princípios divinos, e irá tentar dividi-los a todo custo. Ele não gosta de podermos congreguar e caminhar juntos, em unidade (Jo 17:11, 21). Nosso inimigo tem um ódio todo especial contra a verdade da assembleia, pois ele sabe que, quando praticada, ela une o povo de Deus. Esta é a razão de assuntos como o de Mateus 18:20 e da mesa do Senhor sofrerem ataques com tanta frequência. O diabo sabe que a maneira mais eficaz de atingir seus objetivos de dividir e espalhar o povo de Deus é atacando a verdade fundamental sobre a qual Deus gostaria que os cristãos estivessem reunidos. O plano do inimigo é simples: se ele puder tirar dos santos a verdade do único centro divino de reunião, eles certamente acabarão espalhados.

Foi o que aconteceu com Israel. Como já vimos, por detrás do plano de Jeroboão de construir centros alternativos em Betel e Dã estava o claro desígnio do diabo de dividir os filhos de Israel (1 Rs 12). Os planos do inimigo para dividir os santos no cristianismo não têm sido diferentes. Conforme mencionamos, com o intuito de espalhar os cristãos o diabo tem procurado minar as verdades fundamentais relacionadas ao estarmos congregados ao Nome do Senhor Jesus Cristo para adoração, ministério e ações administrativas. As muitas centenas de denominações na cristandade e as várias divisões entre aqueles que procuram praticar os princípios da assembleia são uma prova de quão grandes foram os ataques do inimigo.

A obra do inimigo tem sido tão eficaz que a maioria dos cristãos nem percebe os grandes princípios que estão diante de nossos olhos nesta passagem! Para aqueles que têm estado congregados ao Seu Nome, existe sempre o perigo de serem desviados desse terreno pelas artimanhas do diabo. E quando isso ocorre, eles costumam se transformar nos opositores mais ferrenhos desta verdade. J. N. Darby escreveu: “No geral, grande parte do conflito ocorre por não se desejar entender a verdade de Cristo como o único centro de reunião. Não existe um oponente mais ferrenho desta verdade do que aquele que a conhece, porém não deseja andar nela”. Já que somos exortados a nos mantermos vigilantes contra tais ataques do inimigo (At 20:29-31, 2 Co 2:11, 1 Pd 5:8), à medida que procedermos com os grandes princípios da assembleia encontrados nesta passagem, abordaremos também algumas das ideias divergentes que têm confundido alguns e desviado outros. Veremos que quase cada frase destes versículos tem sido atacada, minada e distorcida de alguma maneira.

A Assembleia é Revestida de Autoridade, não de Infallibilidade

Se observarmos o contexto da passagem em Mateus 18:15-20 veremos que o Senhor estava anunciando que Ele iria conferir Sua autoridade à “igreja” ou “assembleia” para agir em lugar dEle durante a Sua ausência. Isso era um novo direcionamento nos procedimentos de Deus. Israel iria ser deixado de lado por causa de seu fracasso, e Cristo estava prestes a edificar Sua assembleia (Mt 16:18). A assembleia seria o novo centro administrativo divino na terra que Deus passaria a reconhecer. Se surgissem dificuldades entre os santos, eles já não precisariam trazê-las diante dos juízes em Jerusalém, como no tempo em que Ele deu autoridade para Israel agir em Seu Nome no judaísmo (Dt 17:8-13). Agora eles deveriam trazer as questões para a assembleia. “*Dizei-o à igreja*”, disse Ele. Então Ele seguiu dizendo que a assembleia teria autoridade para agir administrativamente em Seu Nome sempre que necessário: “*Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu*”. Um exemplo da assembleia ligando seria o caso de 1 Coríntios 5:11-13. Um exemplo da assembleia desligando seria 2 Coríntios 2:6-11. Assim a assembleia foi revestida da autoridade do Senhor para agir em Seu Nome durante o tempo de Sua ausência, e suas ações devem ser reconhecidas como autoridade final. Essa autoridade *não foi* dada aos apóstolos (apesar de os apóstolos terem recebido uma autoridade especial), mas à assembleia. Mateus 18:18-20 é a primeira referência feita à assembleia *local* na Bíblia. Antes disso o Senhor havia dito que iria edificar Sua assembleia em seu aspecto *universal* (Mt 16:18).

Todavia, o fato de a assembleia ter recebido autoridade não significa que ela seja infalível em suas ações. J. N. Darby escreveu um artigo sobre este assunto que é de grande ajuda, intitulado “Confundindo Autoridade com Infalibilidade” (J. N. Darby, “Collected Writings”, vol. 14, p. 304-307). Ele mostra que é possível que as coisas que a assembleia venha a ligar na terra possam estar erradas, porém isso não muda o fato de que a assembleia está revestida da autoridade do Senhor. Muitos têm ficado confusos com

esta questão. Não conseguem entender como uma ação errada poderia ser *“ligada”*. Eles concluem que se está errada, então não poderia ser ligada no céu. Todavia, é um engano pensar que o termo *“será ligado no céu”* significa que ela seja necessariamente aprovada pelo céu. Isto quer dizer simplesmente que o céu reconhece tal ação. O céu pode não estar contente com uma decisão tomada pela assembleia, porém a reconhece. A ação continua ligada. Isto ocorre porque a assembleia foi revestida com a autoridade do Senhor para agir como representante dEle. Trata-se de uma extensão de Sua autoridade.

Podemos entender melhor este princípio em uma família. No artigo de Darby, *“Confundindo Autoridade com Infallibilidade”*, ele menciona o fato de, na família, os pais terem recebido de Deus autoridade, e mesmo assim eles não são infalíveis. Todos na família devem se sujeitar àquela autoridade. Um pai pode disciplinar um filho por engano, mas ainda assim sua autoridade é válida e o dever de todos na família é se submeterem. É assim que é mantida a ordem em um lar. Quando vem à tona que o pai cometeu um erro, o normal seria ele reconhecer seu erro pedindo humildemente desculpas e fazendo as correções necessárias. O mesmo ocorre com um policial: ele possui autoridade para prender alguém, mas já que o policial não é infalível, é possível que ele venha a cometer erros. Porém sua ação continua a ter validade e a pessoa presa não tem alternativa senão aceitá-la, até que se prove que a ação foi errada. Se as autoridades civis não fossem assim, não haveria qualquer ordem no governo e estaríamos vivendo em um estado de anarquia. O céu pode não se agradar de uma decisão tomada pela assembleia, mas a reconhece. É assim que a ordem é mantida na casa de Deus.

É solene pensarmos que podemos usar essa autoridade de maneira errada e acabar associando o céu a algo que não está correto, nos colocando assim sob o juízo governamental de Deus. Esta é exatamente a razão de o Senhor ter Se dissociado exteriormente da grande massa da profissão cristã, e de Ele estar atualmente

lidando com um remanescente. Se esse remanescente se achar em condições deploráveis e falhar em sua responsabilidade diante do Senhor, Ele pesará Sua mão em juízo governamental sobre aqueles identificados com esse testemunho, e o reduzirá em número e tamanho, peneirando e espalhando alguns até que estejam humilhados. Isto já aconteceu, como pode ser visto nas várias divisões e dispersões que ocorreram na história. Se aqueles conectados com o testemunho remanescente continuarem a agir de um modo que não agrade ao Senhor, Ele encerrará de vez a história da igreja na terra e a levará para a glória. É o que vemos representado no declínio do testemunho da igreja vivido pelas sete igrejas de Apocalipse 2-3. Quando se chega ao abominável estado de Laodiceia, a única saída é para cima. É aberta uma “*porta*” no céu e João é chamado a subir ao céu, indicando que os crentes serão assim levados na vinda do Senhor, o arrebatamento (Ap 4:1). [Ver nota]

[Nota: Apesar de Apocalipse 4:1 não ser o próprio arrebatamento, a passagem dá uma ideia do que acontecerá após a igreja ter encerrado sua história neste mundo. O Senhor virá e nos chamará.]

O Caso de uma Decisão Injusta da Assembleia

Se for o caso de uma assembleia tomar uma decisão injusta, existe um recurso. Primeiro, podemos levar a questão em oração diretamente ao Senhor, a Cabeça da igreja. Ele poderá exercitar as consciências das pessoas naquela localidade até que corrijam aquela ação. Segundo, o Senhor levantará profetas entre eles localmente, ou enviará alguns de outras assembleias, para despertar a consciência daquela assembleia a fim de que seja feita a correção (2 Co 2:4, Ap 2:13, 2 Cr 24:19-22, Jd 9:5-21). Em terceiro lugar, se aquela assembleia local se recusasse a lidar com seus erros, depois de estes lhe terem sido claramente apontados, ela deixaria de ser reconhecida por meio de uma ação de “ligar” feita por outra assembleia agindo como representante do corpo como um

todo. Todos iriam simplesmente reconhecer o fato de que a assembleia que insistisse no erro não estaria mais congregada no verdadeiro terreno da igreja de Deus. Neste caso a assembleia local como um todo é tratada assim por ter defendido o mal em seu meio, tornando-se cada um dos que ali participam igualmente responsável pelo erro. Se as coisas chegarem a este ponto, já não se trata de uma questão de apenas alguns indivíduos em seu meio estarem envolvidos com o mal, mas de toda a assembleia local ter se recusado a julgar aquele mal. Esta é a triste, porém necessária, maneira de as escrituras lidarem com uma ação equivocada de uma assembleia, ou então com sua inércia, quando ela fracassa em tomar uma iniciativa para afastar o mal (Dt 13, Jd 21, 2 Sm 20:14-22).

Todavia, a remoção de um candeeiro local é algo que o Senhor não faz de maneira imediata (na tradução de J. N. Darby de Apocalipse 2:5 a palavra “brevemente” é suprimida — N. do T.: o mesmo ocorre na Almeida Atualizada). É só depois de muitas objeções e oportunidades de arrependimento que o Senhor levantará outra assembleia para, em nome de todas as assembleias, repudiar aquela em particular por causa do mal que causou. Evidentemente, a partir de então a ação errônea “ligada” por aquela assembleia local deixaria de ter valor. Nesse ínterim, até que uma assembleia decida agir para a glória de Deus quanto àquele assunto (repudiando a assembleia injusta em questão), devemos nos sujeitar e esperar em Deus. Mencionamos isto para mostrar que existe um recurso contra o abuso de autoridade nas questões administrativas.

Devemos observar que as escrituras nunca nos instruem a tentarmos resolver nós mesmos as questões como indivíduos e de forma independente, quando se trata de alguma ação errada feita por uma assembleia. A ação independente de indivíduos nas questões coletivas é sempre criticada nas escrituras (Dt 17:12, Nm 15:30-31). Ela tão somente abre as portas para o inimigo. Deus tem a Sua maneira de tratar com problemas assim, e deve-

mos acatá-la a fim de mantermos a ordem. Infelizmente é aí que muitos cristãos erram. Eles pensam que não podem se submeter a algo que acreditam ser injusto e sem fundamento bíblico. Acham que se o fizerem estarão violentando suas consciências. Alguns podem até alegar: “Devo obedecer primeiro o Senhor, não os irmãos”. Mas quer eles entendam ou não, o que estão dizendo é que são mais santos do que o próprio Senhor. Se Ele pode suportar a decisão até que ela seja corrigida, por que nós não poderíamos? Uma assembleia que comete um erro em suas responsabilidades administrativas ainda possui o Senhor em seu meio até que seja repudiada por não estar mais no verdadeiro terreno da igreja de Deus. J. N. Darby escreveu: “Por que falar de obedecer primeiro ao Senhor e depois à igreja? Como fazer isso supondo que o Senhor esteja na igreja? Trata-se meramente de estabelecer um julgamento privativo em oposição ao julgamento da assembleia reunida ao nome de Cristo conforme a Sua promessa (se não for o caso de uma assembleia congregada ao nome de Cristo, então nada tenho a dizer); isso nada mais é do que dizer, ‘Sozinho eu me considero mais sábio do que os que estão congregados’. Rejeito completamente a ideia de obedecer primeiro a Cristo e depois à igreja por ser algo totalmente sem fundamento bíblico” (“Letters of J. N. Darby”, vol. 1, p. 419). Ele também escreveu: “Portanto, a questão toda não passa de um mero sofisma que denuncia o desejo de dar livre expressão à vontade própria, baseado na confiança de que o julgamento feito por uma pessoa é superior a tudo o que já tenha sido julgado” (“Letters of J. N. Darby”, vol. 1, p. 421-422).

Em muitas situações Satanás gosta de trabalhar sob um disfarce de justiça. Ele e seus ministros se transformam em “*ministros de justiça*” a fim de enganarem os incautos ou aqueles que não têm fundamento bíblico, a fim de levá-los a agir de forma independente (2 Co 11:14-15, Rm 16:18). Ele fará parecer mais correto resolvermos nós mesmos a situação, porém se fizermos assim não poderemos contar com a bênção de Deus. Uma ação inde-

pendente não é a solução; não é coerente com o guardar “*a unidade do Espírito*”. Como já dissemos, se acharmos que uma assembleia cometeu um erro, podemos levar o caso à Cabeça da igreja. Ele escuta, entende e cuida disso melhor do que nós mesmos poderíamos fazer. E se tivermos fé de que Ele irá corrigir a situação da maneira que achar necessário, podemos deixar tudo aos Seus cuidados. Mas se não tivermos essa confiança nEle, e não pudermos confiar que Ele esteja cuidando disso, acabaremos tentando resolver tudo com as nossas próprias forças, o que nada mais é do que agir na energia da carne.

“Qualquer coisa”

W. Potter escreveu um breve artigo sobre as ações da assembleia no qual ele diz que a expressão “*qualquer coisa*” de Mateus 18:19 é incondicional. Uma assembleia pode ligar erroneamente algo, e nosso dever é nos sujeitarmos até que seja feita uma retificação de forma pacífica e ordenada. Independente do que Potter diz, para alguns a interpretação de “*qualquer coisa*” como incondicional parece tirada do papismo católico romano. A opinião desses é que isso tornaria a assembleia infalível em suas ações administrativas, o que não é verdade. Tais pessoas argumentam que se a expressão “*qualquer coisa*” for incondicional, então a assembleia poderia ligar *qualquer coisa* que quisesse, e ela automaticamente seria ligada no céu. Em seu modo de pensar isso deixaria o céu sujeito às ações da igreja na terra, e se a assembleia cometesse um erro, o céu estaria se colocando em comunhão com o mal, algo que Deus jamais faria. A princípio, um argumento assim pode parecer bem lógico, mas por trás dele está uma tentativa do inimigo de criar confusão na assembleia e minar suas ações. Para isso bastaria alguém declarar que uma determinada ação da assembleia foi injusta, para concluir que ela não teria o respaldo do céu. E se o céu não a endossasse ninguém estaria obrigado a aceitá-la e nem se submeter a ela. Esta é uma maneira conveniente de se desprezar

aquelas ações da assembleia que não nos agradem. Se os atos administrativos de uma assembleia só devessem ser obedecidos sob a condição de estarem corretos, toda e qualquer ordem seria subvertida. [Ver nota]

[Nota: “Isto é confundir autoridade com infalibilidade. Em uma centena de situações a obediência pode ser compulsória sem que exista infalibilidade. Se não fosse assim, não poderia existir qualquer ordem no mundo, como você pode facilmente constatar... Se não existisse obediência a menos que existisse infalibilidade; se não existisse qualquer concordância com o que fosse decidido, não haveria limites para a vontade própria, e a ordem comum desapareceria.” “Letters of J. N. Darby”, vol. 1, p. 421.]

O grande problema dessa ideia errônea é que os julgamentos da assembleia ficariam sujeitos ao nosso julgamento pessoal. A assembleia já não seria a corte da autoridade mais elevada nesses assuntos, e sim nosso próprio juízo. Toda a ordem se perderia assim. Todos ficariam livres para fazer o que parecesse “reto aos seus olhos” (Jz 21:25). Muitos têm sido enganados com a ideia de que, a menos que uma ação da assembleia trouxesse o inconfundível carimbo da Palavra de Deus, ela não ligaria pessoa alguma na terra e não seria ratificada no céu. Em outras palavras, a decisão da assembleia somente teria validade quando fosse uma decisão correta. Ora, se fôssemos nos sujeitar a uma decisão da assembleia apenas quando a considerássemos correta, o triste resultado de cada vez que a assembleia agisse seria que alguns se sujeitariam à decisão, e outros não, simplesmente por causa de suas diferenças de opinião. Nos dias atuais, quando a igreja está em um estado generalizado de ruína, estaríamos sujeitos a encontrar alguns que pensam ser mais sábios que seus irmãos, e cujo julgamento pessoal irá diferir do julgamento da assembleia. O inimigo logo se aproveitaria disso para dividir os santos, e desta forma abalar a unidade. Certamente não é este o modo de Deus garantir a ordem em Sua casa. Nossa responsabilidade é nos submetermos, mesmo quando achamos que a decisão está errada, e depois

esperarmos no Senhor para que ela seja corrigida. É assim que a ordem é mantida. J. N. Darby escreveu: “Mesmo que eu ache que uma assembleia se enganou em seu julgamento, meu primeiro passo é aceitá-lo e agir conforme for determinado” (“Letters of J. N. Darby”, vol. 2, p. 132).

Na tentativa de negar a força da expressão “*qualquer coisa*” em Mateus 18:18, e querer provar que ela não poderia ser incondicional, alguns erroneamente presumiram que o versículo 19 seria de uma reunião de oração, concluindo assim que, se a expressão “*qualquer coisa*” nas orações da assembleia estiver sujeita à aprovação do céu (pois Deus somente responde às nossas orações quando elas estão de acordo com a Sua vontade), então as questões relacionadas à expressão “*qualquer coisa*” para as decisões de “*ligar*” deveriam também estar sujeitas à aprovação do céu. Muitos cristãos bem intencionados tiram o versículo 19 de seu contexto e acreditam que se alguns crentes se reunirem para orar sobre uma questão suas orações serão respondidas, pois o Senhor assim prometeu. A passagem não fala de indivíduos orando juntos, mas daqueles congregados ao nome do Senhor e reunidos como tais, agindo dentro de suas responsabilidades administrativas. Mas é um engano pensar que os versículos 19-20 estejam se referindo estritamente a uma reunião de oração. O contexto indica que se trata de uma reunião para disciplina, apesar de o princípio estabelecido nestes versículos ser amplo o suficiente para incluir todas as reuniões da assembleia em uma aplicação secundária. (Por isso Mateus 18:20 é às vezes lido no partir do pão). Em 1 Coríntios 5:4-5 Paulo refere-se a essa mesma reunião em nome do Senhor no sentido da disciplina. Se o assunto de Mateus 18 fosse uma reunião de oração, então o Senhor teria mudado de assunto bem no meio de seu discurso sobre as ações administrativas da assembleia para mais tarde, no versículo 20 e seguintes, voltar ao assunto, ao falar da necessidade de se ter um espírito voltado para o perdão de um irmão que estivesse arrependido de seu pecado (vers. 21-35). Se assim fosse, estaria fora de ordem. O

ponto do versículo 19 é que a assembleia se reúne com o Senhor no meio (vers. 20) para invocar a Deus com o objetivo de ratificar sua decisão de “ligar”. A promessa é clara: *“isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus”*.

Para aqueles que porventura têm dúvidas se a expressão “qualquer coisa” se refere efetivamente a qualquer coisa que a assembleia decida julgar, sugiro a leitura de 2 Coríntios 2:10. Ali vemos que quando o assunto é “desligar” uma ação de “ligar”, Paulo diz: *“E a quem perdoardes alguma coisa...”*. Se eles são vistos perdoados “alguma coisa”, necessariamente devem ter ligado a mesma “coisa”. Isto não deveria ser difícil de entender para aqueles que têm o desejo de obedecer. Mas é aí que está a questão. Será que desejamos realmente fazer a vontade do Senhor? A verdade é para aqueles que desejam fazer Sua vontade (Jo 7:17). Às vezes as pessoas criam tamanha confusão por acharem que a assembleia talvez tenha tomado uma decisão errada, que é de se perguntar aonde elas querem chegar. Mas a pergunta é: com que frequência coisas assim acontecem? Raramente. W. Potter também comenta no mesmo artigo que em 50 anos ele não soube de qualquer ação tomada entre os irmãos à qual não fosse possível alguém se submeter.

C. D. Maynard escreveu: “Uma assembleia, quando congregada ao Nome de Cristo, tem a Ele em seu meio, e possui Sua autoridade para agir em “ligar” ou “desligar” os pecados de um irmão ofensor (Mt 18:18-20). Tal ação é ratificada no céu. Não existe como apelar de tal decisão, a não ser a Cristo na glória; do mesmo modo como Jesus *‘entregava-se [ou entregava a Sua causa] Àquele que julga justamente’* (1 Pd 2:23)... Pode ocorrer a alguns que se uma assembleia local viesse a julgar erroneamente (segundo a opinião desses) poderia ser feito um apelo a outra assembleia local. Por exemplo, para restaurar alguém que tivesse sido erroneamente excluído. Não existe mais fundamento bíblico para isso que para a corrupção do romanismo. O seu sentido é negar a unidade prática das duas assembleias. Imaginar tal coisa é negar que exista um

só corpo e um só Espírito. Se a mesa do Senhor for uma, ambas as assembleias estão sujeitas à ação de uma delas, portanto é impossível um apelo desse tipo. Se uma assembleia puder revisar o julgamento da outra, não existe unidade do Espírito ali, mas as duas não passam de reuniões independentes” (C. D. Maynard, “Various Papers on Assembly Principles”, *A Local Assembly*, p. 72). A falta de entendimento deste importante princípio nas questões da assembleia está por trás de todas as tristes divisões que ocorreram entre aqueles reunidos ao Nome do Senhor ao longo dos anos. Portanto faremos bem em ponderar cuidadosamente estas coisas.

Outra ideia errônea que alguns têm é que se a assembleia tomar uma decisão errada (e pode ser que seja errada apenas na opinião desses), então ela não pode mais ser considerada uma assembleia reconhecida por Deus, e, portanto, os que não concordassem deveriam abandoná-la. Isso pode ser uma desculpa para essas pessoas agirem na vontade própria, e talvez irem congregar em outro lugar. Todavia, é um engano pensar que uma assembleia perca sua posição como assembleia bíblicamente congregada ao Nome do Senhor caso ela tome uma decisão errada. Esta ideia revela a ignorância em confundir autoridade com infalibilidade. Acreditar que uma assembleia tenha autoridade, e não infalibilidade, inclui presumir a possibilidade de ela cometer um erro. Ao cometer um erro a assembleia não perde seu status de estar bíblicamente reunida, do mesmo modo como os pais em uma família não deixam de ser pais por terem cometido um erro ao disciplinarem um filho. A assembleia em Corinto continuava sendo reconhecida pelo apóstolo como a igreja em Corinto, e era assim que ele endereçava suas cartas, apesar de existirem ali problemas sérios. Se uma assembleia assim se recusasse a corrigir os erros existentes em seu meio, depois de ter sido admoestada muitas vezes e com muita paciência, ela estaria sujeita a ser desligada ou deixar de ser reconhecida, mediante uma ação de outra assembleia to-

mada em nome das assembleias como um todo que permanecessem sobre o verdadeiro terreno da igreja.

Tunbridge Wells

Um exemplo de erro de interpretação foi o que ocorreu em Tunbridge Wells em 1908-1909. Alguns que conhecem o incidente acreditam que as ações que a assembleia tomou, primeiramente ao silenciar C. Strange (1903) e mais tarde ao excluí-lo (1908), teriam sido injustas. Acreditando que o modo de lidar com C. Strange foi injusto e sem base bíblica, eles acharam que Tunbridge Wells havia por isso perdido seu status de uma assembleia verdadeiramente congregada ao nome do Senhor. Tal ideia equivocada é erroneamente sustentada por W. R. Dronsfield em seu livro “The Brethren Since 1870”, na página 33, onde diz: “Se dois ou três estiverem verdadeiramente reunidos ao nome do Senhor, qualquer decisão que tomarem deve ser correta para que seja reconhecida como tal nos céus. Todavia, a recíproca também é verdadeira, ou seja, que se aqueles reunidos chegarem a uma decisão injusta, eles não podem estar reunidos ao nome do Senhor”. Assim, alguns acharam que as ações daquela assembleia não poderiam ser reconhecidas como ações com respaldo dos céus. Como consequência, decidiram não se sujeitar àquela decisão.

Ora, fica claro a partir dos fatos envolvendo o caso em questão que a assembleia de Tunbridge Wells agiu de forma meio confusa. Além disso, as relações subsequentes entre muitos dos que estavam em Tunbridge Wells revelou um espírito hostil que certamente nunca se deveriam permitir. Mas a grande pergunta é: “Teria sido uma decisão da assembleia?”. Ambas as partes concordam que era, exceto os simpatizantes de Lowe em Londres, que acreditavam ter sido uma decisão injusta da assembleia, e portanto, resolveram não se submeter a ela. Todavia, o fato de alguns irmãos de Londres (o partido de Lowe) achar que a ação era injusta e sem fundamento bíblico não muda ou torna nula a ação. A

outra pergunta é: “A assembleia em Tunbridge Wells tinha ou não autoridade para agir em nome do Senhor?”. Se não, quando foi que ela perdeu sua autoridade de agir? Vimos nas páginas anteriores que uma assembleia não perde sua posição de estar bíblicamente congregada ao nome do Senhor por *individualmente* acharmos que tomou uma decisão errada! Devemos nos lembrar de que a decisão foi tomada em Nome do Senhor por uma assembleia congregada ao Seu Nome, e, portanto, revestida de autoridade para agir em questões administrativas. A assembleia em Tunbridge Wells decididamente tinha autoridade para agir em Nome do Senhor. Portanto, sua decisão foi ligada nos céus e todos deveriam se submeter a ela. Isso teria evitado a divisão.

Já que a decisão em Tunbridge Wells não pareceu aos seguidores de Lowe (e aos do continente europeu) fundamentada em graça, eles não a consideraram como uma decisão legítima da assembleia (“Report by Bros. Brockhaus, Donges, e al.” p. 25). O grande erro ali foi achar que só se deve submeter a uma decisão de uma assembleia quando for uma decisão correta e tomada de uma maneira piedosa. A ideia de se sujeitar até mesmo se acharmos que a decisão é errada nem sequer foi cogitada. Aquilo foi certamente um desvio da verdade bíblica que os irmãos tinham ensinado até então. Foi tornar as decisões da assembleia dependentes da condição moral da assembleia — determinar que a assembleia precisa estar em boas condições antes que suas decisões sejam capazes de “ligar”, antes de nos sujeitarmos a elas. Mais uma vez isso é confundir autoridade com infalibilidade. Uma boa condição moral, evidentemente, é desejável, mas *não é isso* o que concede à assembleia sua autoridade. Como já demonstramos, é o Senhor no meio que dá à assembleia a autoridade necessária para ela agir. Se os seguidores de Lowe achavam que a assembleia em Tunbridge Wells estava em erro, deviam ter se submetido à decisão “*prima facie*” (“*evidência aparente*”), ao menos para o momento, e então buscar tocar a consciência daquela assembleia quanto ao erro. Isso teria preservado a ordem e a unidade.

Apesar de alguns terem se dirigido aos irmãos em Tunbridge Wells neste sentido, isso não foi feito em um espírito de indagação, mas de condenação. Entre muitos em Londres não havia a percepção do fato de que os irmãos locais conhecem melhor o modo de ser das pessoas, e que deviam se sujeitar a tal julgamento. Ao contrário, N. Noel, em seu “History of the Brethren”, assinala que os irmãos em Londres e arredores julgaram que a decisão não era bíblica e, portanto, era injusta. Então simplesmente a desprezaram! Eles permitiram que C. Strange continuasse a partir o pão com eles! Aquele foi um ato de total contenda para com a decisão tomada na assembleia de Tunbridge Wells onde o Senhor estava no meio. O partido dos seguidores de Lowe manifestou um espírito que dava a entender que eles estavam acima da autoridade do Senhor delegada à assembleia em Tunbridge Wells, o que é extremamente sério. Aquilo foi uma afronta ao Senhor. Foi só *depois* que as assembleias de Londres (que haviam seguido Lowe) haviam quebrado “*a unidade do Espírito*” ao receberem C. Strange que tinha sido excomungado em Tunbridge Wells, que a assembleia em Tunbridge Wells emitiu sua declaração (1909) de não estar mais em comunhão com aqueles que não reconhecessem a decisão que eles tinham tomado em nome do Senhor. Esta foi também uma decisão tomada por uma assembleia reunida ao Nome do Senhor e deveria ter sido acatada por todas as outras assembleias. [Ver nota]

[Nota: Mais uma pergunta chama nossa atenção. Deveria C. Strange ter sido colocado fora? Ambos os lados concordam que ele era um homem obstinado. Cremos que o Senhor deixou claro a Sua vontade acerca da questão. Após o partido dos seguidores de Lowe ter defendido C. Strange e continuado em comunhão com ele, no período de um ano metade deles acabaram tendo a embaraçosa experiência de precisar colocá-lo fora de sua comunhão divergente, por causa de sua maneira de ser, tomando assim a mesma decisão que Tunbridge Wells havia tomado! Ressaltamos que nem a história de N. Noel, nem a de W. R. Dronsfield,

apoiadores do partido de Lowe, registraram este fato em seus relatos daquela triste divisão!]

Concluindo, gostaríamos de dizer que o que havia no cerne de toda aquela questão relacionada à decisão tomada por Tunbridge Wells era um grosseiro equívoco de que só se deve submeter à decisão de uma assembleia quando ela estiver correta. Mais uma vez, trata-se de uma simples questão de confundir autoridade com infalibilidade. Grande parte dos irmãos da Europa se desviou ao tentar discernir que posição tomar avaliando a condição moral dos dois lados. Eles achavam que o partido dos seguidores de Lowe era mais humilde, e por isso correto em sua decisão. Assim fizeram do estado moral da assembleia o critério para decidirem a decisão da assembleia, ao invés de se basearem na autoridade do Senhor no meio daqueles que Ele reuniu. Aqueles que seguiram o partido de Lowe agiram sobre essa falsa premissa, e foi o que os levou à divisão.

As escrituras ensinam que o estado moral pode ser baixo naqueles que estão no terreno divino, e que eles podem agir de forma rude em determinadas questões, mas isso não altera o fundamento da reunião sobre o qual estão e a autoridade do Senhor em seu meio. É o que vemos no caso de Roboão (1 Rs 12). Ele agiu de maneira péssima para com os que pertenciam às dez tribos, indo contra o conselho dos anciãos, e suas ações precipitaram a divisão do reino. Apesar de não justificarmos suas ações, isso não muda o fato de que ele e todo Judá continuavam no centro divino dado a Israel (Jerusalém) onde a autoridade de Deus havia sido delegada. Se a condição moral fosse o critério para decidir onde o Senhor estava naquela questão, seríamos obrigados a dizer que Ele estava com Jeroboão e as dez tribos, e que Deus estaria estabelecendo Seu centro divino entre eles. Já observamos que o Senhor não faria isso: a partir daquele ponto Ele já não estava com as tribos do norte de Israel (2 Cr 25:7).

O que aconteceu em Tunbridge Wells trouxe à tona o fato de que um desvio da verdade dos princípios que regem a assembleia es-

teve em desenvolvimento entre os irmãos por alguns anos. Bastou este incidente para que ficasse manifesto. W. M. Sibthorpe chamou a isso de um “sistema”. Depois de tomada a decisão em Tunbridge Wells de excomungar C. Strange (1908), seguida de sua decisão de não mais continuar em comunhão com as assembleias que desafiaram a autoridade do senhor ao receberem C. Strange (1909), muitos acharam que deviam se posicionar quanto àquele assunto. [Ver nota]

[Nota: Fica evidente a partir dos relatos históricos das várias divisões que culminaram no incidente de Tunbridge Wells que tal ideia tinha ficado escondida no pensamento de muitos. Citamos um trecho de “The Brethren Since 1870”, de W. R. Dronsfield: “Todas as assembleias, uma a uma, decidiram se deveriam apoiar Bexhill ou Londres... Em poucos meses cada crente nas assembleias foi forçado a decidir, tivesse ele pouco ou muito conhecimento, fosse ele iniciante ou experiente” p. 22-23.]

Este é também um falso princípio. Não era necessário que todas as assembleias espalhadas pela Inglaterra e pelo continente europeu decidissem, pois a decisão já tinha sido tomada em Tunbridge Wells em nome das assembleias como um todo. O que precisava era submissão à decisão tomada em Nome do Senhor. Tal atitude honra a Deus e demonstra que reconhecemos a autoridade do Senhor do modo como ela é delegada à assembleia local. Isso teria evitado a divisão.

Na verdade cada divisão ocorre quando uma assembleia toma uma decisão contra alguém, excomungando uma ou mais pessoas, e um partido formado por simpatizantes dessas pessoas se recusa a submeter-se àquela decisão, alegando não ter sido uma decisão legítima da assembleia. Por detrás de cada caso uma coisa fica bem evidente: o não reconhecimento de uma decisão da assembleia como estando revestida da autoridade do Senhor.

Como costuma ocorrer, por trás de todas as divisões que aconteceram entre os irmãos, o Senhor estava peneirando aqueles que

havia abandonado os princípios bíblicos relacionados à assembleia.

As Razões Ocultas

Gostaríamos de pensar que aqueles que se recusam a se submeter a uma decisão da assembleia pudessem estar sinceramente enganados a respeito dos princípios que regem a assembleia, mas às vezes existem razões ocultas. Devemos nos lembrar de que *“engano é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso”* (Jr 17:9). Além disso, *“o que confia no seu próprio coração é insensato”* (Pv 28:26). Podem existir razões ocultas em nosso coração que sequer detectamos. Parece ser este o caso de Absalão. Quando seu irmão Amnom cometeu incesto no reino, a lei Levítica determinava que ele devia ser executado (Lv 18:9, 29). Vendo que o Rei Davi nada fez, Absalão decidiu tomar a questão em suas próprias mãos e liderou um grupo de homens para matar Amnom. Para os *“simples”* e *“que nada sabiam daquele negócio”* (Rm 16:18; 2 Sm 15:11) aquilo talvez tenha sido visto como um ato de justiça, retidão e piedade. Aos olhos desses Absalão provavelmente parecia ser um homem fiel agindo em favor da glória de Deus, e não poupando sequer seu próprio meio-irmão. Mas Absalão não se importava nem um pouco com a glória de Deus e nem tinha aversão por aquele pecado, e isso acabou ficando claro quando também cometeu incesto com as concubinas de seu pai — dez vezes mais que Amnom (2 Sm 15:16; 16:22). Além do ódio natural de Absalão pelo que Amnom fizera à sua irmã Tamar, havia uma razão mais profunda para querer matá-lo, e esta era sua sede de poder. Ele queria reinar no trono de Israel, e seu irmão Amnom, que era mais velho e o primeiro na sucessão ao trono, precisava ser eliminado. O pecado de Amnom foi apenas a desculpa para tirá-lo de cena. Do mesmo modo, nas questões relacionadas à assembleia, alguns podem ser levados por outros motivos na hora de escolher de que lado querem ficar em relação a alguma decisão.

Há quem chegue a agir de forma contrária ao próprio bom senso. Quando você olha para a situação na superfície, pode se espantar com a posição assumida por este em relação a uma determinada questão. Porém, mais tarde pode vir à tona o fato de existir nele uma indisposição antiga contra alguém, a qual estava ali oculta há anos e nunca foi julgada e erradicada. E quando uma pessoa contra a qual esse nutria maus sentimentos vinha a ser acusada de alguma falha, aquela raiz de amargura acabava brotando e ele assumia uma posição contrária à pessoa. Um exemplo disso é visto em Aitofel (2 Sm 15:12). Ele era o avô de Bate-Seba e, apesar de não demonstrar, nunca se convenceu de que Davi tinha recebido a punição merecida por seu adultério e pelo assassinato do marido de Bate-Seba (2 Sm 11). Quando um levante dentro do reino ameaçou o trono de Davi, aquela má disposição que existia em Aitofel veio à tona e ele se posicionou contra Davi. Ao ler a história daquela revolta você pode ficar sem entender como Aitofel poderia tomar tal posição, mas a razão era que ele nunca tinha julgado sua disposição maligna contra Davi.

A Reunião Administrativa de Irmãos

Quando surgem problemas que exigem um julgamento e ações administrativas na assembleia, os irmãos responsáveis devem se reunir em separado da assembleia para procurar entender os fatos em questão e buscar luz das Escrituras sobre o modo como a assembleia deve agir. Em suma, o objetivo dessa reunião de irmãos é cuidar dos assuntos referentes à assembleia. Há três ocasiões principais no livro de Atos quando os irmãos se reúnem à parte da assembleia como um todo para considerar determinadas questões (At 15:6; 20:18; 21:18). Aqueles eram concílios apostólicos. Embora não fossem exatamente reuniões locais de irmãos voltadas ao cuidado da assembleia por serem reuniões de irmãos de diferentes localidades, elas estabelecem um princípio para nós ao indicarem que as questões podem ser tratadas por irmãos em

reuniões à parte da assembleia. Ali diz: “*Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto*” (At 15:6). Repare que não é mencionada a presença de irmãs, irmãos jovens e novos convertidos. As coisas não devem ser discutidas em detalhes diante da assembleia porque poderiam ocorrer disputas (At 15:7) que não seriam apropriadas em uma reunião pública. Além disso, os assuntos tratados podem envolver coisas que contaminam e não convém que sejam trazidas diante de todos (1 Co 14:40).

Quando os irmãos se sentirem capazes de discernir a vontade do Senhor a partir das Escrituras quanto ao que a assembleia deve fazer, eles apresentam os fatos (não necessariamente os detalhes que podem contaminar) e as conclusões bíblicas para a assembleia a fim de que as consciências de todos estejam engajadas na questão (At 15:22). Então aquela passa a ser uma decisão ratificada de “*ligar*” (Mt 18:18-20).

Alguns acham que os irmãos devem simplesmente apresentar uma proposta à assembleia e que esta, como um todo, deve decidir o que fazer. Apesar de tal pensamento ser em parte correto, os irmãos que assumem a liderança nesse cuidado são responsáveis em garantir que a assembleia seja guiada em um caminho bíblico quanto à forma de agir, independente de todos concordarem ou não. Se não fosse assim, então os irmãos mais velhos e responsáveis, que compreendem os princípios e sabem o que deve ser feito, poderiam ter seu julgamento fundamentado na Bíblia desafiado pelas irmãs, jovens e opositores que não concordassem com a decisão. Isso faria com que o julgamento das questões da assembleia ficasse ao encargo de pessoas com pouca experiência ou discernimento, ou talvez com uma disposição tendenciosa. É evidente que esta não seria a maneira certa de se agir. Alguns parecem nutrir a ideia de que os irmãos não podem agir até que recebam um sinal verde dessas pessoas. Isso é o mesmo que ter o povo controlando seus líderes, o que não difere da democracia. Muitos têm dificuldade em entender isso quando os

anciãos procuram aplicar um julgamento bíblico sobre uma questão e surgem vozes discordantes.

Isto não significa que os anciãos tomem decisões administrativas na assembleia e que os demais irmãos não possam opinar. Nada pode ser oficialmente decidido sem que a assembleia tenha a oportunidade de ter sua consciência exercitada na questão (At 15:22), e é por esta razão que os anciãos devem apresentar o assunto diante das consciências de todos na assembleia. Os irmãos nessa posição de liderança devem ser sensíveis a qualquer objeção legítima que algum irmão ou irmã possa trazer. Mas no final são eles os responsáveis a cumprirem o papel de “*anjo*” da igreja agindo para a glória de Deus (Ap 2:1 etc.). A decisão não é “*ligada*” até que isto seja feito em assembleia, naquilo que às vezes chamamos de uma reunião para disciplina (Mt 18:19-20; 1 Co 5:4).

A Unanimidade não é Necessária nas Decisões da Assembleia

Embora a assembleia local deva tentar alcançar as consciências de todos ao tomar uma decisão de “*ligar*”, as Escrituras não exigem que todos numa assembleia precisem estar satisfeitos antes que seja tomada uma decisão válida. Nestes últimos dias, quando a vontade do homem mais do que nunca tem procurado se impor na igreja, não podemos esperar que existam julgamentos unânimes na assembleia. Tal foi a situação no julgamento da questão em Corinto. Em 2 Coríntios 2:5 diz: “*Mas se alguém tem causado tristeza, tem causado tristeza não a mim, porém em parte... a todos vós*” (Versão da Sociedade Bíblica Britânica sem o que está entre parênteses). Aparentemente alguns dentre os coríntios não se sentiram entristecidos com o pecado que havia em seu meio. Mesmo assim a assembleia levou adiante sua decisão para a glória de Deus. O apóstolo Paulo usou as palavras “*em parte*” de modo similar quando se referiu a uma facção que havia entre os coríntios.

Ali ele dizia: “Assim também nos reconhecestes em parte, que somos a vossa glória, assim como vós também sois a nossa no dia de nosso Senhor Jesus” (2 Co 1:14). Isso ocorreu porque nem todos em Corinto o reconheciam como um apóstolo enviado por Deus.

Os capítulos 20 e 21 do livro de Juízes ilustram este ponto. Quando o mal precisou ser julgado em Israel, ali diz que “saíram todos os filhos de Israel, e reuniu-se perante Jeová em Mispa a congregação como se fora um só homem” (Jz 20:1). Todavia, os homens de Jabes-Gileade não se juntaram a seus irmãos para tratar daquele assunto (Jz 21:9). Aparentemente eles não estavam exercitados a respeito do assunto, mas isso não impediu que o Espírito de Deus declarasse que “todos” em Israel estavam tratando daquele mal (Jz 20:1, 26). Isto ilustra, na forma de um tipo ou figura, que a unanimidade não é necessária na tomada de decisões pela assembleia. Afinal, em uma situação de heresia dificilmente se conseguiria a aprovação daquele que estivesse sendo julgado pela assembleia, e provavelmente tampouco de sua família e amigos, portanto é normal que não se consiga unanimidade.

A Assembleia Não é uma Democracia

A democracia é a forma de governo na qual o povo governa por voto majoritário. A assembleia, porém, não é uma instituição democrática, que chegue às decisões pelo levantar de mãos da maioria, tendo cada pessoa igual direito de opinar sobre o assunto. Uma vez ouvimos um irmão jovem, mundano e ignorante na Palavra dizer: “Eu tenho tanto direito de opinar aqui quanto *ele!*” (e apontou para um irmão idoso e piedoso, que vinha se empenhando no cuidado da assembleia durante 50 anos). Na verdade pode ocorrer uma situação em que 6 ou 7 irmãos mais jovens possam querer fazer algo contrário ao que pensam 4 ou 5 irmãos mais velhos e experientes. Considerando que o julgamento dos mais velhos deve ser respeitado por causa do peso moral que eles têm na assembleia, os irmãos mais jovens devem se sujeitar ao

juízo que aqueles farão da questão. Eles deveriam ser gratos por poderem seguir a direção espiritual apontada por seus irmãos mais velhos.

Todavia, não estamos querendo dizer que alguns irmãos mais velhos possam forçar uma assembleia a tomar uma decisão com a qual ela não concorde, pois agir assim seria fazer como fazia Diótrefes (3 Jo 9-10). Quando se trata de “ligar” e “desligar”, isto não é feito à revelia da assembleia, e é possível que irmãos mais jovens venham a ter a mente do Senhor a respeito de um determinado assunto, enxergando coisas que os irmãos mais velhos possam ter deixado escapar (Jó 33). Em uma situação assim, os irmãos mais velhos devem acatar alegremente o fato de alguém lançar mais luz sobre uma questão que eles não tenham percebido. Mas na vida *normal* da assembleia, são os irmãos mais velhos, experientes e piedosos que possuem o peso moral exigido para as questões envolvendo a assembleia. Esta é a ordem de Deus.

Alguns parecem pensar que o simples fato de “atingir a consciência de todos” signifique “obter o consenso de todos” — algo como pedir a opinião de todos. Todavia, não é assim que a assembleia deve chegar a uma decisão nas questões administrativas. Os anciãos não apresentam a questão para a assembleia buscando saber sua opinião, mas para fornecer os fatos relacionados à questão e a linha bíblica que deve ser adotada, a fim de permitir que as consciências de todos possam estar envolvidas. A assembleia não deve ser guiada pelas opiniões de pessoas sinceras, mas pela Palavra de Deus. Devemos nos lembrar do caso do rei Davi, que procurou saber a opinião do povo e não do Senhor, quando precisou decidir o que fazer para levar a arca de Deus a Jerusalém. Ele foi pessimamente aconselhado (1 Cr 13:1-4). Sermos guiados pelos sentimentos e percepções humanas não é a maneira correta na hora de decidir como a assembleia deve agir em uma determinada situação.

Costuma-se perguntar: “Quem decide pela assembleia?”. Nossa resposta é: “O Senhor”. Ele é a Cabeça da igreja, e esta deve ob-

ter a direção que vem de Ele (Cl 2:18). A assembleia deve buscar de Ele a direção, e Ele mostrará qual esta deve ser por meio dos princípios da Palavra de Deus. Nas decisões da assembleia devemos procurar *conquistar ou atingir* a consciência de todos na assembleia local, a fim de que todos possam ser exercitados naquela questão, mas podem existir alguns cujas consciências a assembleia não pode *seguir*. Isto porque podem ser pessoas novas na fé e suas consciências podem não estar suficientemente iluminadas pelos princípios bíblicos para serem capazes de fazer um juízo adequado; ou podem ser pessoas mundanas e sem discernimento espiritual; ou podem ser pessoas tendenciosas em relação àquela questão em particular. Em qualquer destas situações o julgamento delas não deve ser levado em conta.

Ocasionalmente as decisões precisam ser tomadas pela assembleia quando alguns irmãos não estão na reunião de irmãos ou na reunião de assembleia quando a decisão foi tomada, e isto tem levado alguns a pensarem que uma decisão assim não seja válida e sancionada no céu. Eles retrucam: “Mas os irmãos não estavam todos lá para decidir!”. Pensar assim é achar que a assembleia deva funcionar como uma democracia. Não é algo incomum nas Escrituras a assembleia agir dentro de sua capacidade administrativa sem a presença de todos. Vemos este princípio em 1 Coríntios 15:5 conectado ao ofício do apóstolado. Ali diz: “*E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze*”. Quando comparamos isto com Lucas 24:34-48 e João 20:19-24 descobrimos que havia apenas onze apóstolos presentes quando o Senhor apareceu a eles, todavia eles são chamados de “*os doze*”! Judas tinha se enforcado e Tomé não estava ali. De acordo com Atos 1, Matias ainda não tinha sido escolhido. Sua eleição não ocorreu até *depois* de o Senhor ter completado suas aparições como ressuscitado (durante 40 dias) e subido ao céu. Fica, portanto, claro que Matias ainda não fazia parte dos “*doze*”. Mesmo assim, aqueles reunidos são chamados de “*os doze*”.

Por que as Escrituras usariam este termo desta maneira? Porque ela não está designando necessariamente um número específico de pessoas reunidas (pois o cristianismo nunca está ocupado com números literais — veja Atos 1:15, 2:41, 4:4, 19:7 — “quase”, “uns”), mas está falando do ofício administrativo que eles cumpriram e da autoridade que tinham para agir assim. Nas epístolas aos Coríntios, onde são descritas a função e a ordem na assembleia, é coerente que seja assim. (Digno de nota é que as aparições do Senhor às mulheres não sejam citadas em 1 Coríntios 15, pois a administração da assembleia é confiada aos irmãos responsáveis, não às irmãs). A assembleia quando age em sua capacidade administrativa não necessita que todos estejam presentes antes de tomar decisões.

São os Líderes na Assembleia que têm Peso Moral

O modo como o Senhor normalmente dirige a assembleia é por intermédio daqueles que Ele levantou e “*que presidem*” ou “*governam*” (1 Ts 5:12-13, Hb 13:7, 17, 24, 1 Co 16:15-18, 1 Tm 5:17). Estes homens devem conhecer os princípios da Palavra de Deus e serem capazes de aplicá-los, a fim de que a assembleia possa compreender o curso da ação que Deus gostaria que ela tomasse em um determinado assunto (Tt 1:9). Estes homens não se ordenam a si mesmos para o papel de liderança, e nem as Escrituras ensinam que seja responsabilidade da assembleia ordenar seus anciãos, como acontece na maioria das denominações da cristandade. O Espírito de Deus levanta aqueles que Ele considera apropriados (At 20:28). “*Os que presidem sobre vós*” não se refere necessariamente a liderar a pregação ou o ensino público da Palavra, mas cuidar das questões administrativas da assembleia. Confundir estas duas coisas que são bem distintas é perder de vista a diferença entre um dom e um ofício. Alguns daqueles “*que presidem*” podem nem mesmo ensinar publicamente, mas serão de boa ajuda sempre que puderem (1 Tm 5:17). São aqueles que se entre-

garam ao cuidado dos santos, cujo conhecimento dos princípios bíblicos, experiência e julgamento demonstraram ser genuínos, os quais carregam a maior parte do peso de responsabilidade dos assuntos administrativos da assembleia.

Existem três palavras usadas nas epístolas para descrever os líderes responsáveis numa assembleia local. Primeiro, o termo “*anciãos*” (*Presbuteroi*) refere-se àqueles de idade mais avançada e implica maturidade e experiência. Todavia, nem todos os homens mais velhos na assembleia exercem o papel de líderes (1 Tm 5:1, Tt 2:1-2). Em segundo lugar, os “*bispos*” ou “*supervisores*” (*Episcopoi*), termo que se refere ao trabalho que fazem de pastorear o rebanho (At 20:28), velando por suas almas (Hb 13:17), admoestando-os (1 Ts 5:12) etc. Em terceiro lugar eles são chamados também de “*guias*” ou “*que governam*” (*Hegoumenos*), referindo-se à capacidade espiritual dos santos que presidem.

No livro de Apocalipse aqueles em posição de responsabilidade são chamados de “*estrelas*” e também “*o anjo da igreja que está em [local]*” (Ap 1-3). Como “*estrelas*” eles devem dar testemunho da verdade de Deus (os princípios da Sua Palavra) como portadores de luz na assembleia local e fornecendo luz nos diferentes assuntos com os quais a assembleia venha a ser confrontada. Isto está ilustrado em Atos 15. Apesar de não ser algo exatamente relacionado ao “ligar” e “desligar”, aprendemos ali princípios valiosos da função administrativa na igreja. Após escutarem do problema que estava atribulando a assembleia, Pedro e Tiago, agindo como se fossem “*estrelas*”, lançaram luz sobre a questão. Tiago aplicou um princípio da Palavra de Deus e expressou o que julgava que o Senhor gostaria que eles fizessem (At 15:15-21). Como “*o anjo da igreja*” aqueles neste papel devem agir como mensageiros para levar o pensamento de Deus na assembleia no tratamento da questão. Isto também está ilustrado em Atos 15:23-29).

Opiniões Contrárias

Todavia podem existir na assembleia aqueles que não concordam com o curso de ação que a assembleia acredita que deva tomar. Se esses forem homens sérios com peso moral, a assembleia deve esperar, porém se forem amigos e partidários do indivíduo ou indivíduos em questão, não devem ser considerados. Na verdade essas pessoas devem ser repreendidas. Elas não deveriam tentar impedir que a assembleia seguisse adiante em cumprir sua responsabilidade diante do Senhor. William Kelly escreveu: “Em casos particulares podem existir parentes ou amigos, talvez até mesmo partidários ou cúmplices numa maior ou menor medida, cujas opiniões não devem ser manifestadas e, se manifestadas, devem ser repreendidas e desconsideradas” (W. Kelly, “Bible Treasury”, vol. 11, p. 47).

Um exemplo disso ocorreu no julgamento feito pela assembleia de Nepean, Ontário, Canadá, em 1991. Os líderes e várias pessoas na assembleia em Nepean viram que a assembleia deveria adotar um curso de ação, enquanto um partido formado por apoiadores e simpatizantes do irmão em questão discordou. Estes fizeram tudo o que podiam para impedir a ação: nas reuniões de irmãos, enviando uma carta à assembleia em Perth em busca de ajuda (onde eles sabiam que encontrariam simpatizantes), e até na reunião da assembleia quando a decisão foi tomada. A assembleia em Nepean não considerou a voz desses dissidentes e a decisão foi levada a efeito.

Muitos reagem de maneira errada diante de uma decisão decorrente do julgamento de uma assembleia em particular, ao invés de buscarem conhecer os fatos relacionados ao caso, e procurarem o que é preciso fazer para a glória de Deus. O inimigo procura levantar a poeira para ocultar as verdadeiras questões envolvidas, fazendo com que as pessoas fiquem confusas. Numa situação assim pode existir também algum histórico de problemas pessoais entre irmãos, o que acaba vindo à tona e interfere em nosso julgamento. Todavia, devemos deixar que as coisas sejam decididas pelos princípios divinos, e não pelas falhas e fraquezas dos envol-

vidos na questão. Às vezes as pessoas podem apontar algo que acreditam ter sido tratado de maneira inadequada e então fundamentam seu julgamento naquilo, esquecendo-se de que na administração da assembleia existe o elemento humano que nem sempre irá tratar tudo com perfeição. Mas a questão que permanece é: Estarão aqueles que atuam na liderança em uma assembleia agindo para a glória de Deus em relação àquela situação? Nossa espiritualidade é colocada à prova por essas questões paralelas.

No caso de ocorrer uma divisão em uma assembleia local no julgamento de uma determinada questão (geralmente uma questão de disciplina), o número de pessoas que ocupa cada lado não é tão importante. Pode haver mais pessoas se solidarizando com a pessoa culpada do que com aqueles que estão julgando, mas mesmo assim a decisão precisa ser tomada e a pessoa ser tratada da forma como deve ser. Alguns poderiam reclamar: “Como poderia ser uma decisão de assembleia quando a maioria da assembleia não concorda com ela?”. A resposta é que os irmãos mais velhos que estão na liderança, que se empenham em cuidar da assembleia e guiá-la, e que atuam sobre os princípios da Palavra de Deus, levam sobre si a maior parcela da consciência da assembleia. Mesmo que sejam em número menor, eles levam o peso moral necessário às decisões da assembleia. Eles são diretamente responsáveis perante o Senhor para que seja adotado, pela assembleia, um curso de ação fundamentado nas Escrituras (Hb 13:17). Os outros devem aquiescer ao julgamento desses, mesmo que não sejam capazes de enxergar do mesmo modo que os anciãos estejam enxergando. Isto preserva a unidade da assembleia.

Vemos este princípio apresentado na forma de tipos no Antigo Testamento, dos quais podemos reunir importantes lições. Por ocasião da revolta de Absalão, ele tinha consigo todas as tribos de Israel (2 Sm 16:15) — a maioria, porém Deus *não estava* com ele. O Senhor permaneceu com o rei Davi (a liderança em Israel) e Judá, apesar de serem inferiores em número. Aqueles que se identificavam com Davi estavam do lado do Senhor. No final Deus

fez com que Absalão fosse derrotado. Também nos dias da divisão entre as duas tribos e as outras dez tribos, vemos ocorrer a mesma coisa. Jeroboão tinha as dez tribos do seu lado — a maioria de Israel, mas ainda assim estava do lado errado, e o Senhor não iria identificar-Se com ele (1 Rs 11:31). Roboão, que era o líder e rei de direito sobre Israel, contava com apenas uma tribo, e mesmo assim Deus permaneceu com ele (1 Rs 11:36). Aqueles que permaneceram com Roboão foram preservados no centro divino. Estas são lições importantes que fazemos bem em aprender.

A grande pergunta é: “Como os líderes na assembleia se posicionam em relação ao assunto?” Não nos referimos aos mais velhos, mas àqueles que assumem a liderança administrativa na assembleia. Pois existem irmãos mais velhos que não se envolvem nas questões habituais da assembleia com regularidade, ou que no passado não tiveram um bom comportamento e, conseqüentemente, não contam com a mesma confiança que os santos depositam naqueles que se empenharam fielmente no cuidado da assembleia. É para o Senhor Jesus, a Cabeça da igreja, que a assembleia deve olhar em todas as questões, mas em uma situação normal Ele usa esses homens fiéis que Ele levantou por meio do Espírito de Deus, que conhecem os princípios da Palavra, para apresentar à assembleia o pensamento de Deus relacionado àquela questão. A assembleia deve se submeter ao julgamento desses quando precisar tratar de questões difíceis (1 Co 16:15-16). Quando parece existir uma divisão entre os irmãos mais velhos na liderança de uma assembleia, é preciso discernimento para perceber quais são os que verdadeiramente têm peso moral. Como já mencionado, alguns irmãos mais velhos podem não ter necessariamente a confiança dos santos na mesma medida que os outros, ou podem agir com parcialidade. Em 1 Tessalonicenses 5:12-13 diz: *“E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os*

tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós". Esta é a fórmula divina para uma assembleia pacífica e feliz.

Quando Ocorre um Impasse Entre os Irmãos Responsáveis na Assembleia

Quando ocorre um impasse entre os anciãos, a assembleia deveria esperar até que Deus desse clareza quanto ao modo de proceder. Se eles chegarem a um impasse, pode ser que precisem chamar irmãos de outra assembleia para aconselhá-los da maneira bíblica de se abordar a questão. J. N. Darby escreveu: "Se a assembleia não se sente em condições de fazê-lo, isso coloca os irmãos sob sua própria responsabilidade, e se eles pedem a ajuda de outros irmãos mais experientes, não há qualquer problema, pois o corpo é um; mas é a assembleia que deve agir assim a fim de se purificar, e isto é extremamente importante" ("Letters of J. N. Darby", vol. 2, p. 198). Ele também escreveu: "As opiniões dos irmãos de outras localidades têm igualmente a liberdade de serem apresentadas aos irmãos locais, quando estiverem relacionadas às questões envolvendo a assembleia dos santos, mesmo que não sejam membros locais daquela reunião. Negar isto seria certamente uma séria negação da unidade do corpo de Cristo... Quando isto ocorre, é uma verdadeira bênção que homens sábios e espirituais (na condição de indivíduos) de outras assembleias venham a participar da questão procurando despertar a consciência da assembleia, isto se vierem a pedido da assembleia ou daqueles que estejam encontrando dificuldade para resolver a questão naquele momento. Em situações assim a ajuda desses irmãos, longe de ser vista como uma intromissão, deve ser recebida e reconhecida em nome do Senhor. Agir de qualquer outra maneira seria com certeza aprovar a independência e negar a unidade do corpo de Cristo" ("Letters of J. N. Darby", vol. 2, p. 200).

Irmãos piedosos e exercitados que conheçam a situação podem visitar ou escrever para aqueles que têm a responsabilidade da assembleia, apresentando a eles os princípios bíblicos relacionados à dificuldade em questão. Os irmãos que expressam suas preocupações e apresentam sua opinião sobre o problema podem ter sido convidados pela assembleia, ou terem entrado em contato com aquela assembleia expressando sua preocupação com a situação. Em qualquer um destes casos eles devem ser bem-vindos pela assembleia local que está lidando com o problema, pois fazem parte do mesmo um só corpo, e o que afeta um afeta todos. *Mas isto eles fazem individualmente como irmãos, não como uma assembleia com autoridade para fazer um novo julgamento do caso em questão!* Conforme escreveu A. Roach: “Os irmãos que são convidados por uma assembleia para ajudarem não têm autoridade para julgar a questão, já que esta é uma responsabilidade que só cabe à assembleia. Esses *irmãos* não tem qualquer parte entre os que julgam, e depois de terem aconselhado seu trabalho pode ser dado por encerrado”. Ele também escreveu: “Há algum tempo eu e outro irmão fomos convidados a ajudar uma assembleia com um problema local. Por ocasião de nossa última reunião com os irmãos responsáveis por aquela assembleia, o irmão que estava comigo fez uma declaração nestes termos — “Tudo o que podemos fazer é aconselhá-los *como irmãos*, e se vocês acharem que nosso conselho pode ser colocado em prática, vocês devem apresentá-lo à assembleia para aprovação, pois é ali que está a autoridade” (“A Assembleia como Juiz”, A. Roach, p. 10-11).

Não encontramos qualquer passagem nas Escrituras que possa indicar que uma assembleia deve intervir na decisão de outra assembleia e julgar novamente a questão. Isto seria negar a autoridade do Senhor no meio da assembleia responsável pela questão, o que é a essência do erro do Bethesdaísmo (Irmãos Abertos). Anos atrás, durante reuniões gerais em Saint Louis, Missouri, EUA, foi feita uma pergunta: “É certo que uma assembleia interfira na decisão tomada por outra assembleia em relação a algum

problema?” A resposta foi: “Não, a menos que exista um convite fundamentado nas Escrituras para que isso ocorra. Muitos problemas são causados quando uma assembleia se intromete nas questões de outra sem ser convidada. Agir assim é um erro” (“Notes of General Meetings held at St. Louis, MO, November 26-29/1925, p. 38).

Capítulo 4 - O Terreno Bíblico de Reunião: Mateus 18:20

Para que ninguém fique confuso quanto ao que seja exatamente “a assembleia”, o Senhor a define em Mateus 18 como os santos reunidos ao Seu Nome. *“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles”*. O “*porque*” neste versículo faz a conexão com os versículos precedentes que falam da assembleia local. Este versículo mostra que a assembleia recebe a autoridade judicial para agir em questões administrativas do próprio Senhor em seu meio, o qual sanciona suas decisões. (“Letters of J. N. Darby”, vol. 2, p. 132).

Todavia, em uma época de divisões, nem todos os que reivindicam para si a promessa deste versículo estão necessariamente sobre este fundamento. Um exame cuidadoso do versículo irá demonstrar que há uma série de condições entre o “*onde*” e o “*aí*” que devem ser atendidas antes que um grupo de cristãos reunidos para adoração e ministério possam ser reconhecidos como estando no terreno bíblico da assembleia congregada para o Seu Nome. O Senhor apresenta aqui princípios muito importantes que são vistos ampliados nas epístolas. Precisamos ler esta passagem cuidadosamente e em oração para não perdermos de vista sua importância.

“Onde”

Muitos cristãos acreditam que quando o Senhor disse “*onde*” Ele estaria querendo dizer “*seja onde for*”. Eles pensam que o Senhor estava dizendo que um grupo de crentes poderia se reunir da maneira que achasse melhor, quando e onde bem entendessem, e com isso desfrutariam automaticamente da garantia da promessa feita pelo Senhor a eles. Eles imaginam que se alguns cristãos saírem para tomar um café ou praticar um esporte juntos, eles podem reivindicar a promessa deste versículo, de que o Senhor estará no meio deles. Isso nada mais é do que tirar esta preciosa passagem das Escrituras completamente fora de seu contexto. É bem verdade que o Senhor está com todos os crentes, o tempo todo, não importa onde eles possam estar individualmente (Mt 28:20; Hb 13:5), mas não é este o contexto do versículo 20 de Mateus 18. Conforme já foi mencionado, este versículo tem a ver com a presença do Senhor no meio de uma assembleia divinamente reunida para sancionar as decisões administrativas dessa assembleia. Podemos chamar esta presença do Senhor como *coletiva*; enquanto as outras seriam a Sua presença *individual*. As duas não devem ser confundidas. Existe uma diferença entre Ele estar com os cristãos, e os cristãos terem a Ele no meio de suas reuniões da assembleia (“Can Christians be Gathered in Only One Place?” - Notes of General Meetings in Ottawa - 1987 - p. 9). A presença do Senhor neste sentido coletivo é o que sanciona a existência daquele grupo de pessoas que Ele reuniu pelo Espírito. Isto não se aplicaria a quaisquer grupos de cristãos formados por homens, pois se o Senhor garantisse esta Sua presença em todos esses grupos, Ele estaria sancionando as divisões no testemunho público da igreja, as quais são uma desonra para Deus. Cremos que Ele não faria tal coisa.

Também não devemos confundir a presença de Cristo e a presença do Espírito Santo. A presença do Espírito de Deus é também conhecida de duas maneiras. Ele está tanto “*nos*” crentes como “*com*” os crentes (Jo 14:17; At 2:1-4). Primeiro, Ele habita em cada crente (Jo 14:17, Rm 8:9, 11, Ef 1:13, 4:30, 1 Ts 4:8, Tg

4:5, 1 Jo 3:24, 4:13). Segundo, Ele habita na casa de Deus onde existem tanto crentes como incrédulos (Jo 14:17, At 2:2, Ef 2:22). Se um incrédulo se juntar aos crentes onde o Espírito Santo habita, esse incrédulo poderá “participar” do Espírito de Deus mesmo estando em sua condição de perdido. Essa participação, no sentido de provar dos privilégios que os crentes desfrutam (Hb 6:4-5), seria evidentemente apenas exterior, e não o desfrutar completo da comunhão que é privilégio apenas do crente. Isto é indicado pelo uso da palavra “*metecho*” em grego, que implica participação, sem contudo especificar o grau dessa participação. Significa que até mesmo um incrédulo pode desfrutar dos privilégios exteriores do cristianismo, se estiver na casa de Deus onde o Espírito de Deus estiver agindo.

Incluímos aqui uma passagem do livro “*Help & Food*” (“*Auxílio e Alimento*”) que fala da presença do Espírito de um modo geral na casa de Deus:

“Estar reunido *ao* Seu Nome significa que o Seu Nome constitui o Centro de união. O que nos une é a verdade daquilo que Ele é. Onde Ele encontrar um povo para o qual essa ligação é suficiente, ali Ele promete a bênção de Sua presença pessoal no meio deles. Tal presença deve ser distinguida da presença do Espírito Santo nos santos ou na assembleia como a casa de Deus de uma forma genérica. O Espírito Santo está sempre nos santos e na assembleia de Deus de um modo geral, independente dos princípios sobre os quais estejam reunidos, e a Sua presença, portanto, *não sanciona a reunião do modo como ela é*. Isto deveria ser da maior clareza e importância para nós, pois demonstra como Deus pode fazer a Sua graça agir em meio a toda a confusão da Cristandade, sem necessariamente sancionar os princípios discordantes e sectários que prevalecem nesse meio. Por outro lado, a presença de Cristo no meio é uma sanção, não, evidentemente, do *estado* da assembleia, mas de suas decisões, considerando que a expressão ‘*tudo o que ligardes na terra será ligado no céu*’ está conectada a isso”

(“The True Church” — citações de vários autores — compilado por M. W. Smith, p. 12).

O “*onde*” do versículo (20) indica que o Senhor tem um lugar onde Ele colocou o Seu Nome na terra, e Ele está ali no meio daqueles que Ele reuniu pelo Espírito em torno de Si. É este o terreno dos princípios do Novo Testamento sobre o qual os cristãos estão congregados para exercitarem ações administrativas (que é o contexto da passagem), e incluiria a adoração coletiva, o ministério e a adoração. Os irmãos têm chamado a isso de divino terreno de reunião.

Fora do Arraial

A ideia do “*seja onde for*”, ou como os homens costumam dizer, “*Vá à igreja que mais lhe agrade*”, faz do lugar algo de *nossa* escolha. Todavia, o “*onde*” mostra o lugar da escolha *do Senhor*, o lugar indicado por Ele. O lugar não é um centro geográfico, como era Jerusalém no judaísmo, mas um terreno espiritual de princípios sobre os quais os cristãos são congregados pelo Espírito. Os cristãos assim congregados podem estar congregados em diferentes lugares do mundo, porém ocupam um terreno singular e estão em comunhão uns com os outros. Os vários grupos podem estar congregados localmente em uma simples sala, em uma cozinha ou barracão — o que importa é onde o Espírito de Deus os reuniu ao Nome do Senhor Jesus Cristo.

Aprendemos de Hebreus 13:13 que este lugar onde o Senhor está no meio fica fora do “*arraial*”, uma expressão que significa o judaísmo com todos os seus princípios e práticas. Os cristãos costumam perder de vista este ponto, trazendo para seus lugares de adoração muitas coisas conectadas à adoração judaica. Eles ignoram o claro ensino das Escrituras que dizem que o tabernáculo é uma *figura* do verdadeiro santuário ao qual agora temos acesso pelo Espírito (Hb 9:8-9, 23-24). Porém os cristãos acabaram

usando o tabernáculo como um *padrão* para suas organizações eclesiásticas e sua adoração. Fazendo assim, construíram grandes catedrais e “*templos feitos por mãos de homens*” e literalmente emprestaram muitas coisas do Antigo Testamento para sua adoração. Perderam de vista do fato de que o verdadeiro terreno cristão de reunião e adoração é algo novo e completamente diferente e com uma nova ordem de chegar-se a Deus “*em espírito e em verdade*” (Jo 4:23-24, Hb 10:19-20). Portanto, sabemos que este terreno de reunião para cristãos é totalmente livre de judaísmo e fora dele. Qualquer um que procurasse encontrar este lugar da escolha do Senhor teria de virar as costas para todos os lugares existentes na cristandade, independente de ser a Catedral de São Pedro em Roma ou uma simples capela evangélica, já que em todos os casos existem armadilhas de judaísmo mescladas com os seus assim chamados cultos de adoração cristã.

O princípio de reunião no cristianismo é, como um todo, completamente diferente do judaísmo. O Senhor revela o contraste entre eles em João 10, ao se referir ao terreno judaico de reunião como “*aprisco*” e ao terreno cristão de reunião como “*rebanho*” (Veja a tradução de J. N. Darby em João 10:16). O aprisco, que é um lugar fechado (ou curral), denota a maneira legalista usada pela lei para manter as ovelhas reunidas. As forças ou comandos externos da lei, que necessariamente os separavam das nações, mantinham os israelitas unidos. Por outro lado, um rebanho é uma reunião de ovelhas sem uma cerca. As ovelhas estão reunidas, não por uma influência externa, mas por ter ocorrido nelas um trabalho que faz com que sejam atraídas ao Pastor em seu meio. Não há necessidade de cerca para mantê-las unidas; elas querem estar ali por terem um mesmo polo de atração: o Pastor. F. C. Blount comparou o primeiro caso a uma circunferência sem um centro, e o segundo um centro sem circunferência. A fim de indicar a transição do judaísmo para o cristianismo o Senhor falou de levar Suas ovelhas para fora do “*aprisco*”, guiando-as na forma de um “*rebanho*”.

“Dois ou Três”

Outra condição para uma assembleia divinamente reunida é que devem existir ao menos *“dois ou três”*. A razão disto é por não poder existir uma assembleia de uma só pessoa. Tudo o que é feito no centro divino deve ser feito *“por boca de duas ou três testemunhas”* (2 Co 13:1, 1 Tm 5:19). *“Dois ou três”* é o divino mínimo. Parece até que o Senhor estava prevendo os dias quando as coisas no testemunho cristão estariam em tamanha ruína que poderiam existir em uma localidade apenas alguns poucos cristãos exercitados para estarem no divino terreno de reunião. Se assim fosse, eles ainda poderiam desfrutar da presença do Senhor em seu meio.

No versículo 19 o Senhor tinha acabado de dizer *“se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa...”* (Mt 18:19); agora Ele diz *“dois ou três...”* (Mt 18:20). Com estas poucas palavras o Senhor estabelece o fato de que até mesmo uma pequena assembleia de *“dois ou três”* que esteja sobre o terreno da igreja de Deus (verdadeiramente reunida ao Seu Nome) é competente para tomar decisões válidas. Essas decisões são ratificadas no céu e a elas devem se submeter todos os que estiverem sobre o verdadeiro terreno da igreja na terra.

Como já dissemos, seremos testados por cada princípio que tenha algo a ver com o terreno de reunião. Até este divino mínimo para uma assembleia bíblicamente reunida tem sido desafiado. Houve ocasiões em que uma pequena assembleia congregada ao Nome do Senhor tomou uma decisão e indivíduos de outras assembleias, influentes por seus dons, acharam que poderiam decidir melhor e encorajaram os santos em vários lugares a desconsiderarem a decisão, por considerarem a assembleia que a tomou incompetente. Como consequência disso o inimigo se aproveitou e muitos foram levados pelas divisões. Um exemplo foi a ação da assembleia de Tunbridge Wells em 1908-1909. Apesar de aquela assembleia ter dezenas de irmãos a mais que o mínimo divino de dois

ou três, ela era pequena em comparação ao porte das assembleias daquela época. Alguns a consideravam uma assembleia pequena e sem competência para tomar uma decisão correta; e que a decisão tomada ali em Nome do Senhor Jesus teria sido errada e, por conseguinte, não poderia ser reconhecida. Todavia, a verdade é que se uma pequena assembleia estiver congregada sobre o terreno do um só corpo, ela possui a mesma autoridade para agir de uma grande assembleia. A quantidade de pessoas não tem nada a ver com isso.

“Estiverem Reunidos”

O Senhor continuou dizendo *“estiverem... reunidos”*. Repare que Ele não diz *“se reunirem”* como aparece em algumas traduções modernas. A razão disto é que o terreno divino de reunião não é uma associação voluntária de crentes. É verdade que deve existir um exercício e uma iniciativa pessoal da parte daqueles que estão congregados para comparecerem onde Cristo está no meio, mas o tempo passivo do verbo — *“estiverem... reunidos”* — assinala o fato de que existe um poder reunidor externo às próprias pessoas, o qual foi responsável por reunir sobre aquele terreno. O divino Reunidor é o Espírito Santo. Isto é mostrado em Lucas 22:7-20, onde o Espírito de Deus é visto na figura de *“um homem, levando um cântaro de água”* guiando os discípulos até o lugar escolhido pelo Senhor onde eles estariam com Ele para a ceia. Nas Escrituras a palavra *“água”* costuma se referir à Palavra de Deus (Ef 5:26). Aprendemos disso que o Espírito de Deus utiliza os princípios da Palavra de Deus para assim guiar os crentes para o lugar escolhido pelo Senhor. O nome do homem não é mencionado, o que nos faz entender que o objetivo do Espírito de Deus não é o de chamar atenção para Si (Jo 16:13-14). Isto também está relacionado ao fato de o Espírito de Deus não ser diretamente mencionado em Mateus 18:20, embora a Sua obra seja percebida ali. Ele não assume um lugar de proeminência no cristianismo, mas

trabalha nos bastidores guiando as almas exercitadas a esse terreno estabelecido em princípios bíblicos, onde Cristo está no meio daqueles assim congregados.

Ao longo dos anos a verdade da obra do Espírito representada pelas palavras “*estiverem... reunidos*” também tem sido veementemente contestada. Alguns tentam alegar que são apenas os irmãos de anos mais recentes que ensinam que “*estiverem... reunidos*” se refere à obra do Espírito Santo. Com isso querem dizer que se trata de uma invenção moderna dos irmãos. Tal hipótese não é verdadeira. Os escritos de C. H. Mackintosh, F. G. Patterson, J. A. Trench e outros, e evidentemente os de muitos do século 20, ensinam enfaticamente que a expressão “*estiverem... reunidos*” realmente se refere à obra do divino Reunidor, o Espírito Santo. Em sua tentativa de discordar, essas pessoas nem sequer procuraram verificar o significado da palavra no grego. Ocorre que a palavra grega aqui é *sunago* e tem o sentido de “*colocar juntos*”. Isto mostra claramente que existe um poder exterior àqueles que estão assim reunidos que os colocou juntos naquele terreno. A quem mais o Senhor confiaria a missão de reunir o Seu povo ao Seu Nome além do Espírito? Os homens mais bem intencionados têm procurado reunir o povo do Senhor e só causaram confusão. Eles desviaram os santos para seitas e grupos denominacionais, aconselhando-os a irem “à igreja de sua própria escolha”. O resultado foi que os santos de Deus acabaram espalhados em cerca de 1500 diferentes divisões. Com certeza essa não foi uma obra do Espírito Santo.

Se acharmos que todos os cristãos que se reúnem para adoração e ministério da Palavra estão reunidos ao Nome do Senhor pelo Espírito no sentido coletivo de Mateus 18:20, então estaremos dizendo que o Espírito de Deus é o culpado pela desonra que as divisões na igreja trouxeram a Cristo. Se assim fosse, o Espírito teria guiado os santos a se reunirem divididos uns dos outros! Se existisse mais de uma comunhão de irmãos à qual o Espírito de Deus levasse os santos, então Ele seria Autor de divisão. Todavia,

nenhum cristão sóbrio culparia o Espírito de Deus pela triste e dividida condição em que se encontra o testemunho da igreja. Não, o Espírito de Deus só poderia guiá-los a um lugar — uma única comunhão dos santos — um único terreno de reunião.

Juntos

Como já dissemos, o Senhor não queria que os que compõem o Seu povo estivessem meramente “*reunidos*” onde Ele estivesse no meio, mas que estivessem “*reunidos*” *juntos*. Isto nos remete à comunhão universal dos santos. Todos aqueles que o Espírito de Deus venha a reunir ao Nome do Senhor, onde quer que estejam, devem estar *juntos*. Como já foi mostrado no capítulo um, isto não significa que eles devem estar todos reunidos juntos em um mesmo ponto geográfico (como era o caso de Jerusalém no judaísmo), mas que devem agir juntos nas diferentes localidades onde o Espírito os tiver reunido, de modo a darem uma expressão universal ao fato de serem um. Isto aponta para a verdade do um só corpo na prática e demonstra que o desejo do Senhor para a assembleia desde o seu princípio era que existisse apenas uma comunhão universal dos santos.

Esta grande verdade do “*um só corpo*” na prática tem sido atacada. Aqueles que acreditam na autonomia das assembleias (Irmãos Abertos) nos dirão que se tentarmos praticar a verdade do um só corpo precisaremos necessariamente caminhar em comunhão com cada membro do corpo, independente de seus erros (moral, doutrinário ou eclesiástico), o que por sua vez significaria que teríamos de comprometer a santidade. Aqueles que pensam assim evidentemente não entendem o modo de Deus agir em um testemunho remanescente, quando a profissão pública do cristianismo está arruinada. Caminhar em comunhão com toda a corrupção existente na casa não é o que a Palavra de Deus chama de “*unidade do Espírito*”. O Espírito de Deus é uma Pessoa divina, e guardar a unidade que Ele formou envolve estar em comunhão

com essa divina Pessoa. Andar em comunhão com o Espírito significa andar em santidade e verdade, pois Ele é chamado de “*Espírito de santificação*” e “*Espírito de verdade*” (Jo 14:17, 15:26, 16:13, Rm 1:4). Isto necessariamente significa que devemos andar em separação de tudo o que for inconsistente com Sua santa Pessoa, conforme já vimos em 2 Timóteo 2:19-22.

Essas mesmas pessoas nos dirão que os capítulos 2 e 3 de Apocalipse demonstram que cada assembleia deve funcionar de forma autônoma, pois o Senhor dirigiu-Se a cada assembleia individualmente, considerando cada uma delas individualmente responsável. Embora isto seja verdade, é preciso lembrar que cada carta termina com o Senhor dizendo: “*O que o Espírito diz às igrejas*” (plural), pois apesar de cada carta ser endereçada a cada assembleia local individualmente, elas levam em consideração *todas* as assembleias. Cada assembleia é primeiramente responsável pelo que ocorre em seu meio, mas a responsabilidade não termina aí. A verdade completa acerca deste assunto é que a responsabilidade não acaba na assembleia local. Existe uma responsabilidade coletiva ou corporativa. Quando as coisas não são tratadas em uma assembleia local, as outras assembleias têm a responsabilidade de tratar com aquela assembleia.

Este princípio você encontra tipificado no capítulo 13 de Deuteronômio. Quando havia pecado em uma determinada cidade de Israel, as outras tinham a responsabilidade de tratar com aquela cidade por ela ter deixado que o pecado seguisse seu curso sem ser julgado. Isto não significa que irmãos de fora devem se envolver nas questões de outra assembleia, mas se uma assembleia não julga o mal existente em seu meio, após terem sido feitas várias e pacientes objeções pelos irmãos como um todo, outra assembleia (geralmente aquela que estiver circunstancialmente mais próxima — Dt 21) pode ser obrigada a se pronunciar e, representando o corpo como um todo, repudiar a assembleia que está em pecado como se fosse uma casa contaminada pela lepra (Lv 14). Trata-se de uma decisão tomada em Nome do Senhor e, portanto, à qual

todas as assembleias que estão no terreno bíblico da igreja deverão se submeter.

“Ao Meu Nome”

Finalmente, o Senhor disse: “*ao Meu Nome*”. Não é “*em Meu Nome*” como aparece em muitas traduções, mas “*ao Meu Nome*” (ou “*para o Meu Nome*”). Isto implica que existe aí uma submissão envolvida — uma submissão a esse Nome. O Nome do Senhor representa Sua autoridade. Portanto a ideia é de estarem reunidos nesse terreno de submissão à Sua autoridade. E onde a Sua autoridade é revelada? A resposta é, sem sombra de dúvida, na Palavra de Deus. Portanto, aqueles que estão assim reunidos devem guardar toda a verdade de Deus, se sujeitarem a ela e procurarem praticá-la. Existem hoje muitos grupos cristãos que praticam apenas parte da verdade. Por exemplo, um grupo pode guardar as coisas relacionadas à verdade da *Pessoa de Cristo*, mas não se importar com as exortações que têm a ver com a *autoridade de Cristo* como Cabeça da igreja. Outros podem ter um grande cuidado em guardar Sua deidade e outros aspectos, porém desprezarem as passagens das Escrituras que falam das irmãs cobrindo a cabeça ou abstendo-se de ministrar publicamente na assembleia, esquecendo-se de que essas coisas são “*mandamentos do Senhor*” (1 Co 14:37).

Além disso, o Senhor enfatizou: “*Meu Nome*”. Ele não quis dizer algum nome denominacional criado por homens. A igreja em seus primórdios estava reunida apenas ao Nome do Senhor Jesus, quando se juntava para a adoração e o ministério da Palavra. Eles não adotavam qualquer outro nome. Todavia, a igreja hoje se dividiu em centenas de grupos distintos uns dos outros, dando a cada uma dessas divisões um nome sectário. Será que era isso que o Senhor planejava para Sua igreja? É claro que não. Deus tem tamanho apreço por Seu Filho que deu ao Seu Nome o mais alto valor, “*e Lhe deu um Nome que é sobre todo o Nome; para que ao Nome*

de Jesus se dobre todo o joelho” (Fp 2:9-10, Ef 1:21). O que será que Deus pensa quando olha para a profissão cristã e vê os cristãos se reunindo para a adoração e o ministério da Palavra levanto todos os tipos de nomes denominacionais? Enquanto Ele dá ao Nome de Jesus o valor mais elevado, os homens dizem que não importa muito que nome você leva! Onde, nas Escrituras, nos é dito para compartimentarmos a igreja em grupos sectários e denominá-los Presbiteriana, Batista, Cristã Reformada, Aliança Cristã etc.? Será que achamos que o povo do Senhor irá se identificar por esses nomes no céu? Não, todo e qualquer nome cairá. Se o Nome de Cristo é o Nome supremo no céu, assim deveria ser também na terra. O Senhor ensinou Seus discípulos a orarem assim, quando disse: “*Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu*” (Mt 6:10).

É comum ouvirmos alguém dizer que aqueles que estão no verdadeiro terreno da assembleia estão reunidos ao Senhor Jesus. Certamente sabemos o que a pessoa quis dizer, mas não é exatamente o que este versículo diz. Ele diz que estamos reunidos ao *Seu Nome*. “Não estamos congregados a Ele, mas ao Seu Nome”, escreveu H. Smith em “*Perspectives on the True Church*”, p. 11. Os cristãos ainda aguardam o momento de serem reunidos a Ele, e isso acontecerá quando Ele vier no arrebatamento (2 Ts 2:1). Hoje, por falta de entendimento, excesso de vontade própria e outras falhas, existem relativamente poucos reunidos, mas *naquele momento* todos os cristãos estarão reunidos! Será um final triunfante para a jornada da igreja neste mundo. A igreja encerrará sua história neste mundo na mesma condição de quando começou — “*todos concordemente no mesmo lugar*” (At 2:1). Só que então não será em um andar elevado em Jerusalém; será nos ares!

Reunidos ao Seu “*Nome*” é algo que também tem sofrido ataques, mas talvez de uma maneira ligeiramente diferente: pela imitação. Existem muitos grupos que professam estar reunidos ao Nome do Senhor. Eles costumam colocar um cartaz em frente ao seu local de reuniões citando Mateus 18:20. Todavia, a mera declaração pública de estarmos reunidos ao Nome do Senhor não signi-

fica necessariamente que é isto que acontece. Gordon Hayhoe costumava usar o exemplo de um charlatão que abre um consultório médico e coloca na porta uma placa dizendo que ele é médico e cirurgião. Todavia, quando você entra no consultório descobre que ele não tem quaisquer diplomas para provar que esteve em alguma faculdade de medicina. Ao perguntar à sua assistente em que escola ele se formou ela informa que ele não é diplomado, mas que isso não é realmente importante porque basta ter a placa na porta. Do mesmo modo, no caso dos cristãos reunidos, a prova de estarem verdadeiramente reunidos ao Nome do Senhor não está naquilo que *eles dizem* ser, mas se estão submissos à autoridade do Nome do Senhor que eles professam. A questão é: Estão reunidos sobre os princípios de reunião que temos comentado?

“Aí estou Eu no meio deles”

Apenas quando as condições que vimos nos parágrafos anteriores fossem atendidas que um grupo de cristãos poderia estar divinamente reunido, e assim contar com a promessa da presença do Senhor em seu meio. Como já demonstramos, a Sua presença desfrutada neste sentido coletivo é o que sanciona a existência daquele grupo que Ele reuniu pelo Espírito. Não seria este o caso de todos os grupos cristãos que os homens formaram, pois se o Senhor concedesse Sua presença a todos esses grupos neste mesmo sentido em uma época de divisões, Ele estaria sancionando a divisão no testemunho público da igreja.

Alguns acham que o que constitui uma assembleia biblicamente reunida em conformidade com Mateus 18:20 seja simplesmente o fato de cristãos se reunirem em uma condição moral adequada. A ideia deles é que se os santos em um determinado lugar estivessem seguindo alegremente juntos em uma boa condição moral, então o Senhor teria o prazer de Se colocar no meio deles cumprindo assim Mateus 18:20. Embora não concordemos, de modo

algum, com uma condição moral ruim em uma assembleia, o fato de encontrarmos santos que seguem alegremente juntos não é o que qualifica uma assembleia como reunida em conformidade com Mateus 18:20, e podendo assim contar com a presença do Senhor em seu meio. Se fosse assim, o inverso também seria verdadeiro. Tão logo as condições morais de uma assembleia se deteriorassem, ela perderia a presença do Senhor em seu meio e já não estaria mais bíblicamente reunida no terreno divino! Fazer da condição moral aquilo que qualifica uma assembleia para ter o Senhor em seu meio é perder completamente de vista o significado de Mateus 18:18-20.

Dois Aspectos da Assembleia

O uso da palavra “*assembleia*” também tem confundido alguns. A Bíblia usa a palavra relacionada aos cristãos de duas maneiras — para descrever a igreja em seu aspecto *universal* e *local*. Ela também é usada em conexão com Israel e com os pagãos — Atos 7:38, 19:32, mas isso não tem relação com nosso assunto, pois estamos tratando de sua aplicação a cristãos. Digno de nota é que as Escrituras se referem ao aspecto local da assembleia com muito maior frequência (cerca de 90 vezes) do que ao seu aspecto universal (cerca de 20 vezes).

Quando o assunto é o aspecto *universal* da assembleia, ele diz respeito a todo verdadeiro cristão (Mt 16:18, Ef 1:22, 5:25 etc.). Trata-se de algo de que todos os cristãos fazem parte como resultado de sua fé e da obra consumada de Cristo, e o conseqüente selo do Espírito Santo. Isso é verdadeiro independente de onde estejam esses cristãos, de qual seja seu estado de espírito, ou de quando eles tenham vivido entre o dia de Pentecostes e o arrebatamento. Aqueles que compõem este aspecto da assembleia possuem um lugar firme e eterno de bênção com Cristo.

Enquanto o aspecto universal da assembleia tem a ver com a posição firme de bênção que todos os cristãos possuem por estarem unidos a Cristo, o aspecto local da assembleia tem a ver com o funcionamento prático dos cristãos em uma cidade ou localidade (Mt 18:18, At 11:22, 13:1, Rm 16:1, 5, 1 Co 1:2, Cl 4:15-16 etc.). Ele abrange todos os verdadeiros crentes em uma localidade, mas pode não envolver de forma prática todos os que vivem naquela localidade. A razão disso é que alguns naquela localidade podem não estar envolvidos com a reunião na prática, seja por ignorância, seja por desobediência. Todavia eles talvez pertençam a algum grupo reconhecido de cristãos na cidade que não estejam adequadamente congregados no terreno da assembleia conforme esta é encontrada nas Escrituras. Para se distinguir o aspecto universal da assembleia de seu aspecto local basta observar o contexto da passagem.

Enquanto todos pareçam concordar sobre o que seja o aspecto universal da assembleia, muitos se mostram confusos quanto ao seu aspecto local. Eles acham que o aspecto local da assembleia seja o conjunto de *todos* os crentes em uma cidade ou localidade em particular, inclusive aqueles que estão congregados ao Nome do Senhor (se existir uma reunião assim naquela localidade) e os que estão nas diferentes denominações cristãs. Consequentemente, acham que não devemos nos referir aos santos reunidos ao Nome do Senhor como a assembleia em tal e tal localidade, pois nem todos os cristãos dessa localidade estariam nessa reunião. Todavia, quando comparamos tal ideia com as Escrituras, encontramos que ela infelizmente não procede e precisa ser corrigida.

A Assembleia Local

A primeira referência à assembleia local na Palavra de Deus está em Mateus 18:15-20. Conforme já vimos, quando existisse a necessidade de resolver problemas que porventura surgissem entre os santos estes deveriam *dizer à igreja ou assembleia* (Mt 18:17).

Após falar da autoridade que foi delegada à assembleia, o Senhor seguiu definindo o que é a assembleia, ao dizer: *“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”*. Portanto, está muito claro que nenhum outro além do Senhor é quem nos diz que a assembleia local é formada pelos santos reunidos ao Seu Nome. A sabedoria do Senhor fica evidente quando Ele menciona o número mínimo de santos (dois ou três) que poderiam compor uma assembleia local. Prevendo a grande ruína que viria sobre o testemunho cristão, Ele sabia que as condições seriam de uma fraqueza tal que talvez restassem apenas dois ou três reunidos assim em uma localidade. E ainda que só existissem dois ou três, mesmo assim seria *“a igreja”* ou *assembleia*.

Quando vemos as várias referências à assembleia local feitas na Palavra de Deus aprendemos que ela está fisicamente reunida e funciona na prática em uma cidade ou localidade (1 Co 11:18). Aprendemos que ela está reunida para adoração e ministério etc. (1 Co 11:20-26, 14:3-5), e que nela as irmãs devem permanecer caladas (1 Co 14:34-35). Além disso, o apóstolo Paulo falou da assembleia como algo em que as pessoas poderiam entrar e sair em diferentes ocasiões. Ele também disse que ele próprio nem sempre estava ministrando na assembleia, pois quando saía em campo para pregar ele falava mais idiomas do que eles, porém na assembleia preferia usar cinco palavras para fazer-se entender do que ficar falando em alguma língua estrangeira (1 Co 14:18-19). E em 1 Co 14:23-24 Paulo demonstra que até mesmo incrédulos poderiam entrar na assembleia! E tem mais: o apóstolo João falou da assembleia local como sendo algo de onde alguém poderia ser expulso! (3 Jo 10). Tudo isso demonstra claramente que a assembleia local é mais que um mero conceito abstrato de um conjunto de todos os cristãos em uma determinada localidade.

Ora, se fosse correta a ideia de que a assembleia local não passaria do conjunto de todos os cristãos em uma cidade, o apóstolo João não poderia tê-la chamado de *“a igreja”* ou *assembleia* quando certas pessoas fossem expulsas dela, como ele disse estar acontecen-

do (3 Jo 10). Também vemos que Paulo se dirigiu aos santos em Corinto como “a igreja” ou *assembleia* naquela cidade (1 Co 1:2), todavia mais adiante na epístola ele admitiu o fato de que talvez existissem outros cristãos na cidade (os “*indoutos*” ou “*infêis*”) que viviam entre eles, que poderiam ir às suas reuniões para assisti-las (1 Co 14:16, 23-24 — conforme a tradução de J. N. Darby, “*aquele que ocupa o lugar de um simples cristão*”). Se existiam cristãos assim na cidade de Corinto, então fica claro que Paulo não partilhava da ideia de que todos precisassem estar presentes para que ela fosse chamada de “a igreja” ou *assembleia* em Corinto. Mais uma vez, na segunda epístola de Paulo aos Coríntios, ele se dirigiu aos santos ali como “a igreja” ou *assembleia* em Corinto (2 Co 1:1), apesar de existir pelo menos um deles que não estava, na prática, entre os santos, por ter sido excomungado (1 Co 5:12-13). O ponto é que aqueles a quem Paulo endereçava sua epístola não formavam o conjunto de todos os cristãos em Corinto, e ainda assim ele os chamou de “*igreja*” ou *assembleia*.

Quão diferente isso é do aspecto universal da assembleia. Se alguém tentasse aplicar as referências mencionadas aqui à assembleia em seu sentido universal, acabaria tirando toda sorte de conclusões errôneas. E ficaríamos igualmente confusos se tentássemos aplicar estas referências à definição incompleta de assembleia como se fosse meramente o conjunto de todos os cristãos em uma cidade ou localidade. Por exemplo, como alguém poderia ser lançado fora do conjunto de todos os cristãos em uma localidade? Eles teriam que literalmente expulsá-lo da cidade ou localidade onde vivessem! Ou como poderia um incrédulo entrar no conjunto de todos os cristãos em uma cidade e ainda assim continuar incrédulo? Se ele entrasse na assembleia nesse sentido, ele teria de ser um crente. Ou, como poderíamos entender a injunção feita por Paulo às irmãs para que ficassem em silêncio? Teriam elas de ficar em silêncio em qualquer lugar em que estivessem na cidade? Ou como as instruções dadas pelo Senhor para resolver as disputas entre os santos poderiam ser resolvidas? Ele disse:

“dizei-o à igreja” ou *assembleia*. A quem ou aonde eles iriam levar suas dificuldades? Seria quase impossível ir a todos os cristãos naquela cidade. Com certeza podemos deduzir destas poucas referências que existe uma falha na ideia que alguns têm do que seja a assembleia local.

Concluimos, portanto, que a assembleia local abrange todos os verdadeiros crentes em uma localidade, *mas pode não envolver na prática todos os que estão naquela localidade*. Se, por um lado, a maioria em uma determinada localidade não está congregada ao nome do Senhor, por outro, aqueles que estão neste terreno moral e se comportam na prática como a assembleia naquela cidade ou localidade, são reconhecidos por Deus como tal pela presença de Cristo em seu meio.

Alguém poderia indagar: E o que dizer da cidade ou localidade onde não existam cristãos congregados de forma bíblica sobre o terreno da assembleia, mas onde mesmo assim existam cristãos? Nesse caso, mesmo que existam cristãos reunindo em suas denominações naquela localidade, eles não estão congregados sobre o terreno da verdade da assembleia. Assim eles não têm uma posição administrativa reconhecida por Deus, conforme a que é mostrada em Mateus 18:18. Poderíamos dizer que os cristãos nessa localidade fazem parte do aspecto universal da assembleia, mas que não existe ali uma assembleia local que seja reconhecida por Deus.

William Kelly escreveu: “Onde existissem apenas três congregados sobre os princípios divinos [isto é, sobre o terreno da igreja], aquilo seria, se posso dizer assim, igreja, quando não *a igreja*. Se existissem três mil santos genuínos congregados, mas não sobre os princípios divinos, eles não seriam a igreja” (W. Kelly, “Lectures on Matthew”, p. 327). J. N. Darby escreveu: “Fica claro que os cristãos de uma determinada localidade, quando estivessem congregados, eram verdadeiramente a assembleia naquela localidade; todavia aquela não era meramente a assembleia que reconhecia a Deus, mas a que era reconhecida por Ele, e a única que

desfrutava dos privilégios que Ele poderia garantir a ela por ser a Sua assembleia” (J. N. Darby, “Collected Writings”, vol. 1, p. 260). Ele também escreveu: “*A assembleia de Deus* é identificada por possuir a verdade. Uma assembleia que não tenha a verdade como condição de sua existência não é *a assembleia de Deus*” (J. N. Darby, “Collected Writings”, vol. 3, p. 380). Ele também disse que as diferentes reuniões de cristãos são *uma assembleia*, mas não uma assembleia *de Deus*, reconhecida como tal por Ele próprio.

Talvez uma ilustração nos ajude a compreender isto. Quando o Senado dos Estados Unidos se reúne em Washington para aprovar alguma lei, não há a necessidade de que todos os 100 senadores estejam presentes para que aquela reunião seja chamada de Senado e tome decisões como tal. Desde que exista um quórum de senadores reunidos em Washington (algo em torno de 51%), aquilo é reconhecido como o Senado. Sua autoridade para decidir não depende de todos estarem presentes, mas de existirem senadores presentes reunidos como Senado, conforme determinam as leis do Congresso. Aqueles presentes no Senado reconhecem que os outros, que não estão presentes, são igualmente Senadores e a falta deles certamente será sentida por não estarem ali trazendo sua contribuição. Mesmo assim, tal ausência não invalidaria o fato de que a autoridade para agir como Senado foi delegada apenas aos que estivessem reunidos no Senado, contanto que exista um quórum.

É exatamente a mesma coisa com a assembleia local. Mesmo que existam muitos cristãos em uma localidade que não estejam congregados ao Nome do Senhor sobre o fundamento da verdade, isso não altera o fato de que aqueles que estão sobre esse terreno são moralmente a assembleia naquela localidade e são reconhecidos por Deus como tal. O quórum, por assim dizer, é o mínimo divino de dois ou três divinamente congregados (Mt 18:20).

Tendo deixado claro este ponto, nos apressamos em dizer que certamente está totalmente fora do caráter do cristianismo que aqueles que estejam verdadeiramente reunidos ao Nome do Se-

nhor se denominem a si mesmos **“a assembleia”** em tal e tal lugar. Quão inadequado seria, em um dia de ruína, para aqueles assim congregados saírem por aí proclamando que eles são *a assembleia* em uma determinada cidade ou localidade, ainda que creiam estar moralmente nesse terreno. J. N. Darby escreveu: “Fica claro que se dois ou três estão reunidos, isso é uma assembleia, e se estiverem bíblicamente reunidos, é uma assembleia de Deus; e se não, o que seria? Se for a única naquela localidade, então é *a assembleia de Deus* naquele lugar, ainda que eu tenha objeções em adotar este título na prática, pois a assembleia de Deus em qualquer localidade verdadeiramente abrange todos os santos naquele lugar. Existe um perigo real, para as almas que assumem tal título, perderem de vista a ruína e se considerarem como se fossem alguma coisa... Mas, se existir uma assim [em uma localidade], enquanto outra tiver sido estabelecida pela vontade do homem e independente da primeira, somente a primeira é, moralmente e aos olhos de Deus, *a assembleia de Deus*. A outra não, pois foi estabelecida em independência da unidade do corpo” (“Letters of J. N. Darby”, vol. 1, p. 424). J. N. Darby também escreveu: “Permita-me dizer que as assembleias dos assim chamados ‘Irmãos de Plymouth’, longe de se denominarem a si mesmas ‘a assembleia’ ou ‘a igreja de Deus’ em um determinado lugar, sempre se opuseram formalmente ao título... A pretensão de ser a igreja de Deus em um determinado lugar seria uma falsa pretensão” (J. N. Darby, “Collected Writings”, vol. 20, p. 296-297).

Todavia, há alguns que se opõem totalmente a isto, chamando tal posição de sectária. Eles insistem que a assembleia local são todos os cristãos em uma cidade — nem mais, nem menos. Nossa pergunta é: Por que esses querem colocar a definição da assembleia local da forma mais abstrata possível? Por que defendem tanto essa definição? Parece que o que está por detrás desse argumento é um esforço em manter a porta aberta para caminharem pelo caminho largo — para terem comunhão com todos os cristãos de sua comunidade. Temos observado que muitos que falam assim

também buscam comunhão com aqueles das igrejas denominacionais em sua comunidade. Parece que se conseguirem negar a ideia de que Deus possui um centro de reunião na prática, isso lhes dará a liberdade que tanto almejam de frequentar diferentes lugares de comunhão. Parece que mantendo as coisas relacionadas à assembleia da forma mais abstrata possível facilita o atendimento a esse desejo.

Concluimos, portanto, que existem duas maneiras de se estar *na igreja* (assembleia). Estamos nela *no sentido universal*, por termos sido salvos pela fé na obra consumada de Cristo na cruz e por sermos habitados pelo Espírito Santo. Em segundo lugar, podemos estar nela *no sentido local*, por sermos parte de sua expressão local e por participarmos de suas reuniões para adoração, ministério e comunhão. Se, por um lado, todos os cristãos estão na igreja em seu sentido universal, nem todos podem estar nela na prática, em seu sentido local.

A Mesa do Senhor

A “*mesa do Senhor*” (1 Co 10:21) parece ser outra expressão à qual estão associadas várias ideias errôneas. O inimigo tem lançado muita poeira no ar acerca deste assunto. Alguns dizem que todos os cristãos estão à mesa do Senhor. Outros dizem que a mesa do Senhor está no céu. E existem ainda outros que dizem que ela está em todo lugar onde cristãos partirem o pão, ainda que não estejam identificados com qualquer outro grupo de cristãos. Geralmente estas ideias são inventadas como uma desculpa para a prática eclesíastica na qual alguém esteja envolvido.

Não devemos pensar que a mesa do Senhor seja uma mesa literal que os irmãos coloquem no centro de seu salão de reuniões. Uma “*mesa*” nas Escrituras simboliza comunhão. No caso da mesa do Senhor, ela simboliza o terreno de comunhão que Deus tem para todos os cristãos, onde a autoridade do Senhor é reconhecida e a

esta todos se sujeitam. É por isso que ela é chamada de mesa *do Senhor*. Ela simboliza o terreno espiritual sobre o qual se expressa comunhão cristã, é exibida a unidade do corpo, e onde Cristo está no meio. As várias mesas ou terrenos de comunhão que os homens estabeleceram sem a autoridade do Senhor são o que podemos chamar de mesas de homens. Há, todavia, apenas uma “*mesa do Senhor*” (no singular). Não existe, nas Escrituras, algo como “*mesas do Senhor*” (no plural). Ele possui apenas uma comunhão à qual os cristãos são chamados a estar (1 Co 1:9). Quando enxergamos o que a mesa do Senhor é, podemos muito bem entender a razão de existirem tantas definições. As pessoas não gostam de sua exclusividade, por isso criam outros significados para permitir que elas sigam no caminho eclesiástico em que se encontram.

Talvez o erro mais comum seja confundir a mesa do Senhor com a ceia do Senhor (ou partir do pão). À mesa do Senhor nós anunciamos a comunhão do corpo (místico) de Cristo (1 Co 10:16-17); na ceia do Senhor nós anunciamos a morte do Senhor (1 Co 11:26). Por participarem de uma forma de ceia do Senhor em suas denominações, alguns cristãos acreditam estar à mesa do Senhor, quando na realidade estão comendo a ceia em uma mesa sectária que os homens estabeleceram. A pergunta que deve ser feita é: Poderiam aqueles que não estão à mesa do Senhor, por estarem espalhados nas várias denominações, estarem realmente participando da ceia do Senhor? J. N. Darby escreveu: “Eles podem individualmente recordar da morte do Senhor, e neste sentido participarem da ceia do Senhor” (“Letters of J. N. Darby”, vol. 2, p. 410, 357). W. Potter escreveu: “Observe as mesas nas várias denominações: para aqueles cristãos a mesa que eles têm é a mesa do Senhor e a ceia é a ceia do Senhor, e é assim que participam dela. Alguns dentre nós estiveram durante anos em uma ou outra dessas mesas, e fizeram isso com toda a sinceridade por não terem maior entendimento. Alguém ousaria dizer que nunca participamos da ceia do Senhor até que viéssemos a estar congregados

com aqueles reunidos sobre os fundamentos bíblicos? Certamente não, ainda que o modo como tenhamos participado dela não tenha sido segundo as Escrituras... Existem aqueles que professam estar reunidos ao Nome do Senhor, mas estão em um terreno independente, e mesmo assim a mesa que têm é, como sabemos, sectária, e por isso deve ser rejeitada; mas não é assim que eles a consideram. Mas será que alguém poderia dizer que eles não participam da Ceia e que não recordam o Senhor?” (W. Potter, “Extract From a Letter”, p. 3). Concluimos que os cristãos podem comer a ceia do Senhor, em suas denominações, mas se for para ela ser celebrada corretamente, isto deve ser feito à mesa do Senhor.

Alguns podem indagar: Se existe apenas uma mesa do Senhor, e ela representa o único terreno de comunhão cristã que Deus reconhece, então *quem* (que grupo de cristãos) a possui? Esta pergunta tem desviado o foco da questão para a direção errada. Ela coloca o foco nas pessoas que estão à mesa do Senhor e pergunta que grupo de cristãos a possui. No que diz respeito a *quem* possui a mesa do Senhor, nossa resposta é: *o Senhor!* A mesa é *dEle*, e Ele está guiando a ela aqueles cristãos que desejam estar ali. Existe sempre o perigo de tirar o foco do Senhor no meio e colocá-lo nas pessoas que o Espírito Santo reuniu, e assim acabar dizendo que a mesa do Senhor está com essas pessoas. É um erro. Nosso foco deveria estar em Cristo no centro. Nossa reunião deve ser “*a Ele*” (Hb 13:13).

A comunhão que é expressa à mesa do Senhor no partir do pão abrange todos os verdadeiros cristãos, ainda que nem todos possam estar à mesa do Senhor. Enxergamos cada membro do corpo de Cristo no “*um só pão*” (1 Co 10:17). A mesa do Senhor é onde todos os verdadeiros cristãos deveriam estar. Cabe aos cristãos que desejam estar ali buscarem esse lugar com os recursos que Deus tem dado — os princípios da Palavra de Deus, a oração e a direção do Espírito de Deus (Sl 25:9, Pv 25:2). A questão é muito simples: não podem existir duas (ou mais) mesas do Senhor. Não

podem existir duas (ou mais) comunhões de cristãos no mundo com as quais o Senhor se identifique como sendo o terreno divino de reunião. Cristo não está dividido (1 Co 1:13).

“Dentro” e “Fora”

As Escrituras indicam claramente que existe um “dentro” e um “fora” quando o assunto é a comunhão da assembleia (1 Co 5:12-13). Quando o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios não existiam outras comunhões de crentes além daqueles que estavam congregados sobre os fundamentos da igreja. As tristes divisões sectárias ainda não haviam sido manifestadas exteriormente no testemunho cristão. Havia “toda a igreja”, fora da qual existiam apenas “indoutos” ou “infiéis” (1 Co 14:23). Os chamados “irmãos” faziam parte da única comunhão de cristãos, os que estavam congregados ao Nome do Senhor. Quando a assembleia em Corinto decidiu tirar de seu meio o malfeitor, os irmãos agiram em nome da igreja como um todo, e assim ele ficava fora da comunhão de toda a igreja de Deus na terra. Qualquer um que naquela época estivesse fora da assembleia estaria no mundo, onde não encontraria comunhão cristã.

Por causa da ruína do testemunho cristão as coisas hoje são diferentes. Como consequência existem muitas comunhões cristãs criadas pelos homens que congregam independentes umas das outras. Quando hoje uma pessoa é colocada fora da comunhão dos santos congregados ao Nome do Senhor (que representam apenas um testemunho remanescente da unidade da igreja), essa não estará necessariamente fora da comunhão cristã, apesar de estar universalmente fora da comunhão dos santos assim congregados. Ela poderá facilmente caminhar algumas quadras, encontrar outro grupo de cristãos e ser bem recebida ali. A questão é: Estaria tal pessoa “fora” no sentido em que Paulo falou na época da igreja primitiva? Hoje, em razão da ruína, diríamos que não. Ela não pode ser colocada em um lugar onde não exista uma co-

comunhão cristã, mas mesmo assim ela pode ser colocada “*fora*” da comunhão dos santos congregados no terreno do “*um só corpo*”. Portanto, a expressão “*dentro*” ou “*fora*”, independente de se referir àquela época ou à atual, tem a ver com estar dentro ou fora da comunhão dos santos congregados ao Nome do Senhor no centro divino determinado por Deus — onde Cristo está no meio.

Considerando que o partir do pão é a reunião na qual nossa comunhão à mesa do Senhor é expressa (1 Co 10:16), o “*dentro*” e o “*fora*” devem ser exprimidos de modo a distinguir aqueles que estão em comunhão e aqueles que não estão. Isto era particularmente necessário nos primeiros dias dos irmãos congregados ao nome do Senhor, quando as reuniões eram bem grandes. De outra forma, seria difícil saber quem estava em comunhão e quem não estava, o que poderia levar à confusão. Não existe uma regra de como agir, mas as coisas deveriam ser feitas com decência e ordem (1 Co 14:40). Lord Adalbert Percy Cecil escreveu: “Não tenho dúvidas de que o ‘dentro’ e ‘fora’ das assembleias deveria ser claramente definido e mantido de forma distinta, ou o resultado será confusão” (A. P. Cecil, “The First Epistle to the Corinthians”, P. 23).

Gostaríamos também de acrescentar que o apóstolo não estava ensinando que a assembleia deveria tirar o fornicário da casa de Deus, mas da comunhão dos santos, que naquele tempo significava todos os cristãos. Uma pessoa não poderia ser tirada da casa de Deus, a grande esfera da profissão cristã. A entrada formal na casa de Deus é pelo batismo nas águas, portanto colocar alguém fora da casa de Deus exigiria que seu batismo fosse negado, o que é impossível.

Conclusões

Ao recapitularmos os vários princípios encontrados em Mateus 18:18-20, alguém poderia achar que estamos vendo muito mais

nestes versículos do que o Senhor teve a intenção de dizer. Insistimos que se tivéssemos apenas esta passagem das Escrituras alguém poderia ter razão em questionar estas coisas, mas quando abrimos o livro de Atos e as epístolas, e interpretamos estes versículos à luz de todo o teor da revelação cristã, vemos desenvolvidos ali estes grandes princípios concernentes à reunião. Nesta passagem o Senhor deu apenas a semente da verdade acerca do congregar e deixou que ela fosse desenvolvida por intermédio dos apóstolos depois que o Espírito fosse enviado.

Podemos ver também que o inimigo tem sido incansável em seu ataque ao único fundamento de reunião dado aos cristãos. Esta passagem tem estado particularmente sob um constante ataque. Quase cada frase dela tem sido questionada de uma maneira ou de outra. Parece que sempre que surge uma nova ideia relacionada à reunião cristã, por detrás dela está mais uma tentativa do inimigo de minar a confiança dos santos naquilo que tem sido ensinado nestes versículos. Se o Senhor ainda deixar a igreja na terra por algum tempo, podemos esperar ainda mais ataques contra estes princípios.

Capítulo 5 - Existe Mais de Um Testemunho Divinamente Reconhecido da Verdade do “Um Só Corpo”?

Já que o desejo de Deus é reunir os Seus santos na terra como se fossem *um* ao Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sobre o fundamento do “*um só corpo*”, surge a questão: Será que Deus tem mais de um testemunho da verdade do “*um só corpo*”? À luz do que temos apresentado nos capítulos anteriores a partir das Escrituras não cremos que o Espírito de Deus esteja reunindo cristãos em diversas comunhões (federações de reuniões) para expressar tal verdade, sem que esses grupos estejam em comunhão uns com os outros. Como já foi mencionado no capítulo anterior, se o Espírito de Deus estivesse fazendo assim Ele seria o Autor das divisões no testemunho cristão, as quais desonram a Cristo. Não

poderia ser assim, pois seria uma contradição à própria verdade que Ele procura apresentar para que os cristãos andem nela. Cristo não poderia ter um só corpo de fato e muitos corpos no testemunho prático. Portanto, estamos bem certos de que só poderia existir um testemunho divinamente reconhecido da verdade do *um só corpo*.

O exemplo a seguir ajuda a ver a inconsistência de se supor que o Espírito de Deus poderia guiar os Seus a mais de um centro de reunião. “Se pudéssemos voltar ao princípio — ao dia de Pentecostes — quando o Espírito de Deus desceu e uniu aquelas 120 pessoas em um só corpo, e todas elas reunidas ao Nome do Senhor Jesus Cristo, suponha que Pedro tivesse um desentendimento com João e eles decidissem que iriam estabelecer comunhões separadas. A partir daí existiria uma comunhão seguindo a Pedro e outra a João. Será que poderíamos dizer que o Espírito iria guiar alguns a uma comunhão e outros à outra? Será que o Senhor aprovaria as duas igualmente? Não cremos que Ele iria sancionar as duas comunhões com Sua presença em seu meio, pois agindo assim Ele estaria aprovando a divisão prática na igreja. Se o fizesse, Ele seria Autor de confusão.” (“Can Christians be Gathered in Only One Place?” - Notes of Ottawa General Meetings - April 1987 - p. 11-12). Na verdade os homens podem até criar mais de uma expressão desta verdade ao estabelecerem uma mesa em um espírito de divisão, mas não acreditamos que o Espírito de Deus irá guiar os cristãos a agirem assim. “Está Cristo dividido?” (1 Co 1:13).

Cremos, portanto, que as Escrituras ensinam que só poderia existir uma expressão divinamente reconhecida da verdade do *um só corpo* sobre a terra estabelecida pelo Senhor, e não pelos homens. Se surgissem seitas ou heresias (facções independentes na comunhão), estas seriam decorrentes da vontade da carne (Gl 5:20), e não da vontade de Deus. No princípio todos os santos estavam juntos. Se a profissão cristã está agora toda dividida em inúmeras

seitas, isto é obra de homens que, por ignorância ou vontade própria, formam esses grupos independentes.

Paulo mostrou aos Coríntios como essas coisas tinham início. Elas geralmente começam com diferenças de opinião e julgamento. *“Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer [ou em uma mesma opinião]”* (1 Co 1:10). Essas diferenças de opinião levariam a disputas ou “contendas”. *“Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós”* (1 Co 1:11). A partir daí, se as contendas não fossem julgadas, elas levariam às “divisões” ou “cismas” (no grego as palavras são as mesmas) entre os santos. *“Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?”* (1 Co 1:12-13). Essas divisões ou cismas são facções internas entre os santos congregados.

Porém, ainda mais sério do que isto é o que Paulo revela que resultaria das divisões internas entre o povo do Senhor. Se essas coisas não fossem julgadas elas levariam a “heresias” ou “seitas”. *“Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias [seitas], para que os que são sinceros se manifestem entre vós”* (1 Co 11:18-19). Uma “seita” ou “heresia” (trata-se da mesma palavra em grego) é uma divisão consumada entre os santos, quando um partido se separa e passa a congregar de forma independente. O que começa como uma diferença de opinião, leva à contenda e acaba produzindo um cisma ou divisão interna entre os santos, a qual, se não for julgada, levará a uma heresia ou seita — uma divisão visível entre os santos.

Imitação

Alguns acreditam erroneamente que se existe apenas *uma maneira* para os cristãos estarem congregados — a qual é em conformidade com o padrão encontrado na Palavra de Deus — e que se um grupo viesse a se reunir seguindo esse mesmo padrão, os cristãos ali estariam divinamente congregados ao Nome do Senhor. Alguém poderia visitar uma reunião de cristãos assim e sair dizendo: “Essas pessoas se reúnem *exatamente* como aqueles que estão congregados ao Nome do Senhor, portanto conclui-se que elas estejam congregadas ao nome do Senhor”. Todavia, para estarem divinamente congregados ao Nome do Senhor há outros requisitos a serem preenchidos. Certamente é verdade que só existe uma maneira para os cristãos estarem congregados, mas se bastasse conduzir as reuniões em conformidade com o padrão das Escrituras as pessoas poderiam simplesmente se separar daqueles que Deus congregou ao Nome do Senhor Jesus e estabelecer uma comunhão independente. Bastaria elas praticarem aquilo que a Palavra de Deus ensina sobre a ordem da assembleia e seriam consideradas como estando no verdadeiro fundamento da assembleia. Se este fosse o único critério muitas das divisões heréticas existentes entre aqueles que são chamados “irmãos” poderiam ser consideradas como estando congregadas ao Nome do Senhor, pois muitas delas procuram seguir o padrão determinado na Palavra de Deus para a reunião.

Embora grupos assim possam alegar que existe base nas Escrituras para tudo o que praticam, só isso não significa que estejam divinamente congregados sobre o terreno do “*um só corpo*”. Por quê? *Porque existe ainda a questão da ação conjunta do Espírito em reunir*. É possível que um grupo assim seja uma mera imitação da maneira bíblica de congregar, tendo sido planejado pela vontade do homem. A grande questão é: Será que o Espírito de Deus foi o autor disso? Teriam eles sido reunidos pelo Espírito? Talvez tenham feito isso com boas intenções, mas *se* foi estabelecido independente da ação do Espírito, trata-se de algo cismático e herético e não poderia ser considerado por Deus como estando sobre o

verdadeiro fundamento da assembleia. *Uma coisa é os cristãos se reunirem seguindo um padrão bíblico, outra é fazerem isso tendo sido reunidos pelo Espírito sobre o fundamento do “um só corpo”*. G. V. Wigram escreveu que é possível encontrar uma situação em que cristãos venham a colocar de um lado a verdade de Deus e do outro o Espírito de Deus. O assunto que estamos considerando pode ser um exemplo disso. Alguns cristãos poderiam se reunir seguindo o padrão bíblico para uma assembleia local, porém separados da obra do Espírito de Deus.

Devemos nos lembrar de que Jeroboão estabeleceu falsos centros de adoração em Betel e Dã. O que era feito em Betel era *“como a festa que se fazia em Judá”*, no sentido de ser parecido com o centro divino, mas era evidente que não tinha a aprovação do Senhor — pois um homem de Deus foi enviado pelo Senhor para clamar contra aquele altar (1 Rs 12:32, 13:1-2). Isto demonstra que tentar imitar o padrão dado por Deus não é garantia de receber a aprovação de Deus. Em outra ocasião, quando Zorobabel e Jesuá, junto com um remanescente de judeus, voltaram de Babilônia, existiam pessoas na terra que alegavam querer buscar a Jeová *“como vós... como também já Lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir aqui”*. Mas o remanescente que estava em Jerusalém os rejeitou por perceber que sua alegação era falsa (Ez 4:2). Se existia imitação no judaísmo, sabemos que existirá imitação no cristianismo também (2 Tm 3:8).

Os princípios das Escrituras que já abordamos (no Capítulo 1) demonstram que se o estabelecimento de assembleias cristãs fosse uma obra do Espírito, então isso seria feito em comunhão com a obra do Espírito já existente em reunir as almas ao Nome do Senhor Jesus (1 Ts 2:14). Deste modo a *“unidade do Espírito”* seria mantida. Ao seguirem este princípio, os irmãos congregados ao Nome do Senhor têm buscado estender *“as destras em comunhão”* (Gl 2:9) às novas reuniões, de forma a manter uma expressão coletiva da verdade do *“um só corpo”*. Mas é errado pensar que só porque um grupo de cristãos se reúne *como* aqueles congregados

ao Nome do Senhor eles estejam automaticamente sobre o terreno divino e, portanto, teríamos uma justificativa para partir o pão com eles. Pode ser o caso de estarem em um terreno independente, e juntar-se a eles seria apoiar a divisão exterior do testemunho da igreja.

Novos Grupos que Procuram Seguir o Padrão Bíblico para Reunir

A ideia de que Deus pode ter mais de um testemunho divinamente reconhecido da verdade do “um só corpo”, ainda que não em comunhão prática uns com os outros, incomoda alguns. Muitas perguntas hipotéticas já foram feitas neste sentido relacionadas a novos grupos de cristãos que procurem congregar sobre os princípios divinos. Este é um exemplo: “Se um grupo de cristãos piedosos, que não conhecesse os que estão congregados ao Nome do Senhor, aprendesse algo da verdade de como congregar e, separando-se de seus vínculos com associações eclesiais, começasse a se reunir simplesmente em nome do Senhor Jesus, agindo em conformidade com tudo o que aprenderam das Escrituras sobre esta função da assembleia, estariam eles congregados sobre o terreno do “*um só corpo*” e teriam o Senhor em seu meio conforme Mateus 18:20?”.

Alguém alegou que não podemos limitar o Senhor de trabalhar onde Ele quiser, pois se Ele decidir trabalhar em outros lugares isso é uma escolha soberana dEle. É inegável que Deus trabalhe independente dos santos congregados ao Nome do Senhor. Ele pode exercitar as pessoas acerca da verdade de como congregar e efetivamente o faz. Mas o fato de estarem exercitadas sobre a verdade e procurarem praticar o que aprenderam da Palavra de Deus a esse respeito não as coloca necessariamente sobre o terreno do “*um só corpo*”. Certamente concordamos que Deus deve estar trabalhando com os cristãos deste exemplo, pois eles rece-

beram uma grande parcela da verdade concernente à ordem na assembleia. Mas considerar tal grupo de cristãos automaticamente congregados ao Nome do Senhor no terreno do “*um só corpo*” é desprezar os princípios que qualificam uma assembleia para isto, os quais foram mencionados nos capítulos 1 e 3. Quais? Que precisam estar em comunhão com outras assembleias de crentes congregados da mesma forma, com os quais possam expressar esta verdade na prática no que diz respeito à recepção, disciplina, cartas de recomendação etc. Como poderiam eles praticar a verdade do “*um só corpo*” estando reunidos sozinhos? Como poderiam alguns cristãos com boas intenções que se reunissem para a adoração e o ministério atender a todas as condições estabelecidas em Mateus 18:20?

Há quem diga que se alguns crentes se reunirem sobre princípios bíblicos, porém sem estarem conectados em uma comunhão prática com aqueles que já estavam congregados ao Nome do Senhor por desconhecerem esses santos reunidos, eles estariam divinamente congregados no terreno do “*um só corpo*”. Todavia, se esse grupo ficasse sabendo daqueles congregados ao Nome do Senhor e não se ligassem a eles em uma comunhão prática, só então eles seriam vistos como não estando sobre o terreno do “*um só corpo*”, pois teriam sido testados e decidiram não andar na verdade que professavam. Tal ideia parece fazer do conhecimento o critério para estar congregado no terreno correto. Suponha que um grupo assim se reunisse por 30 anos antes de entrar em contato com outros congregados sobre os mesmos princípios, e seus membros não quisessem estar ligados a eles. Será que poderíamos dizer que durante 30 anos eles estiveram congregados pelo Espírito ao Senhor em seu meio, porém a partir daí o Senhor deixaria de estar no meio deles por sua recusa de estarem conectados a outros para praticarem a verdade do “*um só corpo*”? Ou será que diríamos simplesmente que eles nunca estiveram verdadeiramente congregados ao Seu Nome? Ora, se um teste assim for necessário para podermos afirmar que um grupo está verdadeiramente con-

gregado pelo Espírito, então não podemos *dizer* que quaisquer desses grupos estejam congregados, a menos que antes passem pelo teste do contato com aqueles que já estão congregados ao Nome do Senhor.

Também já ouvimos alguém comentar que o Espírito de Deus não reuniria cristãos sobre o terreno do “*um só corpo*” à parte daqueles já congregados ao Nome do Senhor em áreas onde Deus já tivesse estabelecido um testemunho desta verdade. E também que os crentes nessa situação que estivessem sendo exercitados pelo Espírito seriam guiados pelo Espírito de Deus à comunhão com aqueles já congregados sobre o terreno do “*um só corpo*” nessa área. Porém, em áreas remotas e em outras regiões menos privilegiadas, como China ou Rússia, o Espírito os levaria a formar uma comunhão onde eles estariam sobre o terreno do “*um só corpo*”. Ora, se isto fosse verdadeiro, então o Espírito de Deus estaria trabalhando de maneira contrária à Palavra de Deus, a qual diz claramente que Ele iria “*reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos*” (Jo 11:51-52, Mt 18:20).

Temos certeza de que o Espírito de Deus não trabalha de modo contrário à Palavra de Deus. Por um lado, há quem diga que não deveríamos subestimar a *graça* de Deus em reunir os Seus santos onde quer que Ele deseje, e por outro que limitamos Seu *poder* de ligá-los em uma comunhão prática para que a verdade do “*um só corpo*” possa ser visivelmente expressada na terra! Esse tipo de raciocínio faz da distância e da comunicação um obstáculo que o Espírito de Deus seria incapaz de superar. Se existe um limite à obra do Espírito este é a Palavra de Deus, já que o Espírito de Deus jamais irá fazer algo contrário à Palavra de Deus. Quando o Senhor enviou os apóstolos Ele disse: “*Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*”. Ele também disse: “*É-me dado todo o poder no céu e na terra*” (Mt 18:28-19). Isto demonstra que o Senhor possui “*todo o poder*” em “*todas as nações*”. A distância não é um obstáculo para Deus. Não devemos limitar o Seu poder de operar em conformidade com os

princípios de Sua Palavra quando Ele reúne os Seus santos ao Nome do Senhor Jesus Cristo, independente de onde estejam. Ele reuniu cuidadosamente os santos em uma comunhão prática no início da igreja, quando as viagens e as comunicações eram muito menos desenvolvidas, e Ele ainda pode fazer isso hoje. *“Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?”* (Gn 18:14). *“Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido”* (Jó 42:2). Aceitar isto exige fé de nossa parte.

Parece que o problema com todo o questionamento hipotético, como costuma se o caso com a maioria dos erros eclesiásticos na igreja, é que existe falta de fé no poder do Espírito de reunir os cristãos universalmente ao Nome do Senhor Jesus Cristo.

A Acusação de Sectarismo

A ideia de que Deus possui na terra um só testemunho da verdade do *“um só corpo”* parece exclusivista para alguns. Mas isso não deveria parecer estranho para nós, já que toda a revelação da fé cristã deve parecer assim para as pessoas de outras religiões, como budismo, hinduísmo e islamismo. Elas olham para o cristianismo e dizem: *“Então vocês cristãos acham que são os únicos certos — que vocês são os únicos que vão para o céu!”*. Elas podem achar o cristianismo orgulhoso, arrogante e exclusivista — mas é a verdade de Deus. Tudo o que podemos fazer é baixar a cabeça e humildemente agradecer a Deus pela graça que nos guiou Àquele (o Único) que é *“o caminho, e a verdade e a vida”*; Aquele que disse *“ninguém vem ao Pai, senão por mim”* (Jo 14:6). O meio de salvação e a vida eterna são coisas muito exclusivas. *“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (At 4:12).

Outros acham que os congregados ao Nome do Senhor se tornaram sectários por crerem que Deus possui um testemunho divinamente reconhecido da verdade do *“um só corpo”* na terra. Per-

guntamos: Como poderiam *se tornar* sectários por professar estas coisas quando elas são as mesmas que vêm sendo professadas desde a metade do século dezenove depois que essa verdade foi recuperada? Não se trata de ideia nova. Ou o movimento já era sectário desde aquele tempo, ou está verdadeiramente sobre o terreno adequado à assembleia, sendo assim reconhecido por Deus. Outros fazem uma advertência: “Cuidado com o orgulho dessa posição”. Em certo sentido eles estão certos! O orgulho é algo terrível e realmente precisamos vigiar contra “o orgulho da posição”. Mas estar congregado ao Nome do Senhor não é ser uma seita; aqueles que o Espírito reuniu estão no lugar onde Cristo está no meio.

Costuma-se dizer que não deveríamos nos referir a nós mesmos e aos outros cristãos como “nós” e “eles”, pois agir assim não seria preservar a verdade de que somos todos “*um só corpo*”. É verdade que nunca deveríamos falar no sentido orgulhoso de “*sou mais santo do que tu*” (Is 65:5) ao nos referirmos aos outros, como João fez (Mc 9:38-39), mas não é errado dizer “nós” em relação a outros crentes, pois o próprio Senhor Jesus fez assim (Mc 9:40). De que outro modo poderíamos distinguir entre aqueles aos quais Deus graciosamente reuniu e aqueles que não foram reunidos? Se a graça de Deus que nos reuniu ao Nome do Senhor Jesus for corretamente compreendida em nossa alma, isto não nos tornará orgulhosos (veja Ef 3:8). Afinal, de quê poderíamos nos orgulhar? Se aqueles congregados ao Nome do Senhor são um testemunho, então são um testemunho do fato de que todo o testemunho cristão, do qual fazem parte, está em ruínas!

Também se costuma dizer que é muita pretensão e orgulho declarar que estamos no único centro de reunião que Deus possui neste mundo. Mais uma vez, isto também pode muito bem estar correto. Seria inconsistente com o espírito de graça cristã *declarar* ou *proclamar* tal coisa, tanto quanto estaria fora de ordem para um cristão proclamar que ele é um evangelista, pastor ou mestre, mesmo que o seja. Um cristão não deveria *proclamar* que está no

lugar escolhido pelo Senhor, mesmo que possa estar convicto em seu coração de que Deus, em graça, o colocou ali. Não se trata de uma questão de orgulho, mas de fé.

Nossa Responsabilidade Para Com Aqueles que Não Estão Congregados

Alguém poderá perguntar: Qual é nossa responsabilidade para com aqueles que não estão congregados? Será que não deveríamos dizer algo a eles sobre a verdade da assembleia? Nossa resposta é sim. *Toda* a verdade é para *toda* a igreja, tanto para aqueles congregados ao Nome do Senhor Jesus como para aqueles que estão espalhados na cristandade. Devemos torná-la disponível a todos os que *buscam*. Devemos estar “*sempre preparados para responder com mansidão e temor*” a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós (1 Pd 3:15). Paulo recebia a todos que iam a ele *buscando* pela verdade (At 28:30-31). Uma figura disso está no livro de Ezequiel. Ele devia mostrar “*à casa de Israel esta casa*” (Ez 43:10), ou seja, ele devia mostrar a eles o padrão da casa de Deus, para que pudessem ver por si mesmos essa ordem. Devemos igualmente apresentar a verdade da igreja à igreja. Todavia, precisamos estar em comunhão com o Senhor quanto a *quando e como* apresentar a verdade da reunião a alguém. Por divulgar indiscriminadamente a verdade da assembleia a todas as pessoas com quem nos encontramos, podemos inadvertidamente estar dando “*aos cães as coisas santas*” e “*aos porcos*” as “*pérolas*” (Mt 7:6). Nas Escrituras o “*porco*” costuma ser usado para descrever um falso professo. Uma “*pérola*” nas Escrituras refere-se à assembleia (Mt 13:45-46). E esta verdade é de propriedade exclusiva da igreja (W. Scott). A verdade concernente à assembleia deve ser disseminada com cuidado. Que o Senhor possa nos guiar nesta tarefa.

Uma razão pela qual deveríamos ser cuidadosos neste assunto é que podemos acabar forçando a verdade em alguém que ainda

não esteja preparado para ela. Às vezes ficamos tão ansiosos para dar às pessoas a verdade da assembleia que acabamos criando uma discussão. O resultado pode ser que as pessoas acabem sendo feridas pela verdade; e daí em diante passarem a rejeitá-la sem sequer ponderarem a respeito. W. Kelly escreveu que “o apóstolo [Paulo] estava consideravelmente avançado na verdade que ensinava, mas ele não iria correr o risco de causar uma divisão entre os santos em Jerusalém. Se ele ficasse indiferente à condição dos santos, ele teria apresentado toda a verdade celestial na qual ele estava bem à frente dos outros. Mas duas coisas devem ser consideradas na comunicação da verdade. Não somente deve haver a certeza de que a verdade é de Deus, mas ela deve também ser adequada àqueles a quem comunicamos. Talvez eles precisem dela, mas não estejam em condições de recebê-la, e quanto mais preciosa a verdade, maior o dano que, em certo sentido, é causado se for apresentada àqueles que ainda não estão em condições de se beneficiarem dela... Esta parece ser uma das razões pela qual, na epístola aos Gálatas, o apóstolo nunca menciona essas benditas verdades. A sabedoria dessa omissão é evidente. Tais verdades teriam sido ininteligíveis, ou no mínimo inadequadas, para as almas na condição em que se encontravam. Apresentá-las não faria bem algum a eles” (W. Kelly, “Lectures on the Epistle to the Galatians”, p. 39). Veja também Marcos 4:33 e João 16:12. Devemos nos lembrar de que a verdade é para aqueles que a desejam (Jo 7:17). Apesar de podermos guiar e instruir, não é nossa tarefa tentar forçá-la àqueles que têm pouco ou nenhum interesse nessas coisas. J. N. Darby disse que ele nunca tentou coagir alguém que não tivesse a fé e convicção disso a andar na senda que ele trilhava (como congregado ao Nome do Senhor).

W. T. P. Wolston advertiu: “Não *toque* seus convertidos para a assembleia cutucando-os com um garfo”. Reunir os cristãos ao Nome do Senhor Jesus é uma obra que Deus nunca entregou para o Seu povo fazer. Em Lucas 10:33-35 vemos que o Samaritano, que é uma figura do Senhor Jesus, levou o homem ferido à

“*estalagem*” (uma figura da assembleia). Também lemos em Lucas 22:10-11 de um homem “*levando um cântaro de água*”, o qual é uma figura do Espírito Santo que guia os discípulos ao lugar escolhido pelo Senhor. Isto demonstra que a obra de reunir pertence ao Senhor Jesus e ao Espírito de Deus. Ele pode nos associar consigo neste trabalho, mas é tudo obra do Espírito.

O perigo nesta área do trabalho cristão é que existe uma tendência de servos bem intencionados acabarem se comprometendo, ao se esforçarem em levar a verdade às pessoas. Devemos amar a todos os filhos de Deus (Ef 1:15). Mas enquanto nosso amor e preocupação devem ser dirigidos a todos os santos de Deus, nossos pés devem permanecer no caminho da obediência à Palavra de Deus que nos exorta a permanecermos separados da desordem existente na “*grande casa*” (2 Tm 2:20-21). O fato de vermos pessoas necessitadas da verdade nas várias denominações religiosas não significa que devemos deixar de lado nossa responsabilidade de andarmos em obediência. Não podemos abandonar os princípios de separação a fim de alcançar alguém. Devemos nos lembrar de que a obra toda de reunião é do Espírito. Precisamos descansar no fato de que Deus é soberano e pode alcançar pessoas onde quer que elas estejam. “*A palavra de Deus não está presa*” (2 Tm 2:9). Mas o fato de Deus usar Sua Palavra onde Lhe aprouver (Is 55:11) não significa que podemos ir aonde quisermos a fim de levar essa mesma palavra às pessoas.

Nossa Responsabilidade Para com os que Abandonaram o Divino Centro de Reunião

O que costuma ser mais perigoso do que “tocar com o garfo” pessoas para a assembleia local é sair atrás daqueles que abandonaram a assembleia. Ao considerarmos este assunto da reunião feita pelo Espírito, precisamos entender que *espalhar é uma obra de Deus tanto quanto reunir* (Gn 3:23-24, 11:8-9, 1 Rs 12:24, 2 Rs

17:20-23, 24:1-4, Jr 15:1, 4, 31:10, Ez 36:19, 24, Mt 23:37, Jo 10:12, 16, Ef 1:10). Às vezes o Senhor peneira o Seu povo. Ele os prova e às vezes permite que sejam espalhados. Satanás é o grande peneirador e causador de divisões e, o Senhor, pelo Espírito, é o grande Reunidor. Todavia, o Senhor, em caráter de disciplina administrativa de Seu povo, pode permitir que Satanás tenha acesso aos santos e faça seu trabalho de espalhar.

No passado o Senhor peneirou os filhos de Israel no deserto (Dt 2:14, 1 Co 10:5). Ele também os peneirou na terra (1 Rs 12:24, 2 Rs 17:20-23, 24:1-4), e no futuro, quando restaurar Israel, Ele irá peneirá-los uma vez mais (Am 9:9, Ez 20:33-38). Isto Deus faz em Suas *maneiras* de tratar com o Seu povo, e com o testemunho cristão não é diferente (1 Co 10:11-13).

Se alguém que abandonou a assembleia não dá sinais de arrependimento, fazemos bem em deixar essa pessoa com o Senhor até que exista tal evidência. Certamente não estamos querendo dizer com isso que o Senhor está tentando reunir aqueles que saíram em uma divisão! Neste caso Deus está claramente espalhando, apesar de ser o Seu povo. Tentar atrair pessoas assim de volta à assembleia porque “o lugar delas é ali”, sem levar isto em consideração, pode parecer uma atitude amorosa e bem intencionada, mas geralmente acaba criando problemas. Somos avisados da tentativa de Joabe de levar Absalão de volta ao reino antes de existir qualquer mudança nele. Aquilo acarretou uma séria conspiração e muitos tombaram na batalha que resultou disso (2 Sm 14-18). Descobrimos no final que foi Joabe quem matou Absalão. O mesmo que tentou levá-lo de volta acabou por destruí-lo! A lição aqui é que se buscarmos por alguém para trazê-lo de volta *antes* de existir uma mudança na pessoa, certamente não lhe estaremos fazendo bem. Além de ameaçar o bem-estar da assembleia, isso pode acabar destruindo a pessoa no que diz respeito àquela verdade.

É certo que Deus gostaria que nós nos preocupássemos com aqueles que esfriaram ou se afastaram da assembleia. A Palavra de

Deus diz: “Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado” (Gl 6:1). O Senhor reclama com os pastores que não vão atrás do rebanho desgarrado (Ez 34:4). Abraão buscou Ló quando este foi levado por um inimigo enquanto morava em Sodoma — um tipo do mundo em sua corrupção (Gn 14). O caso do ataque a Ziclague em 1 Samuel 30:8 é outro exemplo. Davi consultou o Senhor se deveria sair em busca daqueles que tinham sido levados pelos Amalequitas (uma figura da carne). O Senhor lhe disse que fosse atrás deles, e ao fazer isso foi bem sucedido. Davi recuperou a todos. Veja também Tiago 5:19-20.

Muitas outras passagens das Escrituras poderiam ser mencionadas para demonstrar que definitivamente temos a responsabilidade para com os errantes. Mas depois de repetidos chamados e visitas, chega um momento em que precisamos parar e perguntar: “Será que esta pessoa está em condições de ser reunida, ou tudo não passa de meus esforços?”. Se Deus não estiver efetivamente trabalhando com alguém neste sentido, estaríamos trabalhando contra Ele, ou ao menos nos precipitando em fazer Sua obra nessa pessoa. Afadigar-mo-nos por pessoas que talvez não tenham a fé ou convicção para andarem nesta senda pode não passar de uma obra da carne. Chega um momento quando devemos deixá-las com o Senhor até que Sua obra seja evidente nelas. É preciso estar em comunhão com o Senhor para saber *quando* devemos buscar alguém que abandonou a assembleia. Alguns podem não passar de causadores de problemas (Pv 6:19), e precisamos ter cuidado para não trazer pessoas assim para o convívio com os santos. Se por um lado podemos ser obrigados a deixar certas pessoas com o Senhor durante algum tempo, por outro jamais deveríamos deixar de orar por elas (1 Sm 12:23).

Haverá um dia maravilhoso quando *todos* os santos de Deus estarão congregados a Cristo em Sua vinda (2 Ts 2:1). Aguardamos aquele dia com feliz expectativa! Enquanto esse dia não vem,

estejamos confiantes de que o Senhor irá manter o Seu testemunho remanescente da verdade do *“um só corpo”*.

Apêndice - Grupos cismáticos dentre os conhecidos como “Irmãos”

As divisões e cismas manifestadas no testemunho cristão sempre tiveram um começo. Se alguém estiver pensando seriamente em entrar em comunhão com um grupo de cristãos que professa estar congregado sobre os princípios da Palavra de Deus, é bom indagar sobre sua origem. Cada reunião de cristãos tem uma história. W. Potter escreveu: “Qual é a origem de tal e tal reunião? Por que eles se reúnem separados de outros? Sua posição é bíblica?”. Estas são perguntas importantes que devem ser feitas.

A ideia equivocada de que Deus iria reconhecer mais de uma expressão da verdade do *“um só corpo”* não é nova. Desde o início dos anos 1900 já circulavam panfletos propondo tal linha de pensamento por aqueles que buscavam amalgamar as diferentes divisões entre aqueles conhecidos como “Irmãos” para fazer delas uma única comunhão. Mais tarde eles acabariam sendo conhecidos como a comunhão de KLC (Kelly/Lowe/Continental), apesar de não levarem formalmente tal título. Aqueles que fazem parte dessa amalgamação não acreditam que exista, na prática, uma expressão divinamente reconhecida da verdade do um só corpo. Eles creem que a mesa do Senhor não poderia estar em um único lugar, ou apenas entre os que fazem parte de uma única comunhão de cristãos. Eles acham que o Senhor está no meio de qualquer grupo de cristãos que esteja reunido de acordo com o padrão bíblico. Eles acreditam que o Senhor está no meio desses grupos dando Seu aval à sua existência, mesmo que esses grupos possam não estar em comunhão uns com os outros. Alguns desses grupos surgiram a partir de divisões ocorridas entre eles no passado. Escutamos um líder nesse grupo conhecido como KLC

dizer: “Cremos que vocês estão congregados pelo Espírito ao Nome do Senhor sobre o terreno do um só corpo, e têm o Senhor em seu meio *tanto quanto nós*. A única diferença é que na prática nós não temos comunhão uns com os outros”. Não é difícil perceber a razão de eles sustentarem tal opinião. Eles foram obrigados abrir mão da verdade do único centro de reunião a fim de levarem adiante seu plano de unir os vários grupos fragmentados dentre os irmãos.

Quando uma afirmação assim é colocada à prova pelos princípios da Palavra de Deus que temos apresentado nos capítulos anteriores, vemos que simplesmente não pode ser possível que ambos os grupos estejam sobre esse terreno e separados entre si. Primeiro, os grupos de cristãos que partiram para essa amalgamação estiveram todos um dia com aqueles congregados ao Nome do Senhor no verdadeiro terreno da igreja, mas suas origens estão na recusa de se submeterem a uma decisão da assembleia que fora tomada em Nome do Senhor Jesus. Em algum momento do passado Eles se rebelaram contra certas decisões da assembleia e saíram do divino centro de reunião. Então, após estarem reunidos por algum tempo como uma divisão, tiveram essa ideia de tentar amalgamar grupos similares entre si. Depois de fazerem isso ainda se dizem congregados ao Nome do Senhor e à mesa do Senhor — exatamente como aqueles de quem se separaram muitos anos antes. A única diferença, dizem eles, é que nós não estamos em comunhão com eles na prática. Perguntamos: Como um movimento assim pode vir de Deus? É inconcebível que um grupo assim poderia estar sobre o verdadeiro terreno da assembleia considerando que seu ponto de partida foi totalmente errado. Como algo que começou com uma rebelião e afastamento do terreno divino se transformaria mais tarde no terreno divino só com a passagem do tempo? Será que o Senhor iria sancionar Sua presença em um grupo que se dividiu dos santos congregados ao Seu Nome e teve como origem a recusa de se sujeitar a uma decisão da assembleia que o Senhor havia ligado no céu? A fim de aco-

modar cada um dos grupos unidos por essa amalgamação eles tiveram de abrir mão de determinadas verdades relacionadas ao erro que cada novo grupo particularmente adotou ao abandonar o centro divino. Uma verdade que em todos os casos foi comprometida foi a de que a mesa do Senhor só poderia estar em um lugar — isto é, em uma única comunhão de cristãos.

A segunda coisa que demonstra que essa comunhão conhecida como KLC não poderia estar no mesmo terreno daqueles que estão à mesa do Senhor, que eles abandonaram em uma divisão ocorrida há muitos anos, é que eles ocasionalmente eles acabariam recebendo pessoas que abandonaram ou foram excluídas da comunhão à mesa do Senhor. Isto é negar na prática a confissão de que ambas as comunhões estejam sobre o mesmo terreno, pois (como já vimos) quando uma decisão é tomada em Nome do Senhor Jesus ela deve ser acatada por todos os que se encontram no terreno do *“um só corpo”*. Se uma assembleia congregada ao Nome do Senhor recebesse alguém que outra assembleia similarmente congregada sobre o mesmo terreno tivesse excomungado, isto seria deixar de lado a ação do Espírito Santo na tomada de decisões e negar a unidade do corpo. Se ambas as comunhões estivessem sobre um mesmo terreno elas iriam reconhecer as decisões umas das outras. É verdade que eventualmente o inverso tem acontecido — os que foram excomungados de tais grupos têm sido recebidos entre os congregados ao Nome do Senhor. Mas isto é porque os santos congregados à mesa do Senhor não reconhecem as decisões desses grupos como tendo sido ligadas no céu pela autoridade do Senhor, pois o terreno que eles assumiram com sua divisão é cismático e feito pelo homem. Além disso, os santos congregados de modo algum afirmariam que ambos os grupos estejam sobre o mesmo terreno.

Se o grupo conhecido por KLC realmente quisesse que ambos os grupos estivessem juntos em comunhão (como dizem querer), então tudo o que precisariam fazer seria reconhecer que estão em um terreno de divisão por terem deixado a mesa do Senhor, e que

seguiram assim com aqueles grupos que rejeitaram diferentes decisões de assembleia tomadas ao longo dos anos. Se eles quisessem se arrepender e retornar ao centro divino tudo seria sanado. Então eles poderiam ter o que dizem querer. É claro que tal retorno precisaria ser individual (Is 29:12). Não poderia se esperar que aqueles que estão congregados ao Nome do Senhor fizessem vista grossa a essas tristes divisões e amalgamações ocorridas nesse movimento, pois se assim fosse, estariam sendo coniventes com a rebelião. *“Portanto assim diz o Senhor: Se tu voltares, então te trarei, e estarás diante de Mim; e se apartares o precioso do vil, serás como a Minha boca; tornem-se eles para ti, mas não voltes tu para eles”* (Jr 15:19).

O desejo de estarmos juntos é válido. Todos nós deveríamos estar sobre um só terreno, mas isto não pode ser feito comprometendo a verdade do único centro de reunião. Voltar ao ponto em que ocorreu a divisão e reconhecer o erro que foi não terem se sujeitado a uma decisão de assembleia é a única maneira de se obter uma restauração divina. É algo que deve ser confessado, e não meramente na forma de uma humilhação genérica por causa da má condição que levou os santos a se dividirem. O princípio correto para solucionar todas as divisões entre o povo de Deus é o arrependimento e a volta ao ponto de partida. [Ver nota]

[Nota: Talvez eles não concordem com isso, pois nas reuniões que os levou a se amalgamarem (ainda em divisão do centro divino de reunião) houve muita oração e humilhação. Mas o que dizer da confissão do mal feito pela rebelião contra as decisões de assembleia tomadas em Nome do Senhor e do abandono do centro de reunião? Parece que o que desejam é uma solução sem um verdadeiro arrependimento e reconhecimento daquilo que foi feito — do fato de que eles têm se mantido ligados a um grupo que saiu do divino centro de reunião por terem se recusado a se sujeitar a uma decisão de assembleia.]

O problema é que o reconhecimento do erro que foi não se sujeitarem às decisões de assembleia tomadas em Nome do Senhor é humilhante demais. Sabemos o quão difícil é nos humilharmos. J.

N. Darby escreveu que a submissão é o grande princípio para a restauração da humanidade. Ele disse também que a *humildade* seria o segredo da comunhão e o *orgulho* a causa de divisão. Ao invés de voltarem ao ponto de partida, aqueles que fazem parte desse movimento iriam preferir trabalhar para reunir irmãos de vários grupos divididos sobre o princípio errôneo da amalgamação, e à custa de abrir mão da verdade do único centro de reunião — a mesa do Senhor.

Já foi muito bem documentado que J. N. Darby, C. H. Mackintosh e outros professavam a verdade de uma mesa do Senhor, onde Cristo está no meio como o centro divino de reunião. Há também muitas evidências que demonstram que muitos dos líderes que causaram essas divisões também professavam a verdade de uma única mesa do Senhor, mas abriram mão disso a partir do momento em que saíram na divisão. Por exemplo, quando perguntaram a S. Ridout por que os irmãos que apoiaram Grant naquela divisão partiram o pão apressadamente logo no primeiro dia do Senhor após ele ter sido colocado fora de comunhão, ele respondeu: “Acreditamos que em 1884 muitos de nós, antes da divisão, tinham em comum o pensamento de que *nós* tínhamos exclusivamente a Mesa, e por isso não podíamos deixar passar um único dia. Cremos que por esta razão houve pressa em partir o pão em Craig Street, Montreal, sem interrupção”. Poucos meses depois ele escreveria outra carta falando do que “constitui ou caracteriza a mesa do Senhor, afirmando que nenhum grupo pode reivindicar a posse exclusiva dela” (N. Noel, “History of the Brethren”, vol. 1, p. 342-343). Deste modo S. Ridout admite que eles *costumavam* professar a verdade de uma única mesa do Senhor, mas que abriram mão disso.

Existe também uma citação de uma publicação feita por Grant em 1914 que diz: “Talvez a questão mais importante que pesa do nosso lado da balança, se podemos dizer assim, quando tudo é tão precioso e vital, é a verdade de que nenhum grupo de cristãos, nem mesmo nós, pode reivindicar um monopólio da mesa do

Senhor, ou de estar congregado em Nome do Senhor. Se esta verdade fosse conhecida trinta anos antes, talvez a divisão tivesse sido evitada” (“The Gleaner”, Fevereiro 1914). Aqui temos mais uma vez um reconhecimento de que a verdade do único centro de reunião fora um dia professada e mais tarde abandonada. Assim, tendo abandonado o ensino de um único centro de reunião, eles passaram a chamar de “grande verdade” o abandono da verdade. Que triste prova de autocongratulação da parte daqueles que se gloriam em sua própria vergonha.

Encontramos também N. Noel (um irmão ligado a essa amalgamação) elaborando o assunto em muitas de suas páginas de “História dos Irmãos” — e assim desviando-se do objetivo do livro que seria o de apresentar a história — numa tentativa de provar que não existe algo como a mesa do Senhor estar em um único lugar, e que não existiria diferença entre a mesa do Senhor e a ceia do Senhor. É possível perceber que ele estava incomodado, enquanto tentava convencer seus leitores desse assunto. Nossos comentários sobre os dois aspectos da assembleia e da mesa do Senhor nos capítulos anteriores demonstram claramente que J. N. Darby e outros irmãos do princípio não concordavam com tal ponto de vista. Será que aqueles primeiros irmãos se enganaram naquilo em que acreditavam e que custou a eles um tão alto preço? Será que J. N. Darby e outros de sua época estariam todos enganados neste aspecto? Estariam S. Ridout, N. Noel e outros andando tão próximos do Senhor após o declínio atingir o testemunho remanescente, que seu discernimento espiritual excedia o dos irmãos que vieram antes deles? É bem óbvio que os irmãos do início tinham um entendimento e discernimento espiritual que superava o dos que vieram depois — inclusive nós. Eles também possuíam um dom que excedia tudo o que hoje conhecemos. As verdades cardeais que foram apresentadas por aqueles que nos ensinaram não deveriam ser levemente deixadas de lado.

Agora perguntamos: “Quem foi que mudou sua doutrina eclesiástica? Quem foi que abandonou a verdade que tinha sido gracioso-

samente recuperada para os santos por aqueles dotados irmãos que Deus levantou para esse propósito? Aqueles que procuram preservar as coisas que nos foram ensinadas por aqueles irmãos do passado tão somente buscam guardar “o bom depósito” de verdade (2 Tm 1:14) que foi recuperada para a igreja. Ela nos foi legada por uma geração anterior de homens fiéis. Temos de admitir que ela tem sido mantida em meio a muita fraqueza, mas este tem sido nosso grande objetivo. Recordamos a exortação de Paulo a Timóteo com respeito às coisas que ele havia escutado de Paulo. Era para ele transmitir a mesma verdade a homens fiéis que pudessem instruir outros. Enfatizamos que deveria ser a mesma verdade, pois Paulo estava instruindo Timóteo a ensinar a outros as mesmas coisas que ele (Timóteo) tinha aprendido de Paulo (2 Tm 2:2). Ele não devia alterá-las ao seu bel prazer para depois passá-las adiante, pois se ele e outros fizessem isso a verdade que Paulo lhe havia dado logo estaria perdida.

O cerne da questão está em que esses que se amalgamaram tiveram de abrir mão da verdade do único centro de reunião a fim de conseguirem juntar os vários grupos de irmãos em sua reunião. Ao apontarmos estas coisas não é nossa intenção acusar ou ofender, mas mostrar exatamente o que aconteceu. Na verdade parece que sempre que alguém abandona a mesa do Senhor essa pessoa passa a acreditar que a mesa não está em um único lugar.

— o —